



HERMAN KAHN AO DL:

“DUAS SUPERPOTÊNCIAS NO ANO 2023: OS EUA E A URSS SEGUIDOS PELO JAPÃO”

Entrevistado pelo «Diário de Lisboa», o prof. Herman Kahn fez algumas afirmações importantes sobre o futuro do mundo, assentes nos estudos científicos que tem realizado no Hudson Institute de que é director e foi fundador. A lenda deste homem começou quando, em 1969, fez previsões para a década de 70 que saíram certas. Estamos a vivê-las. Ao ler-se um estudo por ele elaborado e publicado no livro «Rumo ao Ano 2018» fica-se espantado.

«Durante a próxima década — escreveu o prof. Kahn — as nações vão revelar falta de objectivos nos seus negócios políticos, sem resolver nenhum dos seus principais problemas. O Mercado Comum vai transformar-se numa união alfandegária restritiva. Os Estados Unidos e a Comunidade Económica Europeia vão continuar decididos a proteger a agricultura em detrimento da Alemanha Ocidental, o que vai intensificar, por parte desta última, a busca de mercados no bloco

oriental (são recentes os acordos e as aproximações entre Bonn e Moscovo). A começar nos meados de 1970, o desemprego nos Estados Unidos aumentará progressivamente, o Governo manterá a sua política de despesas deficitárias (Imprensa de ontem: «Os Estados Unidos voltaram a registar um «déficit» no seu comércio com o resto do mundo durante o

mês de Maio em que as importações excederam as exportações em 157.900.000 dólares») e só o vazamento em forma de um continuado «déficit» de pagamentos impedirá a inflação aguda. No fim da década de 70 o mundo estará saturado de dólares (lembra-mo-nos, todos, das crises do dólar e do ouro que se verificam ciclicamente de há um

Entrevista de NUNO ROCHA



Herman Kahn

ano a esta parte).

Mas Herman Kahn fez outras previsões que se confirmam, o que lhe dá autoridade para nos dizer o que vai ser o mundo depois do ano 2000. Eis uma das suas afirmações prestadas ao «Diário de Lisboa»: «Pelo ano de 2023, haverá duas grandes superpotências: os Estados Unidos e a Rússia, seguidas de perto pelo Japão.»

Quem nunca tivesse ouvido falar de Herman Kahn — infelizmente milhões de pessoas ignoram quem são as grandes inteligências do nosso tempo — e o visse desembarcar ontem do avião da TAP de Madrid, não lhe ligaria a mínima importância. Olharia com indiferença para este homem bojud, capaz de andar em passo de canguru apesar do seu enorme peso, com um casaco no braço, uma mala (já velha) a tiracolo e as calças bastante acima dos sapatos. E ele teria passado despercebido, como mais um turista (não muito rico) em busca de um familiar remoto, pois nem sequer trazia esse ar de quem vai habitar um bom hotel em período de

Continua na pág. 10

A CÂMARA DECIDIU

TRANSPORTES MAIS CAROS

Carris: aumento de \$50

Na reunião mensal da Câmara de Lisboa, foram hoje aprovadas as novas tarifas de transportes em eléctricos da Carris e foi dado parecer favorável ao aumento das tarifas dos autocarros, cuja aprovação compete ao Ministério das Comunicações. O aumento proposto e aprovado cifrava-se em média em \$50, com excepção de algumas carreiras especiais e dos elevadores. O aumento deve-se ao facto de ter sido «finalmente aprovado o novo contrato de trabalho entre a Carris e o seu pessoal, contrato que acarreta encargos para aquela empresa superiores a cem mil contos anuais».

Deste modo, passam a ser as seguintes as tarifas dos eléctricos lisboetas: uma ou duas zonas, 1\$50; três ou mais zonas, 2\$00. As carreiras para operários, em percurso com uma ou duas zonas, bilhetes de ida e volta, passarão para 1\$50 e, para três ou mais zonas, para 2\$00. As carreiras entre a Cruz Quebrada ou Estádio e a Praça do Comércio passarão a custar 2\$50 e os bilhetes que dão correspondência para o Metropolitano também 2\$50, dos quais 1\$30 são concedidos a esta empresa.

Para os autocarros as tarifas propostas e que mereceram parecer favorável por parte dos vereadores são as seguintes: uma zona, 1\$50; duas zonas, 2\$00; três zonas, 2\$50; quatro zonas, 3\$00 e cinco ou mais zonas, 3\$50. Permanecem inalteráveis as tarifas da ponte sobre o Tejo e seus acessos, a carreira «Expresso 1», e as carreiras entre a Praça do Comércio e o Estádio Nacional.

No entanto, as novas tarifas dos eléctricos só deverão en-

trar em vigor após a respectiva homologação do Ministério das Comunicações e, no caso dos autocarros, após a sua aprovação que é da competência do Ministério. Ainda no que respeita a esta alteração e aos prejuízos anuais que se têm registado na Companhia Carris de Ferro de Lisboa, o presidente da Câmara anunciou que as negociações do Município com a Companhia «têm prosseguido dentro do melhor espírito de compreensão e encontram-se quase concluídas, aguardando-se a assinatura dos respectivos contratos, oportunamente, ficando a Câmara Municipal de Lisboa com 67 por cento do capital da empresa».

Foi ainda anunciado que se abriu concurso para a ampliação de quatro estações do Metropolitano, de duas para seis carruagens, bem como das restantes, esperando-se que o desenvolvimento da actual rede comece no próximo ano.

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Mesa Redonda»:

— O DIREITO ÀS FERIAS ESCOLARES, um «dossier» de Calvet de Magalhães sobre a definição dos períodos de férias, em que se discute a organização do ano escolar.

— A CONSTRUÇÃO EM MONSANTO E UM DESVIO JURIDICO, entrevista com o paisagista prof. Caldeira Cabral.

— O PODER DO CONSUMIDOR, «OS 100 MAIS...», «POLÍTICA DE SOLOS» e «ASSIM VAI O MUNDO...».

LAVOURA: SUBSISTIR É O LEMA



«Ai a nossa lavoura!»

parece dizer este agricultor de 75 anos, António Almeida, da região de S. João das Lampas, concelho de Sintra, ainda a viver na sua pequena propriedade. No entanto, ele não tem muita razão de queixa pois o dinheiro que lhe sobra não sabe ele como empregá-lo: comprar um tractor não pode a terra não quer. Este é o caso particular do pequeno lavrador de uma freguesia considerada como a de maior índice de tractores por hectare de toda a Europa, num país que se destaca exactamente pelo motivo oposto. (Pág. 14).

O julgamento de João Abel Manta e do nosso director

A falta de hábito, da necessidade e da possibilidade do «cartoon» ou caricatura crítica em Portugal foi o tema principal do depoimento do arq. João Abel Manta no final da sessão de ontem do julgamento em que responde, com o director do «Diário de Lisboa», por ofensas ao respeito devido à bandeira nacional, em abuso de liberdade de imprensa. A audiência foi adiada para 16 de Julho, às 10.30.

O processo iniciou-se, conforme temos noticiado, por

uma queixa do director-geral da Informação à Polícia Judiciária, que veio a considerar criminosa a publicação, no nosso suplemento «A Mosca» de 11 de Novembro último, dum «poster» em que certos elementos da bandeira portuguesa se integravam no conjunto dum desenho alusivo às «representações nacionais» nos festivais da canção. A gravura intitulava-se Festival.

Prestando declarações antes de João Abel Manta, o dr. António Pedro Ruella Ramos con-

siderara que a acusação pública tinha invertido a interpretação lógica do desenho, pois tomara como ofensa o que precisamente se pensaria como desagravo ao facto de a bandeira andar por todo o lado, em sessões taurinas como em quadros de revista e no palco de festivais.

UM «ROMANTISMO»

Não tenho muito a acrescentar às minhas declarações na

GUERRILHEIROS RECUSAM-SE A OBEDECER A CAMPORA

BUENOS AIRES, 28 (R.) — Chefes do Exército Revolucionário Popular (ERP) da Argentina avisaram a noite passada que não aceitarão as ordens do presidente Hector Campora para cessarem as operações e entregarem as armas.

Falando numa conferência de imprensa clandestina, que se realizou perto desta capital,

o chefe do ERP, Mario Roberto Santucho, declarou que, se o governo continuasse com o que classificou como política de repressão popular, os seus guerrilheiros ripostariam na linha da frente.

Santucho, de 36 anos, aludia ao discurso feito pelo presidente na segunda-feira em que o dr. Campora afirmou que a violência não seria mais tolerada e ordens subsequentes do Governo, proibindo a venda de armas de fogo e ocupação

forçada por militares peronistas de edifícios públicos.

«Enquanto o Governo está a armar os fascistas até aos dentes, tenta, ao mesmo tempo, desarmar os revolucionários» — acrescentou Santucho.

Entretanto, anunciou-se hoje que o antigo presidente Juan Peron de 77 anos, se encontra doente com gripe e febre, justamente uma semana depois de ter regressado de Espanha a esta capital, terminando um exílio de cerca de 18 anos.

**CUSTOU 10 MIL CONTOS
O NOVO SERVIÇO
DE REANIMAÇÃO
DO HOSPITAL DE SANTO
ANTÔNIO DO PORTO
(Pág. 28)**

DL/NACIONAL

«MUDANÇAS E ENGANOS»

(Os Lusíadas como documento histórico, cultural e literário)

por Stephen Reckert

«Reckert é professor «Camões» da Universidade de Londres, e aplica ao poema uma tentativa de análise paraestruturalista com o rigor sintético, próprio dos ingleses. Importa conhecer».

Observador

A venda nas livrarias / preço: 30 esc.

Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»



FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM



Seria o corpo dela
mais uma forma
de exprimir
a sua arte?



o filme de Ken Russell

o rebelde genial

"Savage Messiah"

com

DOROTHY TUTIN · SCOTT ANTONY · HELEN MIRREN

Argumento de CHRISTOPHER LOGUE Bas no livro de H.S. EDE
Produção de KEN RUSSELL

HOJE, Estreia no

estúdio
444

METROCOLOR

GRUPO D- 18 anos

“VELAR PELOS VALORES ESSENCIAIS DA SOCIEDADE EXISTENTE”

-Objectivo da Justiça segundo Marcello Caetano

A meio da tarde de ontem, no Palácio de S. Bento, o Presidente do Conselho recebeu as delegações representativas dos Concelhos beneficiados pela restauração ou criação de tribunais, no âmbito da recente reforma judiciária. Respondendo aos presidentes das Câmaras de Évora e de Vouzela, que em nome das delegações agradeceram as medidas governamentais, declarou o prof. Marcello Caetano:

«Mais uma vez me foi impossível evitar que viessem aqui.

Porque a produzir-se em Lisboa a manifestação de regozijo das localidades beneficiadas pelas providências promulgadas em 4 de Maio sobre a divisão judiciária — essa manifestação deveria dirigir-se ao Ministério da Justiça.

Acompanhei — mas limitei-me a isso...os trabalhos que nesse Ministério precederam a elaboração da lei. Sou testemunha do cuidado com que, relativamente a cada comarca, se apuraram os números representativos do seu movimento. Vi o escrupulo com que se fixaram os critérios da capacidade de um tribunal para satisfazer as necessidades dos povos que deve servir. Assisti aos estudos da remodelação do mapa judicial do País, sempre dominados pela preocupação da comodidade das populações. E em tudo isto admirei a dedicação, o fervor o entusiasmo postos pelo Senhor Ministro da Justiça ao serviço desta reforma que tomou a peito conduzir a bom termo.

Se a alguém são, pois, devidos louvores, pelo que fez e pelo grupo de colaboradores de que se rodeou — é ao Senhor Doutor Mário Júlio de Almeida Costa.

Referindo-se à situação das zonas rurais, prosseguiu:

«Na verdade o Governo está empenhado em dar vidas às zonas rurais. Sabe-se como corremos o risco — fenómeno que não é só português! — de ver as aldeias e as vilas do interior despovoar-se, não só por efeito da emigração para o estrangeiro (em grande parte temporária) mas sobretudo pela atracção dos centros urbanos.

A política a seguir não deverá ser a de tentar salvar todas as aldeias: mas de procurar reunir naqueles centros populacionais com maiores possibilidades de sobrevivência o máximo de recursos e de comodidades. De modo que nesses centros as pessoas encontrem o conforto das cidades — juntamente com as inegáveis vantagens da proximidade da Natureza.

Por isso o Governo está a procurar encaminhar para as zonas rurais as actividades económicas que é possível, vai estimulando a reconversão da agricultura: com a multiplicação das casas do povo estendeu a rede da previdência social aos trabalhadores do campo; ao mesmo tempo que tem redobrado o seu esforço em dotar essas zonas com comunicações fáceis; energia, água e saneamento, de modo que as pessoas não se sintam desfavorecidas por permanecer na província.

Esclarecendo os objectivos da reforma judiciária, concluiu o prof. Marcello Caetano:

«Mas a um velho professor de Direito não se estranhará que neste caso ponha em evidência o objectivo do melhoramento da administração da justiça. A criação de uma Nova Relação e de tantos tribunais novos teve antes de mais e acima de tudo este fim: o de facilitar a muitos portugueses a obtenção da jus-

tiça, de uma justiça que, de olhos bem abertos, possa, a tempo e horas, velar pelos valores essenciais da sociedade existente.

Perfazem-se por este dias quarenta anos desde que entrei como professor para uma das nossas faculdades de direito. Permitam-me que olhando para esse largo período de ensino eu reveja com orgulho tantos actuais magistrados que como estudantes passaram durante ele pelos bancos da minha escola e que a têm honrado pelo apuro da sua conduta e pela ilustração do seu saber. Neles saúdo toda a magistratura portuguesa. Certo de que um país que tenha uma magistratura serena e isenta, fiel aos valores que lhe cumpre defender, é um país que pode encerrar com optimismo as possibilidades da resistência aos ataques violentos e aos desafios audaciosos que neste momento histórico, procuram destruir o Estado, aniquilar o Direito e subverter toda a Ordem Social.»

“OS BANCÁRIOS DE COIMBRA SEM REPRESENTAÇÃO NA CAIXA DE PREVIDÊNCIA”

A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Coimbra enviou-nos uma carta a propósito da notícia que publicámos no passado dia 18 de Junho, sob o título «Os bancários de Coimbra sem representação na Caixa de Previdência». Segundo aquele Sindicato, impõe-se uma rectificação. «Pois a mesma (notícia) enferma de inexactidões graves e tendenciosas».

As rectificações que o Sindicato considera necessárias seriam as seguintes:

As três Direcções dos Sindicatos de Empregados Bancários do País, depois de diversas reuniões para o estudo de problemas relacionados com a sua previdência, entre os quais o da representação, chegaram unanimemente a um acordo que salvaguarda a legitimidade dos interesses de todos, acordo esse

posto à apreciação da Assembleia Geral do Sindicato de Coimbra, e pela mesma ratificado.

«Por outro lado, é absolutamente destituída de verdade a informação prestada por esse Jornal de que o ofício do Ministério que comunica o sancionamento dos novos representantes sindicais na Comissão Organizadora da Caixa de Previdência tenha sido sequer lido, quanto muito menos apreciado em Assembleia Geral.»

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE LISBOA

Conforme anunciado antes da suspensão dos trabalhos da sessão extraordinária da Assembleia Geral, reunida em 26 do corrente, a mesma sessão prosseguirá dia 28, hoje pelas 20 horas, no salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário 9 a 15, em Lisboa.

Como a sessão foi suspensa no decorrer do ponto 2., encontrando-se, portanto, cumprido o ponto 1., a ordem dos trabalhos é a seguinte:

2. Revisão do Contrato Colectivo de Trabalho.

Industrialização dos produtos agrícolas

Os ministros da Economia e do Ultramar e os secretários da Agricultura e da Indústria, examinaram um despacho conjunto pelo qual é criado um grupo de trabalho para estudo de um programa que estabeleça as coordenadas de uma mais profícua política de industrialização dos produtos agrícolas.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

R. DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila) — Telef. 4 47 30 e 55 35 75

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971

PREPARAÇÃO PARA
SECRETÁRIAS

E
CORRESPONDENTES ESTENODACTILÓGRAFAS

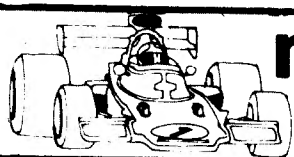
EM

PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS

A frequência dos dois primeiros anos constitui forma legal de cumprir a escolaridade obrigatória com economia dum ano na conclusão do curso. A duração do curso e os métodos de ensino dependem das habilitações das alunas, que podem variar desde a 4.ª classe até ao 5.º ou 7.º anos liceais. As alunas têm direito a bolsas de estudo de institutos dependentes dos Ministérios das Corporações e da Educação Nacional.

Em geral, pouco tempo após a conclusão do curso as alunas estão colocadas, quase sempre por intermédio da Escola, satisfazendo constantes pedidos das empresas.

ENVIAM-SE BROCHURAS COM A ORGANIZAÇÃO DO CURSO



motorrevista

DL/OPINIÃO

O COMPUTADOR E A TABUADA

Pelas bandas da tecnologia, vão melhorando os equipamentos e as burocracias. Só um cego o não veria, e gente com olhos usaria de má-fé se o negasse. Atente-se, por exemplo e para exemplo, na recente criação de um Gabinete de Estudos criado no Ministério do Interior para análise permanente da situação financeira dos Municípios, que é, como se sabe, um dos maiores e mais agudos bicos-de-obra nacionais. As funções desse Gabinete, desde já, prometem muito, pois vão desde aquela análise ao exame das dificuldades que perturbam a actividade das Câmaras, dos estudos para a solução dos problemas ao incremento das técnicas mecanográficas, etc.. Não vai faltar que fazer.

Mas nem tudo são rosas como esta, ou, melhor dizendo, poucas são as rosas com que, mais ao rés da terra, podemos enfeitar-nos. Enquanto no Gabinete de Estudos se vai estudar o que de estudo carece efectivamente, e por esse estudo se normalizarão os serviços da administração municipal, por de mais acontece que as populações vêm cavar-se um fosso, ou não acudir ninguém a preenchê-lo, entre a modernização do aparelho administrativo e o arcaísmo de vida dos administrados. O progresso que nestes se verifica sofre, quase sempre, dos efeitos de uma desaceleração em relação ao avanço das estruturas superiores. Claro é que os computadores não podem ser postos ao alcance de toda a gente, mas contar pelos dedos é que já não serve a ninguém...

Em situação de contar pelos dedos está, por exemplo, mas não para exemplo, a população de Candal, aquela freguesia do concelho de S. Pedro do Sul de que se falou neste jornal há alguns dias. Requisitou telefone em 1957 (dezasseis anos contados dia por dia) e não tem telefone. E a fazer-lhe ironias negaças passa um traçado telefónico a menos de dois quilómetros... Electricidade, não têm, embora já tivessem entregado quarenta e quatro contos para ser feito o respectivo estudo... E no que toca a estradas, tirante um caminho aberto por iniciativa da população e com reduzido auxílio da Câmara (atenção a este ponto, que é importante), com o qual caminho enfim se ligaram a outros caminhos florestais que lhes permitem um mau acesso ao mundo, tirante isso a resposta é igual: não há... Por isto, e por todo o mais, não vão os médicos ao Candal de S. Pedro do Sul, não obstante serem pagos pelo que pedem. E esta história da assistência médica na província como a Nau Catrineta que teria muito de contar: toda ela é o equivalente de uma sola de molho que não se pode tragar...

Sem dúvida (voltamos agora ao ponto que tínhamos assinalado já) vai o Gabinete de Estudos do Ministério do Interior, quando lhe chegar a vez, examinar e ponderar a situação financeira do Município de S. Pedro do Sul, dar conselhos e ideias, propor mecanizações, dar àquela administração rural os benefícios de uma técnica inteligente e actualizada que permitirá fazer melhor e mais rapidamente. Mas, o dinheiro? Onde está o dinheiro que tornaria o «reduzido auxílio» para a abertura do caminho em «contribuição decisiva» ou, até, «totalidade de encargo»? Como vão dispor-se as coisas, os orçamentos, as dotações, os serviços técnicos e os financeiros, para que o Candal usufrua rapidamente do que lhe falta, conforme sua queixa e sua reclamação? Como se vai pagar esta dívida social, acumulada em gerações? Como vão ser consideradas as necessidades urgentes (sem a satisfação das quais a morte é certa) de todas as povoações que alinham com o Candal ou mais atrasadas estão ainda?

Sem intuitos de alarmismo, diríamos que há um trabalho de salvação nacional a realizar. Todas as autarquias locais se queixam de falta de dinheiro (até Lisboa, até Porto), mas será realmente certo que o dinheiro falte? Não se deveria começar por examinar as suas diversas aplicações? Mas quem o fará?

IGREJA E ESTADO EM ESPANHA

A Igreja e o Estado espanhol parecem prontos a renovar um diálogo parcialmente interrompido há vários meses.

O cardeal Vicente Enrique y Tarancon, arcebispo de Madrid e presidente da Conferência Episcopal Espanhola dirigiu — precisamente no dia da formação do novo Governo a 11 do corrente — uma carta ao almirante Luís Carrero Blanco, para lhe indicar que estava pronto a «dialogar». O almirante Carrero Blanco, acrescentam nestes meios, «respondeu positivamente, na volta do correio».

Cartas análogas foram enviadas pelo presidente da Conferência Episcopal e por muitos altos responsáveis da Igreja ao novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Laureano Lopez Rodó, e ao novo ministro da Justiça (de que dependem as «questões religiosas»), Francisco Ruiz Jarabo. Segundo as mesmas fontes a resposta dos membros do Governo foi favorável ao diálogo.

As relações entre a Igreja e o Estado, difíceis há muitos anos em virtude da atitude crítica de certos prelados para com o regime, encontravam-se num beco sem saída há muitos meses.

O Governo espanhol respondeu com o silêncio ao documento a respeito da Igreja e da comunidade política adoptado em Janeiro de 1973 pela Conferência Episcopal e no qual os bispos pediam uma revisão da Concordata de 1953 entre Madrid e o Vaticano, e uma independência recíproca do trono e do altar, dentro de um espírito de colaboração leal. Nos meios religiosos informados, afirma-se mesmo que as relações entre o Vaticano e Madrid atravessavam uma fase particularmente difícil desde a última visita ao Papa, em Janeiro de 1973, de Gregorio Lopez Bravo, então ministro dos Negócios Estrangeiros. O Sumo Pontífice, afirma-se nestes meios, não apreciou nada as críticas formuladas pelo chefe da diplomacia espanhola para com certos bispos.

A declaração do novo Governo espanhol sublinhando a necessidade de uma «independência recíproca da Igreja e do Estado» e de uma «leal colaboração» entre os dois poderes foi acolhida favoravelmente no Arcebispado de Madrid, que se tornou, sob a direcção do cardeal Tarancon, no centro directo da vida religiosa do país.

«E uma aceitação de facto», sublinha-se nos meios próximos do prelado, das conclusões do documento episcopal sobre a Igreja e a comunidade política.

A composição do novo Governo é um motivo de esperança para aqueles que tentam — ao lado do cardeal Tarancon — encaminhar pouco a pouco e sem grandes atritos a Igreja de Espanha para a sua independência.

Nos meios próximos do cardeal Tarancon espera-se agora a «concretização» desta «vontade de diálogo» expressa pelo novo Governo. O primeiro problema a solucionar, nota-se, é o dos cinco bispos ainda vagos depois da última série de nomeações episcopais de Abril de 1973 (Gerona, Cadix, Trier, Avila e Zamora). A rapidez com que estes postos forem preenchidos será, segundo estes meios, o primeiro teste à vontade do Estado.



PEDRO MARTINS DA SILVA

UMA TELE-LIÇÃO

A correr para o emprego, para casa, para levar as crianças a... A correr, trabalha-se, descansa-se (paradoxo, mas não muito), vive-se. Freneticamente. Neste trem de vida, onde não há lugar para a paragem desabituada, para a paragem de estar porque sempre caminantes para algum lado desabitua-nos sobretudo a estar connosco. Às vezes, ocorre a paragem forçada. Vem a doença, mesmo pequena, e, por mais que a queiramos «correr» (a eterna mania do correr) à força de antibióticos, há sempre uma paragem para nos encontrarmos com nós próprios. Difícil de preencher, tanto mais

que a paciência é pouca. Recorre-se então a muita coisa, até à televisão, que lá está com o seu «ecran» mágico, pronta a queimar algum do tempo que, então, nos sobra.

Pois foi o que me sucedeu há tempo, e eis-me a assistir a algumas lições de Telescola. Dei o tempo por bem empregado, ao verificar como

alguns professores se esforçavam por «agarrar» os alunos. E como é difícil fazê-lo naquelas circunstâncias, em que só as ondas electromagnéticas ligam professor e alunos, e estes só estão representados pelo olho

frio, escuro e hipnotizador, da câmara! Mas quando o desejo de comunicar verdadeiramente é grande, consegue fortificar estas ligações e o professor «vai mesmo lá», lá onde estão os que quer ensinar. Fala mesmo com eles. Consegue, que eu vi, transmitir-lhes até a noção nítida das cores e das suas combinações, através de um canal de comunicação que não transmite a cor. Diz-se que o amor faz milagres, talvez este seja um deles. Do ensinar com amor.

Mas é bem verdade que não há bela sem senão! Estava eu já bem instalado neste regresso à Escola, quando, após umas questões sobre áreas e volumes de pirâmides (que não foram mostradas mas só desenhadas, sem perspectiva. Porquê? Talvez existam, quero pensar que sim, no local onde é feita a recepção), apareceu uma professora que vinha dar uma lição sobre Ciências Naturais. E a certa altura, começou a falar de argila, que podia amassar-se com água. E a professora, com uma das mãos, fazia o gesto de amassar, apelando para a imaginação dos alunos, para que ali surgisse a argila. Porque não levou, senhora pro-

fessora, um pedaço de argila, para exemplificar com realidade o que estava dizendo? Por exemplo à semelhança do seu colega que, frente a ramos de morangueiros, falou do contraste do verde com o vermelho, que logo ali apareceu, vivo?!

Mas a «coisa» continuou e evoluiu para barómetros. Barómetros que ali foram só figuras, de trama muito larga, de cortes dos ditos. Se ainda posso crer que, nos vários locais de recepção, existem sólidos de madeira que sejam pirâmides, não acredito que existam com essa abundância barómetros de Vidi, que possam abrir-se para ver, para «sentir» como são. Permite-me dizer-lhe, senhora professora, que perdeu uma oportunidade excelente de fazer uma lição viva. E de utilizar a televisão para uma das coisas para que ela pode, na verdade, servir bem: levar o espectador/aluno à primeira mão da realidade. Para ver os tais barómetros, para os ver por dentro, abertos por si. Outra forma (da sua forma), foi um impulso mais para levá-lo para um ensino só «livresco», para que não é necessária a televisão, nem o seu recitativo através dela.

«The Washington Post»/«DL»

TERRI SHANE

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NA AMÉRICA LATINA

WASHINGTON — O novo Governo peronista da Argentina reatou as relações diplomáticas com Cuba após 11 anos de quebra, um gesto que se espera venha a influenciar muitos outros países latino-americanos que têm estado a reexaminar a política de guerra fria para isolar Cuba.

O novo presidente da Argentina, Hector Campora, anunciou o reconhecimento, por parte do seu governo, do governo do primeiro ministro Fidel Castro, após uma reunião com o presidente cubano Osvaldo Dorticos, que fora um convidado de honra na cerimónia inaugural do governo Campora.

O reconhecimento de Cuba pela Argentina foi seguido, um dia depois, pelo levantamento da interdição do partido comunista, determinado por Campora.

Tanto Dorticos como o presidente chileno Salvador Allende foram tratados com a maior deferência durante as cerimónias de inauguração, enquanto que o enviado americano, o secretário de Estado William P. Rogers, se encontrava vários degraus abaixo na escada protocolar e um tanto obscurecido pela publicidade e aclamação popular dispensadas aos dois

presidentes esquerdistas.

Rogers e a maior parte dos outros diplomatas que assistiram às cerimónias foram, segundo consta, encorajados a manter-se fora das ruas apinhadas de peronistas em festa. Porém, os dois presidentes marxistas tiveram permissão para se deslocar de um lado para o outro e foram saudados com exclamações de regozijo por onde andaram.

O eclipse do enviado americano, uma situação que seria altamente improvável há alguns anos atrás, ilustra a rápida mudança de atitude na América Latina para com os comunistas em geral e para com Cuba em especial.

Como a administração Nixon tem prosseguido numa política de desanuviamento com as superpotências comunistas, muitos governos latino-americanos têm tentado libertar-se a si próprios das restrições da guerra fria ao negociar com os comunistas. A maior parte dos países desta zona têm agora relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética, e a China está a permutar missões comerciais com várias nações latino-americanas.

Porém, o mais importante problema da guerra fria na América Latina é o isolamento

de Cuba, decretado pela Organização dos Estados Americanos (OAS) a instâncias de Washington, nos primeiros anos da década de 60.

Durante os últimos três anos, as sanções da OAS contra Cuba têm diminuído. O Peru, o Chile, a Jamaica e Trindade e Tobago restabeleceram as relações com o governo de Castro num autêntico desafio às sanções estabelecidas.

O México nunca se juntou aos outros membros da OAS para cortar as relações com Havana. A Guiana, que não é membro da OAS, reconheceu, também, o governo de Castro.

Enquanto a oposição dos governos americanos a Castro se tem mantido inalterável, o anúncio de Washington do «fim do paternalismo» nas suas relações com a América Latina e a emergência de governos nacionalistas mais fortes nesta zona do globo tem tornado mais fácil, para muitos países latinos, a adopção de posições mais independentes relativamente a Cuba.

Castro, entretanto, tornou-se mais receptivo quanto a melhoras relações com outros governos latino-americanos. Cuba tem privado do seu apoio os movimentos rebeldes, e

Continua na pag. 11

DL/GERAL

Aprovado pela Câmara o plano da Avenida da Liberdade

Além da questão dos transportes colectivos, algumas outras foram contempladas com resoluções ou propostas, na habitual reunião mensal da Câmara Municipal de Lisboa. É o caso do estudo morfológico da Avenida da Liberdade, que recentemente foi apresentado pelo arquitecto Pedro Vieira de Almeida, e respectivo regulamento, a questão do trânsito na cidade e suas implicações e os novos horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais.

AVENIDA

Depois de apreciado o estudo elaborado por aquele arquitecto, concluíram os serviços camarários que o projecto «fomenta uma maior vitalização da zona, prevendo áreas de carácter público pedonal, de pequeno e médio comércio». Mais se concluiu «que assegura uma unidade de tratamento em toda a avenida», «que integra e remodela, coerentemente, os edifícios existentes, que pela sua qualidade própria fazem parte de um património comum que cumpre preservar» e, ainda «que assegura, não só a manutenção mas até o incremento de outras zonas de recreio e lazer».

Por isso, se propôs «que seja aprovado em princípio o Plano Morfológico e Regulamento da Avenida da Liberdade», com as reservas do estudo dos Serviços Municipais: que prossigam os estudos de pormenor do Plano com adaptações à orografia do terreno e parcelamento das propriedades; e que seja criado um grupo de trabalho e acompanhamento para a melhor realização do Plano.

O TRÂNSITO

Notando que «o problema do trânsito continua a constituir preocupação dominante da Câmara», o coronel Silva Sebastião afirmou: «Embora caótico de momento, creio que ainda será possível dominar o problema, sem dúvida com sacrifícios e incómodos para alguns».

E anunciou: «A Câmara propõe, dentro de dias, ao Governo, a publicação de algumas providências urgentes que a habilitem, numa primeira fase, ao controle eficaz do estacionamento e das cargas e descargas na via pública».

Por outro lado vai intensificar-se a fiscalização no tocante aos numerosos estacionamento privados de edifícios já construídos que foram desviados dessa finalidade e não hesitará usar da competência que a legislação em vigor lhe confere».

OS HORÁRIOS DO COMÉRCIO

O coronel Silva Sebastião afirmou, depois, uma questão levantada pelos novos horários dos estabelecimentos, em Lisboa:

«Oportunamente a Câmara Municipal de Lisboa, publicou o respectivo regulamento, cumprindo-me consignar uma palavra de muito apreço pela forma como o mesmo foi aceite quer pela Corporação do Comércio quer pelos Grémios e Sindicatos interessados, muito embora todos eles não tivessem visto satisfeitas algumas das suas reivindicações».

Sucedeu que, decorridos alguns dias, os estabelecimentos denominados charcutarias deixaram de encerrar ao domingo, o que causou compreensível estranheza, chegando-se até a levantar a interrogação da legalidade do regulamento camarário.

Não o regulamento camarário é inteiramente legal. Simplesmente o Governo, no Decreto-Lei n.º 56/73 já referido, guardou para si a competência da isenção de obrigatoriedade de encerramento semanal determinada nos termos do art.º 36.º do Decreto-Lei n.º 409/71.

E como até agora não foi alterado o despacho de 20 de Dezembro de 1971 que isentava da obrigatoriedade do encerramento semanal, entre outros, as charcutarias, estas, enquanto tal despacho não for alterado, continuarão isentas da obrigatoriedade de encerramento ao domingo».

O PARQUE DE MONSANTO

Referindo-se ao interesse que os órgãos da informação têm manifestado pelos problemas da cidade e com tal se sentindo agravado, o coronel Silva Sebastião respondeu, de certo modo, a algumas questões que tinham sido levantadas em artigo publicado no nosso suplemento «Mesa Redonda», de dia 1 do mês

passado intitulado «Lisboa está a perder o Parque de Monsanto». Afirmou sobre o assunto:

«Quem pode contestar por exemplo, a necessidade imperiosa de salvar o Parque de Monsanto? E tão evidente ela é que o Presidente da Câmara não tem quaisquer dúvidas em declarar que não cederá nem mais um metro quadrado do que dele existe, para além do que já se encontra comprometido, que não seja para utilização colectiva, isto é de toda a população. Que esta declaração tranquilize os receosos de que ele venha a desaparecer e faça desistir definitivamente, aqueles infelizmente numerosos, que ainda nutrem algumas esperanças de ali virem a dispor de áreas privativas destinadas a actividades limitadas a pequenos sectores».

E bastará um pequeno passeio por Monsanto num dos próximos domingos para que, quem possa ainda duvidar da justiça da medida, conclua que não mais será possível amputar ao Parque a mais pequena parcela, que não seja com manifesto prejuízo para a população, nomeadamente para a população mais humilde desta nossa cidade».

ODETTE DE SAINT-MAURICE CONTRA MÁRIO CASTRIM: JULGAMENTO AMANHÃ

Mário Castrim estará amanhã às 10 horas no banco dos réus do 9.º Juízo Correccional da Boa Hora. Motivo: «injúrias» que teria dirigido, em «abuso de liberdade de imprensa nas suas críticas de Televisão, à escritora Odette de Saint-Maurice».

Um dos textos foi publicado na «Voz Portuguesa» de 323 de Outubro de 1971. O outro, no «Diário de Lisboa» do dia seguinte. Castrim referia-se à qualidade dum adaptação das «Estrelas Propícias», de Camilo, da responsabilidade daquela senhora, que apodou de «escritora analfabeta em arte», entre outros comentários.

Mário Castrim é defendido pelos drs. Fernando Abranches-Ferrão e José Carlos de Vasconcelos. O dr. Sidónio Pereira Ribeiro representa a queixosa desde a «denúncia» inicial à Polícia Judiciária.

OS PROBLEMAS DA POLUIÇÃO TÊM DE SER RESOLVIDOS PELO ESTADO

-Opinião do prof. Jacques Piccard

A poluição constitui, juntamente com a guerra, dos mais graves problemas da humanidade, salientou o prof. Jacques Piccard numa conferência de imprensa realizada esta manhã, ao destacar os gastos inúteis da sociedade de consumo e as fontes de energia nuclear como principais responsáveis do flagelo.

A iniciar a reunião o dr. Esteves Belo, da Lisnave e Gaslimpo fez um pequeno balanço da Campanha que desde há seis meses aquelas empresas têm vindo a desenvolver no âmbito da Conservação da Natureza e Defesa do Meio Ambiente e da qual a vinda a Portugal do professor constitui um aspecto.

Para o prof. Jacques Piccard no entanto, o combate não se pode reduzir à iniciativa de uma ou outra empresa mas é ao Estado que deve competir a imposição de normas que obriguem o conjunto das empresas a nível nacional e internacional.

Ao ser-lhe perguntado se a sociedade não deveria mudar totalmente de modo a resolver o problema, o prof. discordou e localizou as mudanças a operar

na orientação psicológica das pessoas e na investigação tecnológica. «O que é necessário é orientar a curva da expansão de modo a que não se siga uma catástrofe. Com a quantidade de energia que actualmente se dispõe o clima será alterado. Seguir-se-á então ou um aumento de temperatura ou um resfriamento. No primeiro caso o mar subirá à volta de 200 metros, na segunda hipótese teremos uma nova época glacial. No quadro da economia de mercado e industrial é possível reduzir a energia em cerca de 50 por cento, através de melhor distribuição e eliminando os gastos supérfluos» — salientou.

Acerca dos aviões supersónicos que se estão a construir, tipo «Concorde» e «Tupolev», o problema — afirmou o prof. Piccard — «considero em que todos os dias a poluição atmosférica é um pouco maior e o caso dos aviões deste tipo altamente poluidores, fazem parte dos gastos supérfluos, de que vive a sociedade de consumo. Uma ida a Nova Iorque leva três horas; depois, do aeroporto ao centro da cidade leva-se duas horas...

Devia-se pois começar por regular os transportes terrestres. Tanto mais que depois deste nível de aspiração se passará para outro, dir-se-á que três horas é muito e que um foguetão leva 20 minutos, porque não viajar de foguetão?...

Não será o socialismo inevitável? Na opinião do cientista suíço, a resposta é afirmativa se se entender por socialismo a primazia da sociedade sobre o indivíduo, no sentido do Estado impor as normas da convivência. «Não, no sentido político».

Uma questão levantada e que interessa a este país marítimo e com indústrias ligadas aos barcos é a de que «o principal poluente dos mares são os petroleiros que despejam mais de 100 milhões de toneladas por ano poluindo as águas, as algas, o peixe e a comida».

Finalmente, foi salientado o perigo que a energia nuclear constitui, como uma das principais fontes de poluição. «Importa criar e desenvolver outras fontes de energia. Entre essas conta-se a das pequenas (e não grandes) barragens» — concluiu.

Encomendados mais dois navios de 316 mil toneladas

Com a presença do ministro da Marinha, almirante Pereira Crispo, o presidente do conselho de gerência da Sociedade Portuguesa de Navios Tanques (Soponata), Rui Maurício Correia Henriques (Seisal), e José Manuel de Melo, representante dos estaleiros da Setenave e representantes dos estaleiros suecos Eriksbergs, realizou-se esta manhã, na sede da Soponata, a cerimónia da assinatura da encomenda de dois novos navios de 316.000 toneladas dw, cada, feita por esta sociedade à Setenave e à firma sueca Eriksbergs, respectivamente.

Depois de terem usado da palavra os senhores Rui Maurício Correia Henriques e Jorge Manuel de Melo, focando o interesse da encomenda, o ministro da Marinha analisou a situação da frota nacional, frisando:

«Em Setembro de 1968 a nossa frota de comércio — longo curso e cabotagem — englobava 111 navios, correspondentes, no total, a 741.000 TDW e a 624.000 TAB, era de 20 anos a idade média dos navios».

Depois dessa data e até ao fim deste ano, foram ou serão incor-

porados 62 navios, correspondendo a 947.000 TDW e a 594.000 tab, o respectivo investimento regula por 6,5 milhões de contos.

Durante o mesmo período foram ou serão abatidos 36 navios, com idades compreendidas entre 14 e 60 anos.

Assim, é de prever que no fim deste ano a nossa frota de comércio seja constituída por 137 unidades, com 1.504.000 TDW e 1.023.000 TAB, sendo de 15 anos a idade média dos navios.

Quer dizer, nestes últimos 5 anos a TDW da nossa frota de comércio aumentou de 103 por cento, de 64 Por cento a TAB e a idade média dos navios que a constituem baixou de 20 para 15 anos».

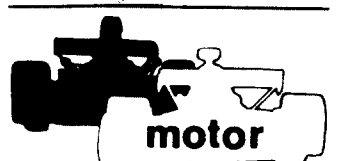
CANÇÃO DO MINHO: PRÉMIO ESPECIAL PARA ROCHA OLIVEIRA

ORENSE, ESPANHA, 28 — No nono Festival da Canção do

Rio Minho, em Orense, um prémio especial de 25000 pesetas, intitulado «Cidade de Guimarães», foi atribuído à canção que no grupo b, o de tema galego, representava Portugal na fase final: «Com o Minho à Beira, da autoria de Rocha e Elisa Oliveira, interpretada por Dina do Carmo».

O prémio «Cidade de Orense», dotado com 15000 pesetas e uma «Roda de Amador», em ouro, foi concedido à canção «Mina Maruxina», letra e música de Xil Rios, interpretação do próprio autor, espanhol.

O segundo prémio, dotado com 7500 pesetas e uma pequena peça em prata, foi atribuído à canção «Tierra Adentro», de Juan Serracant, J. Callego e Vicente Sabate, interpretada por Los Dos Españoles».



Revólveres TAUROS

(S/Licença da SMITH)

TRADIÇÃO E QUALIDADE



CALIBRES 22-LR

32-Long. e 38 - SPECIAL

GRANDE SORTIDO
DE MODELOS

REPRESENTANTE
EXCLUSIVO PARA O ESPAÇO
PORTUGUÊS:

SOCIEDADE COMERCIAL MACEDO SILVA, LIMITADA

RUA DA VITÓRIA, 73 • Telef. PPC — 32 64 62 / 37 00 91 / 2

LISBOA

TV

DL/ESPECTÁCULOS

O GRÃO DE LOUCURA NUM PROGRAMA DE MUITO JUÍZO

Veio António Victorino d'Almeida e com ele o encanto e a magia da televisão. Não somente a sua presença ou, se quiserem, a sua simpatia: principalmente a sua rara habilidade em criar televisão, em estabelecer numa comunicação com o espectador que destrói a frieza da *imagem-tv*, este sério estudo que parece impro-

viso — e porque é estudo, e porque é sério logo é realmente improvável, esta aparência de que tudo acontece por acaso e que não é outra coisa senão a feroz atenção ao que está acontecendo. A dança, a gaúchos dos bilhetes postais românticos veio iluminar o processo de comunicação de António Victorino d'Almeida e



provar (se prova ainda era necessário depois de tantos programas da melhor televisão que já se viu em Portugal) que estamos em presença de um realizador a sério.



Por MÁRIO CASTRIM

música meio louca e a sua loucura meio musical. Se encontra um polícia, de duas uma: ou ele foge do polícia, ou o polícia foge dele. E nesse compromisso tácito se baseia a sua glória de ser hoje o único músico ambulante de Viena...

Certamente estarão lembrados os telespectadores do músico José Inácio, motorista de profissão, de que nos falou Helder Mendes em «A Terra, o Mar e a Gente» na última emissão. Muito embora se tratasse de uma história verdadeira e com grande interesse, a vários níveis, o certo é que terá acontecido um caso, mas não uma chama; terá havido uma história, mas não aconteceu uma pessoa viva. José Inácio tem um clarinete, mas já não terá um sonho. A música existe nele ao nível de um «hobby» e não ao nível das vísceras. Helder Mendes deu-nos a sua razão e não a sua loucura. (Loucura: a menina pequenina de José Inácio que escreve as notas musicais fora da pauta. Um relâmpago de verdade na história de Helder Mendes). Depois o do clarinete falava bem, era conceituoso. Havia moralidade na fábula infantil; a realidade não sangrava: exibia-se.

Isto ajudará talvez a compreender a força de uma personagem como Emil Thun e a fragilidade (carregada embora de boas intenções) de José

Inácio. E aqui está como a abordagem que António Victorino faz dos seus títeres pode servir de lição e incentivo aos outros realizadores. Até aos melhores.

Resultaria numa crónica interminável a referência à parte histórica da emissão de ontem, cheia de motivos de grande interesse. Fixemos, no entanto, a afirmação segundo a qual a perseguição movida aos jograis na Idade Média não tinha uma razão política mas moralista.

Sem pretender eu próprio armar ao moralismo, gostaria que os responsáveis da Televisão portuguesa meditassem no fenómeno de popularidade que são as «Histórias da Música». Afinal, meus senhores, o povo está maduro para o trabalho de qualidade...

FESTAS DE S. PEDRO

No lugar de Taboeira, nos subúrbios de Aveiro, decorrem a partir de amanhã e até ao dia 1 de Julho as tradicionais festas em honra de S. Pedro. O programa inclui cerimónias religiosas, arraiais e outras diversões, com a colaboração do grupo folclórico «Camponesas do Vouga».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo e Álvaro. Praça dos Duques — BEJA

AGRO 73: críticas às administrações municipais

O colóquio sobre «Perspectivas de Desenvolvimento Regional no Período do IV Plano de Fomento» foi o assunto dominante do «Dia da Região-Plano do Norte», celebrado ontem na AGRO/73, em Braga.

Falou inicialmente o eng. Luís Valente de Oliveira prof. da Universidade do Porto que focou o tema «Planeamento Regional». Revelou na sua intervenção a necessidade de se encontrarem formas eficientes de participação das populações no seu próprio desenvolvimento e referiu os desequilíbrios regionais e respectivas consequências.

Seguiram-se outras comunicações em que foram abordados os sectores da agricultura, indústria, infra-estruturas, ensino e ordenamento do território.

«GERAÇÃO INDIGNA»

Na comunicação sobre «Ordenamento do Território», o seu autor depois de referir que do municipalismo medieval é aproveitável para o nosso tempo o princípio da descentralização administrativa e o da participação das populações e o seu estatuto cívico coisa que o municipalismo actual desconhece fez a crítica à situação administrativa actual dizendo nomeadamente: «Damo-nos Presentemente ao luxo de manter administrações municipais para servirem menos de 10 mil habitantes e as nossas administrações municipais servem em média (excluindo Lisboa, Porto e Gaia) menos de 24 mil habitantes cada uma. Podemos apontar casos de 4 administrações municipais dentro de um círculo com 5 km de raio; de 7 num círculo de 12 km ou de 8 num raio de 15 km. É evidente que nenhuma dessas administrações está à altura de cumprir as tarefas que a vida actual exige da administração pública.

E adiante:

Ainda se compreende por exemplo que capitalistas estran-

geiros para explorarem o baixo preço da nossa mão-de-obra, ou não poluam a sua terra, venham comprar as nossas quintas e arrasá-las com bulcozers destruindo vinhas, pomares, solos, obras de arte, testemunhos da nossa história nacional regional ou local, para em seu lugar construir grandes barracões que passada meia dúzia de anos, quando a especulação almejada atingir o seu fim, se abandona deixando-nos no local um amontoado de ruínas sobre um solo destruído para sempre. Mas que nacionais o façam, e sobretudo que as administrações públicas consitam nessa delapidação do património nacional e por vezes até a incentivem é que seria de pasmar se não fosse precisamente esse um dos índices mais característicos do subdesenvolvimento cultural de um povo.

Não apresentarei exemplos especificados do comentário que tenho estado a fazer, porque a nossa província de Entre Douro e Minho na sua parte classificada de economicamente mais desenvolvida está aí diante dos nossos olhos, para vergonha de todos nós, a gritar às legiões de turistas que de todo o mundo anualmente nos vêm visitar que somos uma geração indigna das belezas que a Natureza pela mão dos nossos antepassados nos legou.

Ainda há poucos anos alguém me disse que o slogan de uma agência turística americana em relação ao nosso País era o seguinte: «Visitem o Algarve antes que tenham dado cabo dele».

ENSINO NO NORTE

A última comunicação pertenceu à dr.ª Maria Isabel Santos Aires e reportou-se ao ensino. Descreveu os desníveis de escolaridade entre as áreas urbanas e rurais e afirmou que é o distrito de Bragança o mais afectado. Disse a determinado passo:

«Verificamos portanto que o Norte do país, é caracterizado por baixos níveis de cumprimento da escolaridade obrigatória, e ainda por uma incipiente procura dos níveis seguintes do sistema de ensino, factores que com certeza colocam a população do Norte, quanto ao nível cultural e educacional, nos escalões mais baixos entre toda a população do Continente.



28-6-1932

28-6-1973

41 ANOS
DE ACTIVIDADE DO

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

no ar... «para informar e recrear»

scudamos:

OUVINTES, PATROCINADORES
COLABORADORES e PRODUTORES

PROGRAMAÇÃO DIÁRIA

ATRAVÉS DA ONDA MÉDIA e MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA
dos EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Teatro S. Carlos

O prof. Borges de Macedo, catedrático de História da Fa-

EXPOSIÇÕES

A partir de ontem estão patentes ao público, na galeria de arte do Casino do Estoril, duas exposições de pinturas e desenhos — uma do artista Jean-Pierre Chabloy e outra do artista Tadeu Rodrigues. Simultaneamente inauguradas por Jorge Teodoro dos Santos, administrador do Estoril-Sol, as duas exposições podem ser visitadas todos os dias, das três horas da tarde até às três horas da madrugada, encerrando no próximo dia 8 de Julho.

culdade de Letras de Lisboa, profere no próximo sábado, dia 30, pelas 18 horas, no Salão Nobre do Teatro Nacional de S. Carlos, uma conferência comemorativa do 180.º aniversário daquele teatro, intitulada «Da História Económica ao Teatro de S. Carlos».

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dl.º Tel. 5 92 88. ORÇAMENTOS GRÁTIS



DL / ESPECTACULOS

Crítica de cinema

Lauro Ant6nio

SUCESSÃO DE "BARRACADAS"

TÍTULO: «O Homem da Navalha Azul» (Come Back Charles-ton Blue)
REALIZAÇÃO: Mark W Warren,

1972 (EUA);
INTERPRETES: Godfrey Cambridge, Raymond St. Jacques, Peter de Anda, Jonelle Allen, etc
DISTRIBUIÇÃO: Columbia-Warner;
ESTREIA: Cinema Império (20.6.1973)

TÍTULO: «A Queda de um Ídolo» (Bloomfield)
REALIZAÇÃO: Richard Harris, 1971 (Israel-Inglaterra)
INTERPRETES: Richard Harris, Romy Schneider, Kim Burfield, Maurice Kaufman, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Cinema Monumental (19.6.1973)

TÍTULO: «A Turma das Barracadas» (Please, Sir);
REALIZAÇÃO: Mark Stuart, 1972 (Inglaterra);
INTERPRETES: John Alderton, Deryck Guyler, Joan Sanderson, Noel Howlett, etc
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes;
ESTREIA: Cinema S. Jorge (21.6.1973)

TÍTULO: «A Piscina» (La Piscine)
REALIZAÇÃO: Jacques Deray, 1968 (França)
INTERPRETES: Alain Delon, Romy Schneider, Jane Birkin, Maurice Ronet, Paul Crauchet,
DISTRIBUIÇÃO: Exclusivos Triunfo;
ESTREIA: (Cópianova): Cinema Vox (20.6.1973)

TÍTULO: «O Filho de Shane» (The Hangman's Tree)
REALIZAÇÃO: Mike Fitzgerald, 1969 (Itália);
INTERPRETES: Mike Marshal, Michele Girardon, etc.

ESTREIA (Cópia nova): Cinema Eden (22.6.1973)

Assim como *Shaft-A Mafia em Nova Iorque* fora o primeiro filme da série de *Shaft*, que prosseguiria com *A Marca de Shaft*, também *Humor Negro e Violência* (Cotton Comes to Harlem), de Ossie Davis, continua agora com *O Homem da Navalha Azul*, desta feita uma realização bastante medíocre de Mark Warren. Poderá pensar-se, portanto, e com inteira razão, que filmes protagonizados por negros são hoje em dia, negócio garantido, tanto nos EUA (país de origem desta inflação negra), como no mercado abastecido pelos estúdios ianques.

Acontece que, se um (ou dois) filmes como *Shaft* (bem feito, bem oleado, inteligente até nas suas limitadas propostas) nos pode parecer possível, uma obra como esta *O Homem da Navalha Azul* é, obviamente, de desaconselhar,

tratando-se como se trata de um filme desinteressante, confuso (e confusionalista, procurando atirar poeira nos olhos de quem o vê), profundamente mal arquitetado, desaproveitando, por inépcia, declarada tudo o que poderia conter de provavelmente aproveitável (num plano meramente burlesco) o seu rocambolesco argumento.

Infeliz, profundamente infeliz foi a estreia cinematográfica de Richard Harris como realizador. *A Queda de um Ídolo* acaba por ser, simplesmente o estatelo de um grande actor (quem não viu o *Jogador Profissional* exibido nas remocadas *Noites de Cinema da TV?*). Cabotino, narcisista, Richard Harris tenta lembrar-se das lições de Lindsay Anderson e erguer uma análise, ainda que muito convencional, dos mecanismos da alienação no campo de desporto, aqui o futebol. Rodado em Israel, *A Queda de um Ídolo*

é uma experiência cartastrófica, que o passado do actor nos poderá fazer esquecer, caso prometa não reincidir.

Quanto à *Piscina* que, no seu devido tempo, provocou polémica e dividiu opiniões, nada a acrescentar. Continuamos na nossa: trata-se de um película oportunista, desinteressante, um espectáculo para a burguesia da V República observar, com prazer. Jacques Deray haveria, aliás, de confirmar os seus intentos, em películas tão idiotas e balofas como *Um Ralo de Sol na Águia Fria*, recentemente estreada em Portugal.

Finalmente, damos registo obrigatório de duas nulidades, que se inscrevem numa tradição do estilo: a reposição de um western italiano (*O Filho de Shane*, de Mike Fitzgerald) e uma comédia inglesa, copiando o estilo de *Com Geito Vai...* (*A Turma das Barracadas*, de Mark Stuart). Num caso e noutro, a inutilidade é completa e flagrante.

FESTIVAL DE BERLIM-3

O filme de Claude Chabrol está bem feito tecnicamente o que não interessa nada, uma vez que um livro pode estar extremamente bem encadernado e conter da pior literatura que se possa imaginar.



No mesmo programa em que foi apresentada essa obra de Chabrol, vi uma curta-metragem dum realizador jugoslavo, cujo nome desconheço, uma história que me fez «descobrir o meu herói». O herói chama-se Shultz e era soldado das forças hitlerianas que durante a Segunda Guerra Mundial come-

teram as atrocidades que todos conhecemos. Esse soldado Shultz, o «meu herói», que eu desconhecia até há poucas horas, durante a execução de um grupo de aldeões recusou-se a atirar e, tomando o lugar onde eles se encontravam, foi, pelos seus camaradas de guerra de minutos antes, fuzilado. Isto significa que a tomada de posição é fundamental: um soldado que, na altura exacta em que vai cometer a barbaridade, com o erro à vista, toma posição.

O filme de Claude Chabrol, apresentado logo em seguida, é um filme que eu poderia considerar imoral. Em cada momento, em cada sequência, toma posição não tomando posição. Fala-nos de um amor lindo mas que motiva dois assassinatos perfeitamente dispensáveis.

São estas as imagens que me ficaram no primeiro dia em que estive presente no Festival Internacional de Cinema de Berlim.

TRAFARIA Capital do Turismo

VASCO MORGADO JÚNIOR EM LUANDA:

"ÓSCAR PARA A PIOR INTERPRETAÇÃO DE TODOS OS TEMPOS" - DIZ A CRÍTICA

LUANDA — Vasco Morgado Júnior, que está há alguns meses a dirigir a Companhia Teatral de Angola, concessionária da exploração do Teatro Municipal Avenida desde a sua fundação, em substituição de Rodolfo Neves que se ausentou temporariamente para a Metrópole, não caiu bem no teatro de Angola.

Efectivamente, depois de ter visto o seu desempenho do principal papel masculino na peça «Só as borboletas são livres» ser classificado como muito infeliz,

Vasco Morgado Júnior não conseguiu corrigir tal impressão na segunda peça em que participa nesta cidade — «O Homem do Princípio ao Fim», de Millôr Fernandes — estreada na semana passada.

A propósito da sua actuação nesta peça, o vespertino «Diário de Luanda» escreve na sua crónica mundana «Sete dias por semana», assinada por «Barbara»:

«Eu dar-lhe-ia um «Óscar» da pior interpretação de todos os tempos, pior ainda que a do cegui-nho na peça anterior. Não estou a ser cruel. Considero que, quando se tem o nome dum homem que, mal ou bem, está associado ao teatro português dos últimos vinte anos e se teve como mãe uma grande actriz, a única coisa a fazer, quando não se atinge a craveira média, é desistir e procurar outra profissão. É um conselho que talvez ainda não tenham tido a coragem de dar a Vasco Morgado Jr. Eu tenho.»

"OS PEQUENOS BURGUESES" NO "CASINO" DA TRAFARIA

O Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria apresenta todas as noites, até ao fim do mês, na sala de Recreios Desportivos da Trafaria, vulgo «Casino», o seu segundo espectáculo — «Os Pequenos Burgueses», de Máximo Gorki, com encenação de Fernanda Lapa.

«Não há propriamente uma história, um enredo,

apenas a observação de uma família de pequenos comerciantes — espécie de moscas presas numa grande teia de aranha donde se não libertam, donde nem sequer se pretendem libertar» — diz o programa.

Mas há, dizemos nós, um espectáculo que permitirá a si, leitor, de Lisboa,

libertar-se da teia das noites da cidade, atravessando o Tejo e desembarcando na Trafaria, onde um grupo de amadores lhe poderá dizer, entre outras coisas, como o teatro feito por amor é um teatro vivo.

O G.I.T. interrompe a apresentação dos espectáculos no «Casino» regressando no dia 15 de Julho.

praça de toiros de

M/6 anos



MONTIJO

2 EXTRAORDINÁRIAS CORRIDAS DE TOIROS POR OCASIÃO DAS FAMOSAS FESTAS A S. PEDRO

SABADO, 30 de Junho, às 22 horas
SENSACIONAL CORRIDA NOCTURNA
JOSÉ SAMUEL LUPI—JOSÉ M. BATISTA
DAMAZO GONZALEZ
ANTÓNIO DOS SANTOS

Forcados Amadores de Lisboa de Nuno Salvação Barreto

8 poderosos toiros de Herd.º de Conde Cabral

DOMINGO, 1 de Julho, às 18 horas
GRANDIOSA CORRIDA A PORTUGUESA
MANUEL CONDE — DAVID R. TELLES
DR. FREDERICO CUNHA

3 GRUPOS DE FORCADOS — Amadores de Lisboa de Nuno Salvação Barreto — Amadores da Tertulia Tauromáquica do Montijo — Amadores de Alcochete — 6 imponentes toiros da Soc. Agric. de Rio Frio

SÃO JORGE



PARA INAUGURAÇÃO

♥♥ ciclo ♥♥♥
JOGO DO AMOR

INGRID BERGMAN
YVES MONTAND
ANTHONY PERKINS

vivem um apaixonante drama de amor adulto!



MAIS UMA VEZ, ADEUS

BASEADO NO ROMANCE «AIMEZ-VOUS BRAHMS»,

DE FRANÇOISE SAGAN

PRODUZIDO E DIRIGIDO POR ANATOLE LITVAK

United Artists GRUPO D 18 ANOS



CRÍTICA DE TEATRO

CARLOS PORTO

A ARMADILHA E A PRESA

«OS PEQUENOS BURGUESES», de Máximo Gorki. Tradução de Gina de Freitas, revista por Luis Francisco Rebelo. Encenação: Fernanda Lapa. Cenografia: José Manuel Castanheira. Director de cena: Marques d'Areda. Ponto: António Azevedo. Técnicos: José Abelha, José Pina, Soares d'Almeida, Dedinda Silva, Arminda Lúcio, Luísa Jacob e Maria Fernanda Pinto. Intérpretes: Maria Emília, Maria Beatriz, Victor Azevedo, Aurelindo Lúcio, Tani Pina, Maria Fernandes, Filipe Domingues, Rui Pinto, Marcelo de Brito, Fernanda Jacob, Isabel Marques, Marçal Pinto. Um poema de José Gomes Ferreira dito por Mário Viegas. Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria. Casino da Trafaria. 22-6-73.

O que o teatro tem de admirável é, entre outras coisas, esta possibilidade de reunir pessoas perante situações que adquirem novos significados por esse facto: estamos aqui sentados, nesta bancada incómoda do Casino da Trafaria, apanhados, como as personagens da peça, na imensa teia que serve de cenário e traduz a situação em que estas personagens se colocaram: estamos aqui, a escutar as palavras que foram escritas no início deste século (1900/1901) por um escritor russo e passaram por outra língua antes de chegarem à nossa, e agora são assumidas ao mesmo tempo como teatro e como sentido da vida, por pessoas que essas palavras e as situações que levantam, transformam em actores, representando, por um momento, mais do que elas próprias e transformando aqueles que os vêem/ouvem — os espectadores — em cúmplices dessa função de alertamente, de descoberta, de posse. Reconheço haver neste sentimento que como espectador experimento — e não esqueçamos que neste momento sou um espectador como qualquer outro — uma certa nebulosidade que, no entanto, não anula a possível lucidez que o espectáculo vai despertando à medida que ergue o edifício da sua realidade.

Quero só chamar a atenção para o poder — «que nada tem de encantatório» — de uma realidade que produz a sua própria dinâmica a partir de tensões tão díspares: o texto (que veio de algures), os actores e restantes responsáveis que são de aqui e o interpretam, interpenetrando-o e interpenetrando-se com os espectadores que o recebem.

O texto de Gorki deixou agora de ser um texto russo, condicionado por determinadas coordenadas geográficas, étnicas, sociais, para ser uma realidade. Sem qualquer malabarismo especial, sentimos que passamos de um outro tempo e de um tempo e um espaço que têm ver connosco. Justifica-se assim por outras razões que já não são ape-

nas as de Gorki e têm talvez mais a ver com a leitura.

Uma personagem de «Os Pequenos Burgueses» diz quase no final da peça: «Para que vistes? Que fizeste de bom? Conversando com um amigo, Tchekhov dizia: (Com o meu teatro) queria apenas dizer às pessoas, honestamente: «Vêde, vêde como vovós mal»; quando as pessoas o compreenderem, não-de-certamente criar uma vida melhor. Não é por acaso que faço esta aproximação: há entre Tchekhov e este primeiro drama de Gorki, pontos comuns que não são coincidências e que constituem, a meu ver, a homenagem ao seu mestre de um discípulo que viria a trilhar outros caminhos sem, aliás, romper com aqueles que tinham ficado para trás.

Não se pode dizer que «Os Pequenos Burgueses» atinja a altura de qualquer das grandes peças de Tchekhov: na peça de Gorki surge excessivamente orientado o que em Tchekhov irrompe com a naturalidade da própria vida; as personagens gorkianas são demasiado discursivas, no mau sentido, e demasiado esquemáticas; e dir-se-á que os seus conflitos partem de fora para dentro e não o contrário. De qualquer maneira, trata-se de um texto ainda muito belo — com as suas ingenuidades, as suas décadas de idealismo como na cena em que se fala da missão do professor — sendo de espantar que só agora tenha sido estreada: Ficamos a dever essa estreia a um novo grupo de amadores — trata-se do seu segundo espectáculo — que parece querer trilhar um caminho certo.

Este segundo trabalho de Fernanda Lapa confirma a tendência desta encenadora para tratar o texto como parte integrante de um espectáculo cuja realidade se inscreve e é condicionada por um determinado espaço. Fernanda Lapa transformou a Casa da Comédia na sala de um cabaret onde se representava a peça de Almeida, «Deseja-se Mulher». Aqui, o espectador começa por deparar com a entrada de um labirinto demarcado por flanela negra, sobe umas escadas e toma o seu lugar numa bancada estreita que surge no prolongamento do espaço cénico, a ele se sobrepondo, uma e outro metidos numa espécie de túnel negro (a mesma flanela da entrada) que suporta as formas de uma gigantesca teia. Esta teia envolve, pois, actores e espectadores na mesma armadilha. O outro principal elemento do cenário é uma imensa mesa onde decorrem as inúmeras refeições das personagens, mesa de que uma das cabeceiras é formada pela própria bancada, como se os espectadores participassem também desse ritual.

Num teatro que dispõe de tantos poucos valores no campo da cenografia, como é o caso do nosso, não posso dei-

xar de sublinhar o trabalho de um amador, José Manuel Castanheira, que foi decisivo no conseguimento deste espectáculo.

O texto de Gorki levanta paralelamente dois conflitos fundamentais: o de duas gerações separadas por um fosso intransponível (conhecimentos, gostos, e o de duas formas de encarar a vida, os filhos, Piotre e Tatiana, estão em desacordo com os pais no que se refere a certos pontos de desfazamento de gerações; no entanto, as tensões fundamentais nascem da luta entre aqueles e Nil, o filho adoptivo, o herói positivo da peça, e a jovem com quem pretende casar. Há, pois, um leque de conflitos que formam o principal módulo da peça. O Passarinho, uma das mais belas figuras da peça, e o cantor, embora participem dessas tensões, são, ao mesmo tempo, o elemento dinamizador e o coro que as comenta (em especial o último, talvez a mais rica personagem).

A peça decorre à volta de Tatiana, a filha, a mais tchekhoviana das personagens, que acaba por tentar suicidar-se, incapaz de romper o círculo que a asfixia e ao meio em que se move.

Fernanda Lapa de acordo com os intérpretes de que dispunha, não se limitou a levantar os conflitos do texto, procurou uma leitura das raízes em que mergulham. Aqui, é necessário analisar a função do cenário. Aparelamente, a teia (armadilha) apanhou todos, espectadores e actores (a presa) na sua engrenagem diabólica. Mas quem teceu a teia? A quem cabe o papel de aranha? Os pais que não entendem que a vida continua e os ultrapassou? Mas os pais não são também vítimas? Não estão também eles presos pela teia? Penso que o projecto semiológico proposto pelo cenário vai mais longe: cada uma das personagens e cada um dos espectadores ajudam a tecer a teia em que todos acabam metidos. Uns resistem menos — é o caso de Tatiana —, outros apercebem-se a tempo da armadilha: Nil e a noiva, o cantor. Por isso, fogem. Como acabam por fugir, o filho e a rapariga de quem gosta e que os pais detestam. Era, contudo, necessário, traduzir em termos dramáticos essa simbiose — factor reflexo ou culpado vítima que define as relações significante/significado. Fernanda Lapa resolveu o problema de uma maneira simples embora discutível, sacrificando parcialmente a coesão do espectáculo, o seu depuramento. A leitura de um admirável poema de José Gomes Ferreira (de «Poesia V»), feita por Mário Viegas com o necessário distanciamento, ultrapassa o âmbito do espectáculo e propõe uma reflexão que envolve ao mesmo tempo personagens e espectadores — explica subtilmente as relações estabelecidas mas não explicitadas entre a «mensagem» do cenário e o espectáculo (incluindo o público).

Podemos, nesta altura, voltar ao princípio deste apontamento, ultrapassando a mera condição de espectador passivo: neste espectáculo somos solicitados a entender não apenas os problemas das personagens que nos são mostradas, mas também as ligações que esses problemas têm com o tem-

po e o espaço, ou seja, as relações com as personagens de Gorki, e mais para além. O poema de José Gomes Ferreira clarifica essas relações e o que está para além delas. Tatiana, por exemplo, tem muito pouco a ver com as palavras do poeta (a meio do poema, Tatiana ergue-se e dirige-se para o quarto, numa marcação correctíssima).

Os actores do GITT dificilmente poderiam expressar todas as dimensões das personagens de Gorki e todas as camadas da leitura de Fernanda Lapa. Todavia, o seu trabalho é de uma seriedade exemplar e demonstra o entendimento suficiente das propostas dessa leitura. Tratando-se de uma primeira peça, «Os Pequenos Burgueses» revelam debilidade de estilo, alongamentos literalizantes que a tradução não evitou (o que espanta atendendo a que a revisão foi de um especialista), e que tornam, por vezes, penosa a representação (sem culpa dos intérpretes). Por outro lado, o «que há intencionalmente de repetitivo no texto, o risco do melodrama que por vezes o percorre, agravaram as dificuldades. Na sua maioria, porém, esses escolhos foram superados e, de uma maneira geral, a interpretação consegue manter, dentro dos limites assinalados, um nível satisfatório. De sublinhar, ainda, o espírito de equipa revelado e que me dispensa de distinguir nomes, de tal forma me parece importante o desejo de ultrapassar aspectos vedetísticos que um espectáculo como este não comporta.

P.S. — Este espectáculo pode ser visto no Casino da Trafaria até sábado, inclusive.

RUBEN A. LEITÃO CONDECORADO

Em cerimónia que decorreu no Palácio Nacional de Belém, o Presidente da República impôs as insígnias da comenda da Ordem do Infante D. Henrique ao escritor Ruben Andressen Leitão, agraciado em 10 de Junho, mas que, por se encontrar no estrangeiro não pode comparecer na cerimónia do Dia de Portugal, em que foram condecoradas diversas personalidades de destaque em vários sectores da vida nacional.

Presentes, além de outras individualidades, os chanceleres das Ordens Nacionais e das Ordens do Mérito Civil, e o embaixador dr. Negrão de Lima.

REUNIÃO EUROPEIA DE RADIODIFUSÃO

A reunião da 24.ª Assembleia-Geral da União Europeia de Radiodifusão, que se efectua no nosso País a convite da Emissora Nacional e da Radiotelevisão Portuguesa, principiou hoje, com a participação de centena e meia de delegados que representam 57 emissoras de 35 países, para estudo de vários problemas referentes ao intercâmbio entre aquelas emissoras.

Esta reunião é presidida por Charles Curran, director-geral da B. B. C. coadjuvado pelos vice-presidentes dr. Werner Hess, intendente-geral da Hessischer Rundfunk e dr. Ivoko Pustisek, secretário-geral da Radiotelevisão Jugoslava.

MÁRIO PEREIRA E RUI DE CARVALHO EM ANGOLA

Esperado esta semana em Luanda o actor Mário Pereira, que vem contracenar com Delfina Cruz na peça «Meu Amor é Traíçoeiro», apresentada pela Companhia Portuguesa de Espectáculos, de que aquela actriz é sócia.

O papel masculino desta peça — a primeira e única apresentada pela Companhia — foi inicialmente desempenhado pelo locutor radiofónico Francisco Simmons que se viu forçado a interromper a carreira teatral devido a afazeres profissionais.

Mário Pereira e Delfina Cruz levarão «Meu Amor é Traíçoeiro» a S. Tomé e Moçambique, depois de concluírem os espectáculos em Angola.

É possível que decida radicarse em Angola — onde viveu largos anos da infância e da juventude — o actor Rui de Carvalho, que se encontra há meses neste Estado integrado na Companhia de Teatro Desmontável de Rafael de Oliveira.

Caso se concretize a hipótese, Rui de Carvalho não ficará profissionalmente ligado ao Teatro.

X CICLO DA CASA DA IMPRENSA

O RISO E O SORRISO

UMA PARADA DO CINEMA CÓMICO DESDE CHARLOT A WOODY ALLEN

no IMPÉRIO, de 28 de Junho a 10 de Julho todos os dias sessões às 15 e às 21 e 30

QUINTA-FEIRA, 28 Grupo A — 6 anos
ANTESTREIA da cópia nova de A QUIMERA DO OURO de Charlie Chaplin

SEXTA-FEIRA, 29 Grupo D — 18 anos
HOMENAGEM A TOTÓ
TOTÓ CONTRA QUATRO, com Totó, Aldo Fabrizi e Pepino de Filippo
A TERRA VISTA DA LUA, de Pier Pasolini (episódio do filme «A Magia da Mulher»)
GANGSTERS FALHADOS, de Monicelli, com Totó, M. Mastroianni e V. Gassman

SÁBADO, 30 Grupo D — 18 anos
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR, de Billy Wilder, com Jack Lemmon e Marilyn Monroe
A FELICIDADE DA SR. BLOSSON, com Shirley Mac Laine

DOMINGO, 1 Grupo C — 14 anos
O HOMEM DAS SETE VIDAS, com Danny Kaye
A FESTA, de Blake Edwards, com Peter Sellers

SEGUNDA-FEIRA, 2 Grupo B — 10 anos
GUERRA À TV, de Jean Pierre Mocky, com Bourvil
SIM, SR. HULOT, de Jacques Tati

TERÇA-FEIRA, 3 Grupo C — 14 anos
CHAPÉU ALTO, com Fred Astaire e Ginger Rogers
CASAMENTO ESCANDALOSO, de G. Cukor, com Gary Grant, James Stewart e Katherine Hepburn

QUARTA-FEIRA, 4 Grupo D — 18 anos
DIA WOODY ALLEN
QUE HÁ DE NOVO, GATINHA, de C. Donner, com W. Allen, Peter Sellers e Romy Schneider
O INIMIGO PÚBLICO, de Woody Allen

QUINTA-FEIRA, 5 Grupo D — 18 anos
O PEQUENO GRANDE HOMEM, de Arthur Penn, com Dustin Hoffman e Faye Dunaway

SEXTA-FEIRA, 6 Grupo B — 10 anos
CHARLOT NA RUA DA PAZ, de Charlie Chaplin
A VIDA MODERNA, de Jacques Tati

SÁBADO, 7 Grupo C — 14 anos
ROMA ERA ASSIM, de Richard Lester, com Buster Keaton e Zero Mostel
UMA NOITE NA ÓPERA, com os Irmãos Marx

DOMINGO, 8 Grupo D — 18 anos
DIVÉRCIO À ITALIANA, de Pietro Germi, com Marcello Mastroianni

SEGUNDA-FEIRA, 9 Grupo B — 10 anos
RITMO LOUCO, com Fred Astaire e Ginger Rogers
O MELHOR DE BUCHA E ESTICA

TERÇA-FEIRA, 10 Grupo B — 10 anos
O EXTRAVAGANTE SR. RUGGLES, de Leo Mac Carey, com Charles Laughton
AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRIL, de Jerry Lewis

"Humor próprio" nos "Modestos"

Hoje pelas 21 e 30, é levada à cena, na sala de espectáculos do Grupo dos Modestos, em estreia, a peça «Humor próprio», sobre texto de Orlan-

do Neves e Pedro Bandeira Freire.

O espectáculo está integrado nas festas da cidade e tem o patrocínio da Câmara do Porto.

DL/NACIONAL

ANDARES

SOC. CONST. ESPÍRITO SANTO & C.^a, LDA.

LOCAL PRIVILEGIADO

TEM EM um ANDAR para si, numa NOVA URBANIZAÇÃO, que está construindo no melhor local de LOURES, junto ao Liceu

BOA CONSTRUÇÃO
ZONA SAUDÁVEL

EM CONSTANTE VALORIZAÇÃO
— ACABAMENTOS MUITO BEM CUIDADOS

VEJA HOJE MESMO OS ANDARES EM CONSTRUÇÃO
NO LOTE 5 NA PRAÇA TIMOR

LOURES

SOC. DE CONSTRUÇÕES ESPÍRITO SANTO & C.^a, LDA.

Rua D. Carlos Mascarenhas, 17, 1.º — Telef. 68 35 99 e 68 98 14
LISBOA

O Contrato Colectivo e as férias dos professores

O presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Professores escreve-nos pedindo que rectifiquemos a notícia do «DL» de 22 de Junho em que se dava conta da entrada em vigor do novo Contrato Colectivo de Trabalho, celebrado entre aquele Sindicato e o Grémio dos Proprietários de Estabelecimentos de Ensino Particular.

Segundo o dr. Luís de Avellar de Aguiar, «as férias grandes» (tal como as intercalares) são já remuneradas desde o despacho de 14 de Dezembro de 1949, pelo que, nesse aspecto, nada de novo foi estabelecido.

O contrato que passa a vigorar a partir de 1 de Julho não é resultante de uma negociação entre este Sindicato e o Grémio, mas o emergente de uma decisão arbitral, com ressalvas introduzidas pelo Ministério das Corporações», esclarece ainda aquele dirigente sindical.

Vão voltar a funcionar os semáforos do Estoril

Os semáforos no Estoril para regular o trânsito, deixaram de funcionar há cerca de oito meses. E claro que este facto veio prejudicar, sobretudo, os peões, que ficaram, sempre que pretendem atravessar a Marginal, com duas péssimas hipóteses: ou se lançam para

diantes dos carros que sobem e descem a Marginal a boa velocidade, ou vêem-se obrigados a largos compassos de espera até que surja uma abertura na avalanche mecânica.

Contactada a Câmara Municipal de Cascais, um dos técnicos encarregados da sinalização da zona, respondeu-nos, quando lhe inquirimos das causas do não funcionamento daqueles semáforos: Há, no referido local, uma tendência para

os curto-circuitos constantes, o que fazia com que os mesmos se avariassem quase diariamente. Não é, pois, por nossa vontade e livre alvedrio que os semáforos do Estoril não funcionam. E de tal maneira isto é verdade que a Câmara submeteu à Junta Autónoma de Estradas um plano que permita o restabelecimento da sinalização luminosa no Estoril sem os inconvenientes atrás apontados. Pensamos que dentro de pouco tempo possamos dar o caso por solucionado.

MONUMENTAL

LIQUIDAÇÃO

PARA ENTREGA URGENTE DAS AMPLAS
INSTALAÇÕES DA AVENIDA DO BRASIL,
A UM IMPORTANTE

GRUPO RETALHISTA

LIQUIDA-SE O STOCK TOTAL

COMPOSTO DE MILHARES DE APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS, TAIS COMO:

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, TELEVISORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, ASPIRADORES, FOGÕES, ESQUENTADORES, MÁQUINAS DE COZINHA, CANDEIROS, MOBÍLIAS COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS, ESTOFOS, ETC., ETC. E AINDA PARA RESTAURANTES E SIMILARES, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS, PARA CAFÉS, RESTAURANTES, CHARCUTARIAS, TAIS COMO:

FOGÕES INDUSTRIAIS, FRITADEIRAS, CARROS DE SERVIÇO, FRIGORÍFICOS, VITRINES FRIGORÍFICAS, ETC.

**últimos dias
não perca esta oportunidade!**

ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NA
AV. DO BRASIL, 40-A e 40-B

(PRÓXIMO DO CAMPO GRANDE)

UMA MOLHADA DE PECHINCHAS: Gira-discos estereofónico automático com oferta de 5 discos (1.690\$00); aspirador potente 600 W (1.575\$00); sabrina de mesa (35\$00); sala de jantar, 9 peças (6.950\$00)

«DIÁRIO DE LISBOA»

A comissão executiva da Feira Nacional de Agricultura, de Santarém, enviou-nos um amável ofício de agradecimento «pelo prestimo-

so apoio» concedido pelo nosso jornal àquele certame, «o qual contribuiu de forma decisiva para o relevo alcançado pelo empreendimento».

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado: Esc. 193 560 000\$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

DIVIDENDO DE 1973

(1.º semestre)

Avisam-se os Srs. Accionistas de que se encontra a pagamento, aos balcões da Sede e das Delegações deste Banco, a partir do dia 2 de Julho n.º f.º em todos os dias úteis, das 9 e 1/2 às 12 e das 14 às 16 horas, excepto aos sábados, em que será das 9 e 1/2 às 11 e 1/2, a importância de Esc. 30\$00, por acção, por conta do dividendo do exercício de 1973.

Sobre este dividendo incidem os seguintes impostos, respectivamente, nas acções nominativas, ao portador registadas e ao portador não registadas:

	Nominativas	Portador registadas	Portador não registadas
— de capitais	2\$18	2\$18	2\$18
— s/ as sucessões e doações ...	1\$50	1\$50	1\$50
— do selo de averbamento	1\$50	—\$—	—\$—
— complementar	—\$—	—\$—	6\$67
sendo a importância líquida do dividendo	24\$82	26\$32	19\$65

Nos recibos deverá apenas figurar a importância líquida do dividendo.

Para regularidade do serviço, pede-se aos Srs. Accionistas que utilizem, para efeitos de recibo, impressos do Banco de acordo com a natureza das acções.

Os Srs. Accionistas possuidores de acções ao portador, registadas para efeitos de imposto complementar, devem juntar aos recibos o respectivo duplicado da declaração do registo, em seu poder.

Lisboa, 26 de Junho de 1973.

Pelo BANCO DE PORTUGAL
Os Administradores

(Domingos Pereira Coutinho)
(António José Brandão)



DL/NACIONAL

"A QUIMERA DO OURO" INAUGURA ESTA NOITE O CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA

O Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, que este ano é dedicado às mais variadas facetas do cinema cómico, é inaugurado esta noite na sala do Império, (onde prosseguirá durante duas semanas), com a «A Quimera do Ouro», de Charlie Chaplin.

Há muitos anos que este filme não era exibido em Lisboa, onde acaba agora de chegar uma cópia nova, que será apresentada assim em ante-estreia para abertura desta iniciativa anual da Casa da Imprensa.

«A Quimera do Ouro» foi, em 1925, o primeiro filme de longa metragem de Charlot a obter um grande êxito, depois do relativo falhanço de «A Opinião Pública».

Com este filme, o personagem Chlot começa a transformar-se no sentido de uma dimensão trágica e lírica, que já se esboçara em «O Garoto» e haveria depois de prolongar-se em «O Circo» e «As Luzes da Cidade».

«A Quimera do Ouro» é um dos filmes de Charlie Chaplin de mais cuidado valor plástico, todo constituído sobre o tema do branco e do negro. A neve, elemento permanente do «décor» deste filme, cria à volta das personagens e da acção uma pungente impressão de solidão. Sem abandonar o seu chapéu de coco e a sua bengala, Charlot parece, perdido nas neves e assolado pela fome, mais só do que nunca.

Há cenas inesquecíveis em «A Quimera do Ouro», como a de Charlot sacrificando as suas botas para matar a fome; a dança dos

pães; Charlot transformado em frango pela imaginação do seu companheiro esfolado; a melancolia da sequência do «saloon», onde Charlot descobre a figura terna da Georgia.

O Ciclo prossegue amanhã com uma homenagem a Totó e nos dias seguintes com a apresentação de filmes de quase todos os grandes cómicos do cinema, como Jacques Tati, Jerry Lewis, Danny Kaye, Bucha e Estica, Irmãos Marx, Buster Keaton, e de grandes autores da comédia americana, como Leo Mac Carey, Billy Wilder, Georges Cukor, Woody Allen.

Corrida ã antiga portuguesa

A favor da Liga Portuguesa contra o Cancro, efectua-se hoje à noite, na praça do Campo Pequeno, uma corrida de toiros à antiga portuguesa, à qual assistirá o Chefe do Estado.

Actuarão, João Branco Nuncio, David Ribeiro Telles,

José Mestre Baptista, Frederico Cunha, os amadores João Moura e Emílio Pinto, bem como os forçados amadores de Montemor e de Lisboa, capitaneados por António José Duarte e Nuno Salvação Barreto, respectivamente.

Comundo

CONSÓRCIO MUNDIAL DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO
S. A. R. L.

Capital Social: 150 000 000\$00

SEDE — Avenida 5 de Outubro, 56 — LISBOA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1972

Comunica-se aos Senhores Accionistas que, se encontra a pagamento o dividendo de Esc. 40\$00 por cada acção, cativo de impostos, relativo ao exercício de 1972 de acordo com a votação da Assembleia Geral Ordinária de 31 de Janeiro de 1972.

O dividendo líquido a pagar por acção é o seguinte:

ACÇÕES AO PORTADOR:

Registadas	35\$08
Não registadas	26\$18

O pagamento poderá ser efectuado na Sede da Sociedade ou nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO DO BRASIL
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES MAGALHÃES
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO TOTTA & AÇORES
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Lisboa, 28 de Junho de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



VW 1303. Uma nova dimensão.

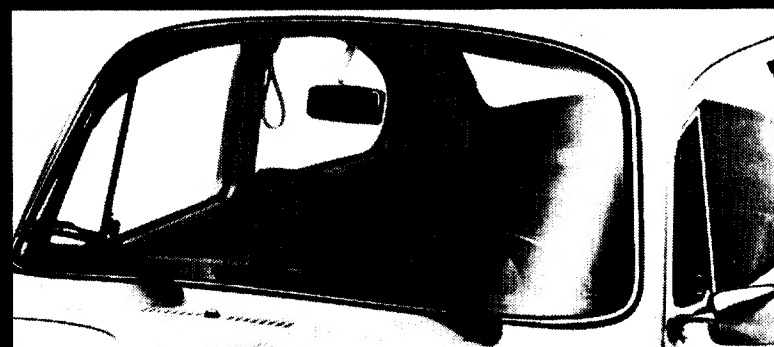
O Carocha continua no «top»! Surge agora incrivelmente maior, mais elegante e mais seguro. É à frente que as grandes novidades saltam à vista: o pára-brisas, mais curvo, aumentou 50% de superfície! O tablier, estilizado, luxuoso, foi inteiramente repensado: forma um conjunto a toda a largura e é

almofadado para maior segurança. Os assentos, têm maior ponto de apoio, mais pontos de fixação e são reclináveis. A alavanca de velocidades e o travão de mão, recuaram e permitem uma condução desportiva. A retaguarda, destacam-se os faróis de Stop e pisca-pisca, superdimensionados.

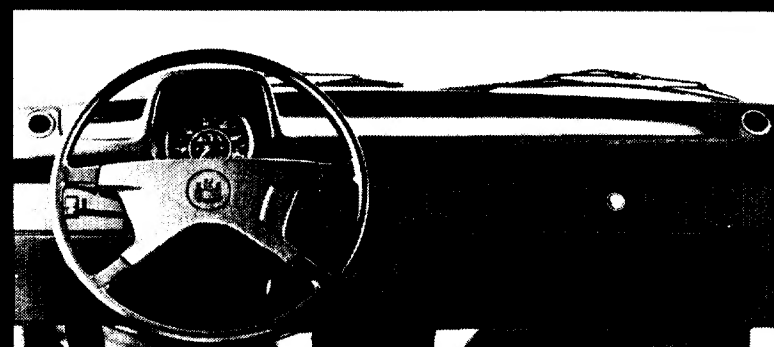
Se Você pensa em comprar um carro novo, aposte no VW 1303! Um carro cada vez mais personalizado. Um carro que a grande experiência da VW requintou até à perfeição!



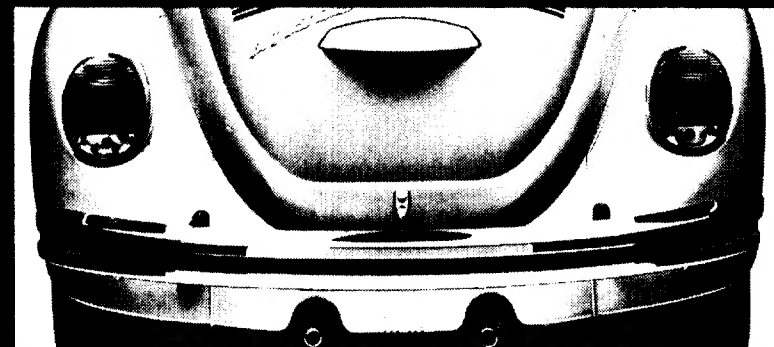
É SEMPRE MAIS.



visivelmente maior.



visivelmente mais elegante.



visivelmente mais seguro.

TAMBÉM NAS VERSÕES 1303 S, PARA OS «ASES DO VOLANTE», E AINDA OS ECONÓMICOS 1200 e 1300, DE SUCESSO MUNDIAL, COM NOVOS ASSENTOS.

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L. — Lisboa. Filiais e Agentes em todo o País
EM EXPOSIÇÃO EM TODOS OS STANDS DE VENDA VW

O PROF. HERMAN KAHN FALA AO "DL"

"No ano 2.023 haverá duas superpotências: Os E.U. e a U.R.S.S. seguidos pelo Japão"

por NUNO ROCHA

Continuação da pag. 1

férias. Entretanto, Herman Kahn é uma das inteligências do nosso tempo. A sua agilidade mental tem deixado surpresas e fascinados políticos, homens de negócios, jornalistas, escritores de todo o mundo. As grandes revistas (desde as políticas e económicas às de actualidades) dedicam-lhe artigos e reportagens, em que falam da sua capacidade de estudar o que será amanhã o nosso globo. Em poucos minutos, pouco depois de ter desembarcado, Herman Kahn deixou no ar esse sortilégio que só a inteligência transmite. Respondeu às perguntas disparadas de várias intenções; limpou as bagas de suor que lhe ornavam a fronte; deixou cair a mala que trazia a tiracolo; distribuiu papéis com informações do Hudson Institute; perguntou quantas pessoas iam ouvi-lo hoje na Gulbenkian; e tomou conhecimento do programa que lhe foi preparado em Portugal.

Mais tarde soubemos que tomou um banho e se retemperou no hotel durante apenas uma hora; e acompanhamo-lo depois, de automóvel, a Santarém; ouvimos-lhe declarações fulminantes sobre o futuro de diversos países, de diversas áreas do mundo e de diversos povos; vimos-lo dentro do carro a ler o relatório económico do A. C. D. E. de Setembro do ano passado, sobre Portugal; respondemos a perguntas suas sobre aspectos da vida nacional; ajudámo-lo a transpor um braço de rio na Herdade de Francisco Ribeiro e vimos-lo a meter um pé na água e a ficar, indiferente, com o sapato encharcado durante toda a tarde; ajudámo-lo a comer sardinhas e a beber vários copos de vinho verde; vimos-lo a assistir a uma tenta na pequena praça da herdade e a deixar que lhe pusessem na cabeça, com graça, um barrete verde; e vimos-lo, por fim, no regresso a Lisboa, dentro do automóvel, a pôr uns auscultadores no ouvido, a ligá-los a um gravador portátil e a ouvir «uma lição de francês que a minha mulher me preparou em Nova Iorque»...

Mas que pensa este homem, este físico capaz de inventar uma bomba susceptível de arasar áreas extensas do Globo, do mundo de amanhã?

— As actuais tendências económicas continuarão, mais ou menos suavemente, até ao ano 2000 — disse ele — e talvez mais além, sem serem interrompidas por guerras mundiais ou outros cataclismos. Isto parece perfeitamente plausível, a despeito de muita ansiedade em torno da guerra termonuclear e em torno da guerra do Vietname ou, de facto, a despeito de muita ansiedade acerca de inúmeras questões, sobretudo concernentes às relações entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos e a possibilidade de existir fome nestes últimos. Diante dessas ansiedades percebemos, contudo, um consenso cada vez maior sobre o facto de que o mundo está ingressando num período de estabilidade política e económica geral, particularmente no tocante às fronteiras e economias das nações mais antigas.

— Mas não haverá a tendência para que se acentuem as diferenças entre ricos e pobres, para que os ricos fiquem mais ricos e os pobres fiquem mais pobres? — perguntou-lhe, na viagem para Santarém, o director de pessoal adjunto de uma empresa petrolífera, dr. António Barata. que seguia no mesmo carro.

— Não creio — respondeu Herman Kahn. — O conceito de rico e de pobre não tem valores absolutos. Conheço muito bem Nelson Rockefeller em Nova Iorque e o seu moto-

rista privativo. Este não se mostra nada interessado em saber quanto ganha Rockefeller por ano. Mas está sempre interessado em saber quanto ganha o motorista de um amigo de Rockefeller. Não protestará se Rockefeller aumentar num ano os seus rendimentos em milhões de dólares. Mas pedirá aumento de salário se o motorista seu vizinho passar a ganhar mais dez dólares ao fim de cada mês.

«No mundo capitalista — prosseguiu Herman Kahn — a sensação destes desequilíbrios económicos entre pessoas desaparecerá completamente. O homem contentar-se-á com o seu nível social, desde que este lhe assegure o indispensável para viver.»

— E no domínio geopolítico? Não haverá desequilíbrios?

O prof. Kahn pensa que não. Para ele é visível uma «detente» entre o Oriente e o Ocidente e de ambos os lados da cortina de ferro há maior compreensão dos motivos, objectivos e estilos do oponente (lembramo-nos dos calorosos encontros de Brejnev com Nixon e Pompidou).

«O comunismo conheceu uma falta relativa de êxito na África e na América Latina — escreveu ele num dos seus livros — e até na Ásia do Sul e no Sudoeste Asiático. Certo número de modificações e progressos técnicos nas forças e na doutrina estratégicas parecem haver atenuado muitos aspectos importantes da corrida aos armamentos e reduzido as possibilidades de guerra, quer premeditada, quer accidental. Sobretudo a paixão política e o compromisso ideológico parecem haver declinado nas principais nações, tirando ao povo o desejo de arriscar-se a uma guerra por amor de questões em que não há consenso internacional. Outro factor que tende para a estabilidade é a ausência relativa de pressões no sentido da expansão territorial. Para a maioria das nações mais velhas as questões de fronteira já não são preponderantes nem mesmo sérias.»

Herman Kahn disse, ainda, no mesmo livro:

«Acredita-se geralmente que — com a possível excepção da China — quase todos os governos, tanto comunistas quanto capitalistas, estão começando a compreender melhor a maneira de manter estáveis e crescentes as suas economias. Acreditamos que o êxito corrente dos governos na economia e no planeamento é uma das causas principais do aparecimento de sociedades de consumo de massa na Europa Ocidental, no Japão, nos Estados Unidos e na Austrália e é uma das razões pelas quais se pode esperar que tais sociedades surjam brevemente na União Soviética e na Europa Oriental.

A CHINA NÃO SERÁ UMA AMEAÇA PARA O MUNDO

O prof. Herman Kahn não acredita, pois, numa guerra generalizada. A sua visão do mundo do futuro é optimista num contexto geral, pois ele crê num aumento constante do rendimento «per capita» salvo nos países onde as populações tendem a aumentar.

— O rendimento «per capita» — disse-nos ele — é obtido através da produção a divi-

dir pelo número de habitantes. Se os habitantes aumentam estamos frente a um processo que dificulta o bem-estar social, pois um maior número de habitantes exige maiores despesas da administração, tanto mais que uma população jovem faz agravar os encargos.

— E então por isso que exclui a China do grupo das gran-

des superpotências. O Japão a Alemanha Ocidental, a França, a China e a Grã-Bretanha serão, provavelmente, consideradas grandes potências; a Índia, a Itália e o Canadá, potências intermédias; e as 120 nações seguintes poderão situar-se no campo das pequenas potências.

— Em que baseia a sua clas-



Herman Kahn durante a entrevista que concedeu ao «Diário de Lisboa».

des potências do futuro? — perguntámos.

— Exactamente — disse-nos Herman Kahn. — Como lhe disse, depois do ano 2000 teremos como primeiras potências do mundo, a grande distância das restantes, os Estados Unidos, a Rússia e o Japão. A China não poderá acompanhar o desenvolvimento destes países, porque tem um território imensamente povoado e onde o progresso se torna difícil.

— Mas a China não poderá tornar-se uma ameaça para o mundo? — insistimos.

— Sé-lo-ia — respondeu o prof. Kahn — se se desse uma aproximação com a União Soviética. Na situação actual e tal como se prevê para o futuro, essa aproximação não se verificará. A União Soviética não pode desprezar os seus aliados entre os quais se contam potências tão importantes como os Estados Unidos e a França.

Recordemos a um livro de Herman Kahn para conhecer o que ele entende quanto ao poder das nações (pelo ano de 2018).

Eis o que o conhecido futurologo escreveu:

«A hierarquia internacional mostrará provavelmente dez grandes potências, continuando os Estados Unidos e Rússia

sificação quanto ao poder dos vários países? — inquirimos.

— No produto nacional bruto. Já hoje essa é a base dos nossos estudos. Países com mais de 600 dólares de PNB podem considerar-se afastados da zona da pobreza. Segundo os estudos que realizamos no Hudson Institute, a Suécia, em 1965, precisava de 11 anos para alcançar os 3600 dólares «per capita» dos Estados Unidos; o Canadá, 12 anos; a Alemanha Ocidental, 16 anos; a Alemanha Oriental, 17 anos; a França, 18; a Grã-Bretanha, 19; a União Soviética, 28; a China, 101 anos, o Brasil, 130. Estes números foram calculados na base do produto nacional bruto de 1965 de cada país e da taxa média que projectámos para o crescimento da população e do PNB.

AS DIFICULDADES DO BRASIL

Lembramos a Herman Kahn a sua especialidade quanto à América Latina. E falamos-lhe no Brasil. O director do Hudson Institute respondeu:

— O Brasil terá dificuldade em alcançar a situação dos grandes países do Mundo devido à sua área geográfica e aos desequilíbrios económicos do seu território. O desenvolvimento da Amazônia é quase im-

possível. Não esqueçamos que o Rio Amazonas tem 20 por cento do caudal total de todos os rios do globo e que a sua largura torna impraticável a construção de pontes. Sem vias de comunicação não haverá desenvolvimento. O Brasil é um País interessante mas ainda com muitas dificuldades quanto a um progresso global do seu território.

— Que pensa de Angola? perguntamos a seguir pois sabíamos que o prof. Kahn elaborou um estudo acerca daquele território sob encomenda da CUF.

— E uma área interessante — respondeu o prof. Kahn. Mas não posso dar publicidade ao meu relatório, pois trata-se de uma encomenda privada. Poderei enviar-lhe uma cópia a título confidencial.

— E acerca da França? E verdade que prevê para a França uma grande situação na Europa do futuro?

— Certamente. Penso que a França terá um papel muito mais importante a desempenhar do que a Alemanha.

— E quanto à Península Ibérica? Que pensa da Espanha? E de Portugal?

— A Espanha e Portugal já não podem considerar-se hoje países pobres, pois o seu rendimento «per capita» ultrapassou os 600 dólares. Que deveremos dizer da Índia onde o rendimento por cabeça é de 100 dólares? Estive agora em Espanha interessado em estudar aquele País e sei quanto a Espanha tem progredido. Penso que o idioma espanhol virá a ser o terceiro do Mundo depois do inglês e do francês. O idioma português, devido às áreas onde é falado, terá no futuro, também, uma grande importância.

Foi a altura de falarmos do caso português, da emigração. O prof. Kahn mostrou-se conhecedor do problema e um pouco pessimista quanto ao retorno dos emigrantes que se encontram na Europa.

— Mas a nossa emigração é tradicional — disse-lhe o nosso companheiro de viagem dr. António Barata. E os portugueses que emigraram para o Brasil voltaram em grande número.

— Nessa época — disse o director do Hudson Institute Portugal era melhor do que o Brasil, oferecia melhores condições de vida. Mas, hoje, as condições de vida em França são melhores do que em Portugal. Para recuperar os emigrantes, Portugal terá que se situar ao nível dos outros países industrializados.

INDÚSTRIAS DO FUTURO

O prof. Kahn mostrava-se loquaz. A sua boa disposição levou-o a falar de coisas sem importância, como as delícias do vinho português. Aproximámo-nos da herdade onde decorria a festa campestre em honra dos participantes no 6.º Congresso Europeu de Directores de Pessoal. Kahn mostrava-se atento às suas obrigações e perguntou:

— Quantas pessoas vão estar à noite na Associação Industrial? E na sexta-feira no Centro Cultural Americano?

Falamos-lhe, então, em indústrias do futuro, em turismo.

— O progresso deve ter limites — disse ele. Não pode progredir indefinidamente. Acho inteligente a política de Portugal em relação ao turismo, escolhendo um turismo de quali-

dade. A Espanha terá, dentro de poucos anos, 50 milhões de turistas, mais do que a população do País. Este fenómeno poderá ter consequências desastrosas, no campo do meio-ambiente, por exemplo.

Foi a altura de lhe falarmos em poluição, nessa ameaça que pesa terrivelmente sobre o nosso futuro. O prof. Kahn sorriu, para dizer:

— Fala-se muito em poluição mas creio que poucos países aplicam seriamente medidas para a deter. Sei que apenas nos Estados Unidos, no Japão, na Suécia e na Inglaterra há programas sérios e vastos para salvar a Humanidade dos perigos de um meio ambiente deteriorado. A Alemanha começa agora. Mas há centenas de outros países onde nada se faz. E o caso de Portugal, não é verdade?

— Sim. Em Portugal escreve-se muito contra a poluição mas não se conhecem leis no sentido de preveni-las flagelo — dissemos.

No regresso do Ribatejo, já na companhia do dr. René Cordeiro, da comissão executiva do congresso, Herman Kahn falou um pouco de si:

— Levanto-me às 6 horas da manhã. A minha residência situa-se a umas trinta milhas de Nova Iorque. Tenho uma piscina no jardim, nado e vou trabalhar.

— Tem filhos?

— Dois. Um rapaz e uma rapariga.

— Vão estudar ciências?

— Não creio...

— Quantas pessoas trabalham no Hudson Institute?

— Umas setecentas e cinquenta. Há cientistas de numerosos países, mas ainda nenhum português.

Deixara de falar o cientista para falar o homem simples que é este futurólogo americano. Elogiou a sua secretária-assistente, Cecília Deyto, dizendo que era «extremamente eficiente» para acrescentar:

— Tem um perigo: é muito bonita e já casou... Receio perdê-la...

O prof. Herman Kahn, que regressa no sábado aos Estados Unidos, falou esta tarde na Fundação Gulbenkian. Quisemos antecipar um pouco o conhecimento das suas declarações e perguntámos-lhe:

— Na sua opinião, quais serão os factores que poderão interferir nas previsões sobre o mundo de amanhã?

O autor do livro «O ano 2.000» deu-nos um papel onde se viam os seguintes doze pontos que podem fazer mudar o nosso futuro: 1 — O resultado da guerra do Vietname; uma crise na Europa central; uma rebelião na Europa Ocidental; uma aproximação sino-soviética; o êxito russo ou chinês como focos ideológicos para o mundo; a tomada do oceano Índico pelos soviéticos; o resultado do confronto no Médio Oriente; o fim de determinadas alianças como a do Pacto do Atlântico (cujo andamento) Kahn prevê; a conquista de armamento nuclear por parte do Japão; a criação de uma comunidade defensiva na Europa; o sucesso de uma «castrite» na América Latina; a proliferação das armas nucleares.

Entretanto o 6.º Congresso da Associação Europeia dos Directores de Pessoal encerrou-se, como noticiamos, esta tarde, durante uma cerimónia em que estarão presentes os secretários de Estado da Informação e Turismo, da Indústria e do Trabalho e Previdência. Após a leitura das conclusões pelo secretário-geral dr. Castilho Soares, seguir-se-á a conferência do prof. Kahn, usando a seguir da palavra o presidente da Associação Europeia, o português dr. Raul Caldeira e o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NA AMÉRICA LATINA

Continuação da pag. 3

Castro, pessoalmente, tem mudado drasticamente o tom das suas declarações públicas acerca de outros governos latino-americanos não socialistas.

Anteriormente, o primeiro-ministro cubano asseverava negociar apenas com os governos socialistas, porém, recentemente, tem proclamado a necessidade de uma unidade latino-americana e afirmou querer estabelecer relações amigáveis com os países latino-americanos não socialistas.

No seu discurso de 1.º de Maio, por exemplo, Castro disse:

«Estamos certos de que podem ser desenvolvidas formas de cooperação com os países que seguem uma política externa independente e que defendem os seus interesses nacionais contra o imperialismo yanque».

A decisão da Argentina de reconhecer Cuba pode, segundo se espera, vir a afectar as deliberações de uma comissão especial que deve reunir-se no Peru para considerar uma completa reorganização da OAS.

Na sua última assembleia-geral, que teve lugar o mês passado em Washington, a OAS votou pelo apoio a uma «pluralidade de ideologias». Isto foi interpretado como significando a aceitação de todos os tipos de sistemas políticos e económicos, incluindo o comunismo.

Castro insiste que Cuba não tem interesse em participar na OAS, a que ele próprio chama o «Ministério das Colónias Ianques». Porém, Cuba tem-se tornado mais activa noutras orga-

nizações regionais, tais como a das facções políticas latino-americanas nas Nações Unidas, a comissão económica das Nações Unidas para a América Latina e o «Grupo dos 77» países subdesenvolvidos.

Quando a Venezuela organizou uma reunião dos ministros latino-americanos da Energia, pediu a todos os países da zona para votarem se Cuba deveria ser convidada. Somente o Brasil votou contra, disse uma fonte bem informada venezuelana, e Pedro Miret, ministro cubano das Minas, Metalurgia e Combustíveis, esteve presente à reunião, que teve lugar em Quito, no princípio de Abril.

Quando os delegados decidiram formar a Organização de Energia para a América Latina, Cuba tornou-se automaticamente um dos seus membros.

Uma outra conferência internacional que ilustra a melhoria de relações entre Cuba e outros países latino-americanos foi a reunião do Conselho de Segurança, no Panamá, em Março último. O ministro dos Negócios Estrangeiros cubano Raul Roa teve cordiais conversações informais com os representantes de muitos países latino-americanos que anteriormente se opunham a Cuba.

«Final, eram todos latinos e todos falam espanhol», disse um diplomata sul-americano que esteve no Panamá. «Faz sentido que sigamos juntos».

O Panamá, cuja posição contra Washington no problema do canal foi resolutamente apoiada por Cuba na reunião do Conselho de Segurança, tem enviado muitas delegações de

visita a Cuba e anunciou já a sua intenção de reconhecer o Governo de Castro.

O Equador, que já mencionou a possibilidade de reconhecer Cuba, parece agora aguardar ver o que acontece com a comissão de reorganização da OAS.

A Venezuela, um país que patrocinou as sanções originalmente decretadas pela OAS contra Cuba, tem feito um intercâmbio de grupos desportivos e de funcionários do governo com Cuba, mais recentemente, e, segundo se diz, está disposta a permitir que os petroleiros soviéticos que escalam Cuba transportem petróleo venezuelano, em aparente violação do decreto da OAS contra Castro.

Uma missão comercial mexicana visitou recentemente Cuba, e há informações de que os cubanos desejariam comprar petróleo tanto ao México como à Venezuela.

Embora as relações comerciais entre Cuba e os outros países latino-americanos não sejam economicamente significativas, elas terão, por certo, um impacto político.

Os únicos países latino-americanos que manifestaram não ter interesse em modificar as suas relações com Cuba, são: o Brasil, o mais próximo aliado sul-americano de Washington; a Bolívia, que ainda não esqueceu o apoio dado por Castro às suas guerrilhas anti-governamentais; e o Paraguai bem como umas poucas pequenas nações da América Central com governos da direita.

APROVADOS OS NOVOS PROGRAMAS DE MATEMÁTICA PARA OS LICEUS

Por despacho do ministro da Educação Nacional, foram aprovados os novos programas de Matemática para o curso complementar dos liceus. O programa do 4.º ano (antigo 6.º) entrará em vigor já no próximo ano lectivo e o do 5.º ano (antigo 7.º) no de 1974/75.

Os novos programas inserem-se na linha de renovação do ensino da Matemática, na sequência dos que, com carácter experimental, foram ministrados ao longo de três anos de escolaridade.

Aquela inserção faz-se por duas vias: conteúdos e métodos. Assim, retomam-se algumas matérias, para completar, definir e sintetizar; reforça-se o nível de aquisição das técnicas que conduzem aos automatismos operatórios do cálculo e, ao mesmo tempo, fomentam-se a possibilidade de dominar a compreensão das ideias, a partir do ca-

rácter relacional dos seres matemáticos.

Considerou-se, na escolha e ordenação das rubricas, a necessidade de coordenar o ensino da Matemática com o das outras disciplinas do plano de estudos, nomeadamente com a Física e com a Filosofia; e tiveram-se em conta a idade, o nível mental médio e os interesses dos estudantes que venham a seguir cursos superiores em cujos planos de estudo figurem cadeiras de Matemática.

No preâmbulo do programa, assinala-se ser o mesmo «de transição, sujeito, em futuro próximo, a necessário e indispensável ajustamento no respeitante à selecção, ordenação e extensão das rubricas programadas».

Quanto ao programa do quarto ano, vem dividido em seis rubricas: introdução à lógica matemática; relações; introdução à geome-

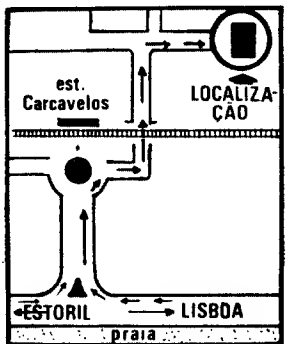
tria analítica plana; funções; grupóides e cálculo combinatorio. Por sua vez, o do quinto ano inclui as seguintes rubricas: cálculo numérico aproximado; introdução à análise infinitesimal; anéis e corpos; estudo do conjunto dos números naturais; números complexos; e vectores e transformações geométricas.

INFORMÁTICA EM COLÓQUIO

Na sede da Cooperativa de Estudos e Documentação efectua-se amanhã, às 21.30, um colóquio sobre «A informática e a vida moderna». Intervirão os drs. Jorge Branco e Francisco Salgado Zenha, que abordarão, respectivamente, os temas «O que é e como funciona um computador» e «Medida e riscos da utilização do computador à face do direito».

ANDARES EM Carcavelos

VENDEM-SE 2, 3 e 4 casas assoalhadas



VISITE o andar modelo no local

JUNTO À ESTACÃO A 900 METROS DA PRAIA

ALCATIFADOS, COM FRIGORÍFICO, FOGÃO, COZINHAS TIPO ITALIANO, MÁQUINA DE LAVAR, ANTENA TV COLECTIVA, FORRADOS A PAPEL.

PLANO FINANCEIRO

	ENTRADA INICIAL	24 MENSALIDADES	LIQUIDACÃO C/HIPOTECA ATÉ 10 ANOS
2 Assoalhadas	40.000s	24 x 6.250s 150.000s	260.000s
3 Assoalhadas	60.000s	23 x 6.650s 152.950s 1 7.050s	330.000s
4 Assoalhadas	90.000	23 x 9.150s 219.450s 1 9.550s	400.000s
		24 229.000s	

Facilidades até 12 anos

VENDE
NUNO SALVAÇÃO BARRETO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.

Escritório: RUA BERNARDO LIMA, 45-4.º-LISBOA
TELEFONES: 40332 / 536473

Alvará N.º 8/70
Câmara Municipal de Cascais

viagens IT

PARA AS SUAS FÉRIAS
OU VIAGENS DE NEGÓCIOS



Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.

VIAGENS DE 7 DIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA
(4 dias) partidas semanais.



OS NOSSOS
PROGRAMAS
ABRANGEM OS MAIS
VARIADOS DESTINOS E
ITINERÁRIOS, PARA
QUALQUER CIDADE
DO MUNDO.

Acomodação em bons Hotéis,
com pequeno almoço.
VISITAS DE CIDADE.

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR
A MÁQUINA AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
LISBOA - PORTO - FARO - FUNCHAL - LISBOA

Bem estar para os seus pés



fuss frisch

pés frescos

cuida e revitaliza
desodoriza

DL/GERAL

Dizem os leitores

COMO PAGAR BILHETES NA LINHA DO ESTORIL

A falta de moeda divisória e as máquinas-bilheteadoras da Sociedade Estoril são o tema que «uma utente dos comboios da Linha», nossa leitora D. Maria Luisa Saldanha, nos benvia em carta:

«Não gosto de resmungar, mas custa-me silenciar anomalias e deficiências escusadas e de fácil remédio.

Há cerca de um ano, começaram a desaparecer as moedas de \$50 e \$100; por coincidência, apareceram nas estações da linha de Cascais umas máquinas automáticas a fornecer bilhetes de simples ida e para as quais são preci-

sas as ditas moedas, pois as tarifas, partindo de 2\$50 vão até 8\$00. A máquina, solicita, adverte que não dá trocos.

Como consequência, no Cais do Sodré, as máquinas — que devem ter custado muito dinheiro — são quase inúteis e, a substituí-las, há só uma bilheteira, que é, ao mesmo tempo, o postigo das informações.

Resultado: a bicha nessa bilheteira forma um longo C ou U e as informações são dadas aos soluços, com a intermitência exigida pela venda dos bilhetes.

Inútil salientar o que o acaso tem de desprestigiante para nacionais e estrangeiros —

sem já falar na incomodidade!

Pergunto: a Sociedade Estoril perderia muito se reduzisse os preços de modo a servirem as poucas moedas sobreviventes, de 2\$50 e 5\$00, à semelhança do que fazem os CTT nas suas cabines públicas que dispensam os \$20 nas chamadas locais? Claro que se tornaria necessária a adaptação das referidas máquinas, mas o português é tão habilidoso que daria um jeito sem dificuldade... Se ao tempo do seu aparecimento descobriu logo o modo de utilizar os telefones públicos sem dispendir (ou reavendo) os \$50!

C. Mas falando seriamente:

porque não faz a Sociedade Estoril nas aludidas máquinas os preços de 2\$50, 5\$00 e 7\$50, reservando os de 3\$50, 5\$50 e 8\$00 para as bilheteiras? Será porque os senhores responsáveis só andam de carro e ainda não tiveram conhecimento experimental ou sequer ocular destas anomalias?

Ainda outra observação: porque não se põe a funcionar ao menos mais uma bilheteira, ficando o postigo das informações só para estas? Parece-me que, para resolver este duplo problema, só era precisa boa vontade. Será que também esta desapareceu?

Informação económica

A ALTA DOS PREÇOS NA EUROPA

PARIS (F. P.) (Por Clement Braise, da AFP)

Com 0,9 por cento no mês de Maio, a alta dos preços de retalho em França atingiu o «record» de Outubro do ano passado. Com este novo impulso, vai a mais de 7 por cento o aumento do índice oficial dos preços para os últimos doze meses, apesar do abrandamento ocorrido no primeiro trimestre, por alívios consecutivos nos impostos, no total de 7,6 biliões de francos.

Uma vez mais, os géneros alimentícios, com um aumento de 1,1 por cento em Maio, e a prestação de serviços com mais 1 por cento estão à frente das subidas. Os produtos manufacturados apresentam 0,5 por cento, mas a sua alta acelerou-se. Todavia, nesta corrida inflacionista, a França deixou de estar à cabeça, como sucedeu entre 1955 e 1959. Depois de ter ocupado o terceiro ou o quarto lugar entre os países industrializados, no período de

x968-1972, atrás da Grã-Bretanha, da Holanda, e da Itália (sem falar do Japão), no final do último mês de Abril, a França vinha, com o Luxemburgo, na cauda dos nove países da C. E. E.

Porém, na altura em que as altas de preços se generalizam e tendem a engrenar-se umas nas outras dentro da C. E. E., a luta contra a inflação necessita de uma acção concertada e é disto que vão ocupar-se os nove ministros das finanças, que reúnem hoje no Luxemburgo. No relatório que lhes é apresentado, os especialistas da comissão da C. E. E. fazem o inventário dos resultados do programa de luta anti-inflacionista, estabelecido em fins de Outubro de 1972. Esses resultados são desapontadores, pois tratava-se de trazer a taxa de aumento dos preços no consumo para 4 por cento entre Dezembro de 1972 e fins de 1973, o que não foi conseguido de maneira nenhuma.

BALANÇO

ALGODÃO

LUANDA, (ANI) — Prevê-se uma fraca campanha algodoeira em Angola, devido à prolongada seca que afectou grande parte das culturas.

As regiões de Novo Redondo e de Porto Amboim, no distrito do Quanza Sul, são, segundo informações da Secretaria Provincial de Agricultura, as mais afectadas, estando plantada apenas um terço das áreas de cultivo tradicional e empresarial — e mesmo nesta a qualidade do algodão a colher será muito fraca.

Nas restantes zonas algodoeiras de Angola, registam-se plantio e crescimento normais nos distritos do Zaire e de Malanje, mas na área do Caxito, perto de Luanda, começam já a notar-se os efeitos da seca, o mesmo acontecendo em relação aos distritos de Benguela e Moçamedes.

O TRIGO DA U. R. S. S.

c WASHINGTON, (ANI) — Uma recente declaração de um funcionário russo em Moscovo indica que a Rússia espera aumentar a sua produção de trigo durante os próximos anos. Anunciam especialistas da secretaria norte-americana

da Agricultura, os quais acrescentam que a expansão da economia russa seria de molde a alcançar nos ambiciosos objectivos do plano quinquenal para 1971-75, no que se refere a carne, leite, criação e ovos.

Um informador da secretaria da Agricultura revelou que um alto funcionário russo anunciou que a produção de trigo da União Soviética em 1975, inicialmente prevista para 205-210 milhões de toneladas, passou a ser calculada em 214 milhões de toneladas. Os especialistas afirmam que isto indica que, apesar das baixas produções em 1971 e 1972, os russos esperam elevar a produção total de trigo no período de cinco anos aos 975 milhões de toneladas previamente estabelecidos.

Supondo que são produzidos os 197 milhões de toneladas previstos para 1972, seria necessária uma produção de 24 milhões de toneladas em 1974 e idêntico quantitativo em 1975 calculam os especialistas. E acrescentam que os esforços para alcançar a produção inicialmente prevista indicam que os russos também esperam manter a sua promessa de produzir quantidades crescentes de produtos pecuários.



HOTEL
CASTOR

AR
CLIMATIZADO

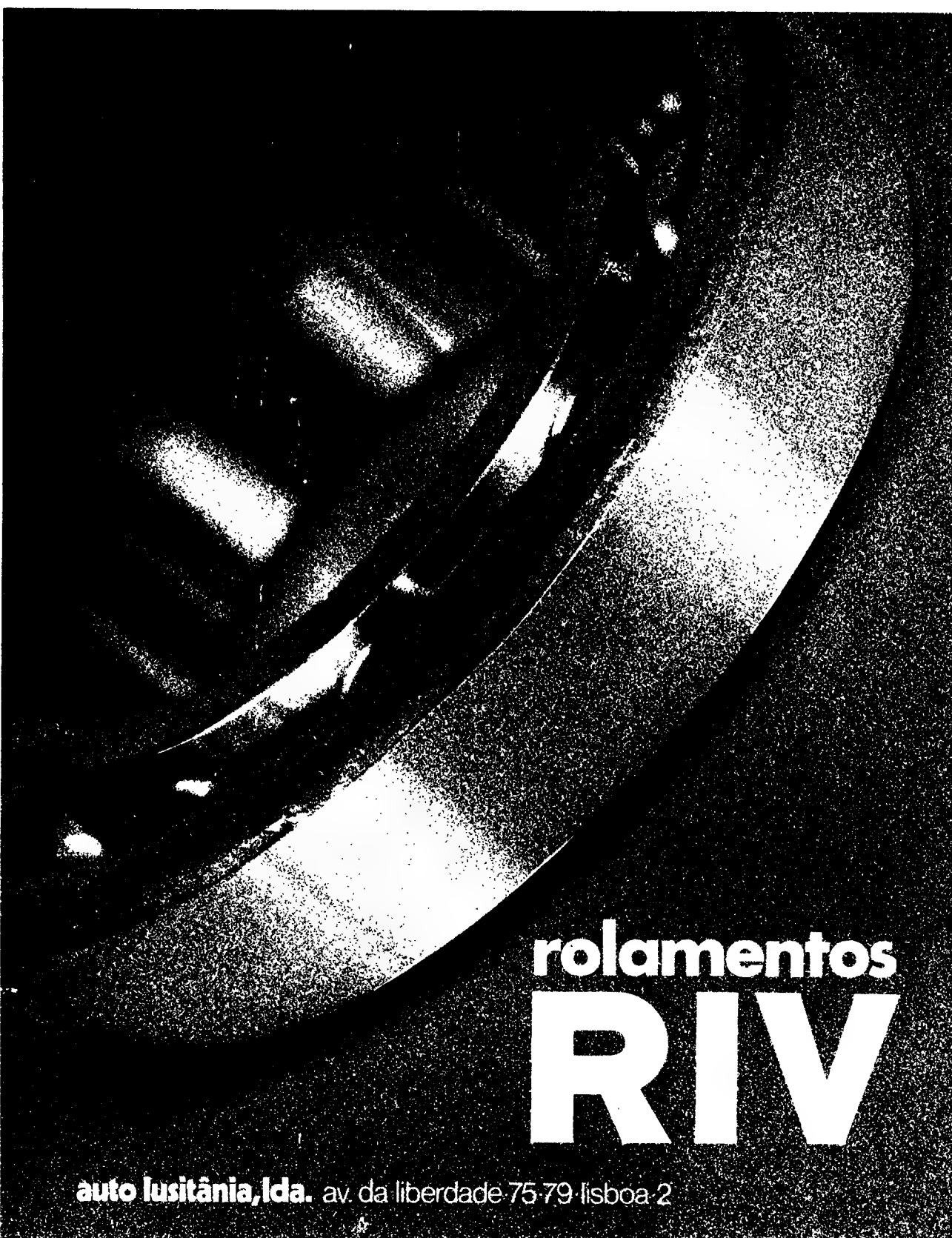
TEL. 28691

R. DAS DOZE CASAS, 17

CURSO DE PNEUMOLOGIA

O 6.º Curso de Pneumologia para pós-graduados, organizado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, inicia-se no próximo dia 4 na aula magna do Hospital Escolar, sob a direcção do prof. dr. Tomé Villar. Estarão

presentes, além de médicos portugueses, o vice-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o director do Departamento de Pneumologia da Clínica Universitária de Basileia.



DL/GERAL

TRIBUNA LIVRE

Evaristo Antunes Teixeira

Caça sô para alguns?

«Segundo o que se depreende da notícia publicada no jornal «República» de 8-6-73 «proibir a caça à lebre e à perdiz» sômente em «terreno livre» é um dos números da proposta que uma Representação das Comissões Venatórias do distrito de Santarém entregou ao secretário de Estado da Agricultura.

Não vamos deter-nos no exame da verdadeira representatividade das actuais comissões venatórias concelhias, sobre os interesses e opiniões da generalidade dos caçadores, embora ignorá-lo possa conduzir a falsos juízos.

Parece-me, porém, dever chamar a atenção para o facto de, o «exemplar da proposta distribuído aos membros das comissões reunidos em Alcanena não conter a expressão «terrenos livres» que agora apareceu na proposta entregue àquele membro do Governo. Graças de imprensa?! Ou... o quê?!...

Voltemos ao «número» que interessa analisar com objectividade. Que pena vir ele estragar todo o resto da peça que contém muito de aproveitável.

Mas... das duas uma: ou esse número é filho de muita ignorância ou então... de muita expertise, daquela tal velhinha que nestas coisas de caça há-de levar sempre alguém a aproveitar todas as circunstâncias.

Imaginemos, para poder-mos precaver o futuro, esse número um da referida proposta a ser representado por todos nós, feitos carne, osso e alma, no palco campestre da realidade. Eis as suas duas cenas principais:

1.ª cena — actores: caçadores simultaneamente de coutos e terreno livre: vários grupos fingindo caçar ao coelho, nos dias permitidos em terreno livre, mas na realidade varrendo lebres e perdizes para dentro do seu couto comercial.

Enfiadas ali, tanto podem caçá-las de salto como colocá-las numa linha de batedores, atrás dos bandos, com ordem de avançar quando eles, já lá à frente, legalizadinhos e acocoradinhos na linha de trincheiras, tocarem a trombeta para «condicionar e racionar» a caça em Portugal!...

2.ª cena — actores: caçadores sômente de terreno livre. Fiscalização: tão rara como pedra preciosa. Prevaricadores: muitos já adultos, outros em embrião. Perdiz ou lebre a levantar-se a jeito e a ir parar ao fundo de bolso, ou boral ou a toca de árvore, donde a seu tempo seria retirada.

Não podemos esquecer e deve ser feita justiça a bastantes actores que se negariam a representar tanto na 1.ª como na 2.ª cenas, que de alma revoltada teriam de assistir, impotentes, quer do camarote, quer da geral campestre, a tão vergonhoso espectáculo, do maior prejuízo para eles e sem proveito para a Nação.

Com o desenrolar destas cenas e com o velho ditado «a ocasião faz o ladrão» parece-me ter ficado bem demonstrado que a adopção de tal medida seria um estrondoso falhanço. Não sabemos todos nós o que se tem passado na caça das rolas, mesmo praticando-se em pequenas zonas, portanto mais fáceis de fiscalizar?!...

Se houver necessidade de caçar mais tempo ao coelho que se escolha para isso o fim da época venatória.

«Condicionar e racionar» do modo que se preconiza, na proposta, não será proteger, poupar, desenvolver e muito menos moralizar a caça. E caçar, actualmente, de batida, animais que possam proporcionar o saudável exercício da caça de salto, é inadmissível!

Para qualquer lei de caça

poder vir a ser uma grande lei, terá de partir do princípio geral de que a caça em Portugal é da Nação e que, portanto, quando houver de ser racionada, terá de o ser também por todos igualmente.

Deverá ter em conta que sem fiscalização e educação suficientes quantos mais buracos tiver a rede do regulamento (e são tantos a puxar-lhe os cordelinhos) mais a caça se escapará para os mãos de traficantes e privilegiados, em prejuízo de todos os caçadores e da Nação.

Se o Governo deseja, para já, tomar uma grande medida proteccionista, basta... basta que institua os tão desejados dois dias semanais e feriados, tanto em terreno livre como em coutos! Se a missão destes é proteger a caça (como dizem) para que querem mais que os mesmos dois dias?...

A abertura da caça à codorniz deve coincidir com a da caça indígena que poderia ser a 5 de Outubro caçando apenas dois dias semanais. A instrução dos dois dias traria, de certeza, um saldo positivo de espécies em relação ao actual sistema.

O custo e sistema da licença de caça deve ser modificado. Como sugestão apresenta-se o seguinte quadro a imprimir no verso do cartão da licença:

Obrigatória:

Caça indígena e todas as demais espécies enquanto aquela durar 200 a 250\$00; adicionais à escolha: rolas, 100\$00; tordos, galinhas, patos, narcejas, 100 a 150\$00; e pombos, 100 a 150\$00.

Arrecadadas tais verbas, muito se poderia fazer em defesa e fomento da caça depois mesmo de retirar a favor do Estado uma percentagem para auxiliar outros desportos e a lavoura.»

CASAS PARA TODOS EM QUELUZ

JUNTO AO LICEU E ESTAÇÃO

480 c.

CASAS COM 4 ASSOALHADAS, 2 C. BANHO, ETC.

48.000\$00

NO ACTO DA INSCRIÇÃO

PERFAZER 30% ATÉ ENTREGA DAS CHAVES

RESTANTE ATÉ 20 ANOS A 1.400\$00 POR MÊS

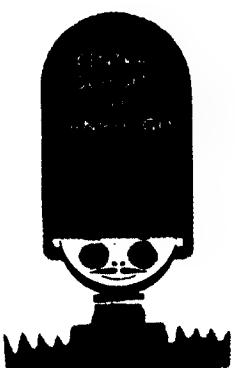
CONDIÇÕES GERAIS

- As casas podem destinar-se para habitação ou rendimento dos compradores.
- Até à entrega das chaves os compradores têm de fazer pequenas entregas parcelares a perfazer 30 % do custo da casa.
- Após entrega das chaves, com incidência sômente sobre os reais quantitativos em dívida, ou seja sobre os saldos líquidos das amortizações feitas conta-se a favor dos vendedores um juro calculado na base de 6,5 % anuais.
- Os compradores ficam com o direito a antecipar os pagamentos ou mesmo a liquidar completamente, quando o desejem.



LISBOA — Av.ª da Liberdade, 157, 2.º — Telefone 5 20 81

PORTO — Rua do Bolhão, 99, 3.º — Telefone 3 07 95



LÍNGUAS NO VERÃO

- CURSOS INTENSIVOS TODOS OS MESES
- CURSOS NORMAIS DE 2 ou 3 Horas semanais
- PROGRAMA ESPECIAL DE APERFEIÇOAMENTO POR CORRESPONDÊNCIA
- AULAS INDIVIDUAIS
- CURSOS DE VERÃO EM INGLATERRA

INFORMAÇÕES: Na Organização Internacional House em Portugal

LISBOA: CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
Telefones 5 14 96; 53 40 54; 53 40 62

BARREIRO: CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
Avenida Alfredo da Silva, 57
Telefone 207 36 22

COIMBRA: INSTITUTE OF LANGUAGE STUDIES
Rua Antero de Quental, 135
Telefone 2 29 71



ELEIÇÕES no Sindicato dos Caixeiros e Profissões Similares 29 DE JUNHO DE 1973

NÃO FALTES NO DIA 29, DAS 11,30 AS 24 HORAS

AV. DA REPÚBLICA, 29, EM LISBOA

Só podem votar os sócios até ao n.º 44 640.

DL/NACIONAL

SUBSISTIR É O LEMA

1

S. João das Lampas: ter mais tractores que lavoura

Com uma agricultura de subsistência e uma mão-de-obra rarefeita, S. João das Lampas, (no concelho de Sintra) e toda a sua freguesia, registam o que é considerado como um dos maiores índices de tractores por hectare (um por quinze) de toda a Europa. No entanto, a lavoura não é próspera numa região de montes lavados pela erosão e ribeiras cada vez mais profundas, de minifúndios cercados por muros de pedra construídos com o fruto da espedrega (espedregar: limpar

um tractor o vizinho também compra, porque não é menos do que ele.)

— É verdade — contou-nos um homem de idade, no largo maior de S. João. — Muita gente compra só porque o vizinho se resolveu. Mas o senhor fê-lo que a saber que muita gente tem mesmo precisão.

É um homem com perto de 70 anos. Parecia saber qual o terreno que pisava. E informou-nos que de facto eram máquinas a mais: «Com cinquenta tractores bem utiliza-

que não sabemos o nome. E, ao entrarmos na tal grande praça de S. João das Lampas, é melhor ainda. Ao passo que numa vila do Alentejo se verão, por exemplo, muare, aqui encontra-se um tractor em reparação à porta de uma garagem, dois outros à porta do dono. E mais um, estacionado, quase no meio.

E é então que falamos com o tal homem. Corresponderão os muros a arame farpado?

— Não, senhor... Nos tempos dos nossos antepassados



Como não havia para onde levar as pedras puseram-nas assim...

sempre no mesmo lado, lavrando num só sentido...

Quantas horas de trabalho se perdem desse modo? E com as contínuas viagens através dos carreiros, para deixar um dos utensílios e levar outro até ao local da actividade? O estudioso também fez os cálculos mas consideramos supérfluo dele dar conta. O que é importante é que a lavoura da região nunca poderá avançar sem que se ultrapassem determinadas realidades.

E era o eng.º Cabrita Isidoro quem justificava, deste modo, a sua escolha para relatório de fim-de-curso:

— A razão fundamental desta escolha provêlo das dificuldades do meio rural (...) tal como S. João das Lampas e que se vão prolongando numa vida agrícola muito difícil sem se moldarem a uma transformação que julgamos inevitavelmente necessária.

A SUBSISTÊNCIA PACÍFICA

Mas nem tudo é máquinas neste mar de pedras. Vamos encontrar, no entroncamento para Areias e Assafora o senhor António Duarte Almeida que serve perfeitamente de contraponto à ideia de excessiva mecanização. Com 75 anos, proprietário de 14 hectares, cultiva milho, trigo, cevada e feno, essencialmente.

— Já não trabalho, não, senhor. Já fiz o que pude. Agora é o meu filho quem trata de tudo.

— Tem algum tractor?

— Não, senhor. Mas para que são estas perguntas? É para ficar com jornais? Não? Ah, bem! Não tenho nenhum tractor porque isto dá pouco. Não é que não tivesse dinheiro, mas eu também já estou velho para andar com essas coisas. Depois o meu filho não tem os exames suficientes para poder andar com ele. Mas olhe que faz-me muita falta...

Lá de dentro, de uma outra divisão, a mulher vai completando o que ao homem esquece, enquanto amassa o pão que há-de levar à boca.

Para remediar o problema, o proprietário resolveu alugar tractores na altura em que deles precisa. Paga 80 escudos à hora (antes era 60) e pelo ano adiante gasta dez contos com essa máquina e com o aluguer da máquina debulhadora.

— Mas ainda é o melhor, porque não há homens para nada, abalou tudo e os que cá estão querem 150 a 200 mil réis por dia.

As parcelas de terreno são quase sempre separadas umas das outras. Isso vem agravar os problemas da utilização da máquina agrícola. «Quem perde é a gente» — lamenta-se. E quanto ao dinheiro que nos

dá mostra de ter amealhado, mas que não emprega em maquinaria, afirma categoricamente:

— Não quero mais terras. Muitos de cá estão a vendê-las. Comprar, Deus me livre! Quem é que trabalha nelas?

O TRACTOR AUTOMÓVEL

Informa-nos ainda este homem, depois de nos manifestar o seu desejo de continuar em paz, que a grande concentração de tractores se dá em Assafora, onde existirão aptos a penetrar a terra, qualquer coisa como 80. Nas Areias existem cinco e o número é variável por cada uma das povoações espalhadas pela freguesia.

Dirigimo-nos, pois, a Assafora, já com uma lista dos maiores proprietários, daquele tipo de velículo.

Batemos à porta do Manuel Lourenço, dono de 20 e tantos hectares. Tem as suas vacas, os seus animais, faz a exploração do que lhe deixaram ou adquiriu, conforme pode, por saber de experiência feita.

— Comprei os tractores para o meu serviço. Dizem que esta é a freguesia da Europa que tem mais tractores. Mas a gente precisa deles para cultivar as terras. Depois há os homens que se servem deles para acarreterem o estrume para as hortas. O tractor para a gente serve de tractor e de automóvel.

Vamos ver: se um agricultor aqui da zona quer ir a uma das suas propriedades, certamente que não vai a botes, como alguém nos diz. Tem o tractor, pega na máquina e mete-se a caminho. Pois se eles vão tantas vezes a Sintra, seja para irem vender os seus produtos seja para transportar o que lhes falta ou apraz...

— Cá por mim, se não for com tractor não faço nada — diz-nos Manuel Lourenço.

A Assafora tem, segundo a

mesma fonte de informação, cinco por cinco quilómetros. Portanto, em seu entender não era preciso tanta maquinaria:

— Não sei se é inveja. Um não pode comprar mas compra. O outro diz lá para ele: então se ele pode comprar eu também posso. Mas digo-lhe que cada um tem de ter o seu tractor ou arranjar-lhe. E há aí as cooperativas. Cá por mim já tentei remediar a coisa com mais uns, mas tivemos problemas com as Finanças. Então eles não vêem que a gente precisa de se arranjar de alguma maneira? A gente, como temos mais ou menos os mesmos terrenos ajudava-se uns aos outros e usávamos as mesmas máquinas. Assim é que era.

Cooperativa?

— Sim, senhor. E já tem uma data de sócios. Olhe, é falar com o senhor Manuel Carioca que mora além daquele prédio da empresa verde. Ele tem lá um escritório e faz a escrita da coisa.

Nas ruas da povoação, a três quilómetros do mar, circulam muitos automóveis.

UM — APARTE

A três quilómetros das casas há uma praia. A freguesia tem dez quilómetros de praia desconhecidos de quase toda a gente. Agora, os primeiros escritos aparecem nas janelas, os primeiros turistas fazem de calção a ocupação mínima das ruas.

Estrada para a praia?

— Este ano ainda a não arranjaram — dizia-nos mais tarde Manuel Carioca. — Fomos nós que a fizemos.

E o turismo anda por aí à espreita, não é verdade? Vamos por estas praias, a Norte das Azenhas do Mar, à procura do turista, para parafrasearmos o crítico?

E a lavoura, ai Jesus! Então não há aqui um rico vinho, no prolongamento da região de Colares? Então já não se gosta de vinho?



«Não quero mais terras. Muitos de cá estão a vendê-las».

de pedras — «Dicionário de Moraes»). É essa particularidade que faz notada uma freguesia que, de outro modo e apesar dos seus dez quilómetros de costa inexplorada, continuaria na rota do «Portugal desconhecido».

São cerca de 2400 proprietários. Em média, cada um não vai além da posse de dois hectares. No entanto, também aqui, 98,83 por cento tem menos de dez hectares e 89,69 por cento não passa dos 2,2829 hectares.

Mas a informação que nos chegou à mão tinha graça e aparentava uma certa dose de má língua. «É — diziam-nos — uma questão de concórdia entre os diversos proprietários. Quando um compra

dos podiam tratar de todos os terrenos da freguesia. Mas então...»

O MINIFÚNDIO CERCADO

Quem abandona, logo à saída da Terrugem, a estrada que conduz de Sintra a Ericeira, com o mar a bater ao fundo, lá na costa, encontra uma paisagem insuspeitada: as tais colinas lavadas pelo vento, a chuva, o tempo, as searas rasteiras, os muros quase da altura de um homem, o ar quente, agora, no Verão.

De um lado e do outro da estreita estrada, vão surgindo os primeiros indícios da tal mecanização: arados derregadores, escarificadores, grades de discos e outros utensílios de

havia por aí muitas pedras nos campos e era preciso tirá-las de lá porque estragavam as charruas. Como não havia para onde as levar puseram-nas assim...

E, de tal modo, caminhou-se para todas as dificuldades hoje existentes. O eng.º José Cabrita Isidoro fez o seu relatório de fim de curso sobre a vida nesta freguesia. Nesse relatório se dá conta, em pormenor, da vida, da geografia, das características todas da circunscrição. Diz a certa altura:

— Muitas vezes, nas lavouras, os tractoristas, em vez de fazerem a viragem no fim de cada rego, fazem marcha atrás e vêm recomçar os regos

Viagens Acompanhadas
POR GUIA PORTUGUÊS

EM AVIÕES TAP E CIRCUITOS EM AUTOPULLMANS DE TURISMO

ITÁLIA
10 dias — 7.380\$00
(Em autopullman de Zurique a Zurique).
Visitando: Milão, Veneza, Florença, Roma, Génova, etc.

ÁUSTRIA
10 dias — 7.750\$00
(Em autopullman de Zurique a Zurique).
Visitando: Munique, Salzburgo, Viena, Innsbruck, etc.

PARTIDAS EM 2, 11, 20 e 29 DE AGOSTO
UMA ORGANIZAÇÃO **politur**

Inscrições até
30 de Junho
Informe-se na:

Meliá
A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO
MUNDIAL DE VIAGENS
RUA ROSA ARAÚJO, 2 — TEL. 53 69 71

LONDRES

UMA SEMANA
Desde: 3.350\$00

PARTIDAS
TODAS AS 5.ªS-FEIRAS
AVIÃO+HOTEL
INSCRIÇÕES

Av. da Liberdade, 103
— Telef. 361921 - 33299
Av. de Roma, 4-C
— Telef. 722630 - 722654
R. Rodrigo da Fonseca, 26
— Telef. 680632

Em Outubro de 1968, segundo os dados que foi possível obter ao eng.º agrónomo Cabrita Isidoro, para elaboração do seu relatório de fim-de-curso, intitulado «Estudo económico-social agrícola da freguesia de S. João das Lampas», existiam 189 tractores.

Sendo que, actualmente, a existência de tais máquinas anda pelos 300 e tal, deve proceder-se à actualização aproximada dos elementos que damos a seguir e que se referem à data de elaboração da-

quele estudo: 13 debulhadoras fixas, igual número de enfardadeiras, 130 arados derregadores, 11 escarificadores, 195 charruas, 17 frezes, 49 gadanhais, 80 grades de discos, 88 grades de molas e 144 reboques.

O valor total, ao preço de custo, ascendia a cerca de 24 500 contos. Teoricamente contribuirá para tão grande parque agrícola, a existência na sede da freguesia de uma fábrica de alfaías e reboques, que emprega cerca de quatro centenas de indivíduos.

Participação actuante das maiorias africanas na vida pública

-Defende o general Spínola

«Impõe-se assegurar, desde já, a participação actuante das maiorias africanas na vida pública, com vista a dar corpo ao ideal que, a meu ver, contém a única via de se obter, na pluralidade, a coesão do Todo Nacional: ideal, todavia, de muito difícil materialização quando confinado ao quadro da rígida sujeição a esquemas políticos ainda não ajustados à realidade africana...», afirmou hoje em Bissau, o general António de Spínola durante a apresentação à Assembleia Legislativa do Projecto de Regulamento do Congresso do Povo da Guiné.

Noutro passo do seu discurso, disse ainda aquele oficial-general: «Continuo a sustentar ser impossível governar sem que as decisões se apoiem no suporte indiscutível da legitimidade; e jamais se poderia governar avisadamente a Guiné sem buscar essa legitimidade no respeito pela sua estrutura social e na efectiva participação dos seus grupos humanos na definição e prossecução dos objectivos em vista».

E a concluir, referindo-se ainda ao Congresso do Povo: «Fica, pois, depositada nas mãos de V. Exs. a eficácia de uma instituição política da mais alta projecção no futuro da Província, instrumento impar de afirmação e participação dos Guineus na governação provincial e, ao mesmo tempo, precios factor da conquista da paz pela via do diálogo, da verdade e da

razão, caminho de que jamais me afastarei».

O PROJECTO

Aspectos fundamentais do Projecto de Regulamentação dos Congressos do Povo da Guiné:

1. Na natureza e afins: os congressos destinam-se essencialmente «a institucionalizar a mais directa participação (das populações) na administração pública e na definição das bases da acção governativa», tendo por objectivos, (a) «proporcionar aos vários grupos étnicos ampla audição e possibilidade de diálogo, através de delegados eleitos com vista à concretização das aspirações e à defesa dos legítimos interesses» da população e (b) «detectar tensões que possam existir entre os diversos grupos étnicos, por forma, a habilitar o governo a promover a harmonização dos interesses em conflito».

2. São congressistas: por direito próprio, os régulos e encarregados de regulado e «os cidadãos eleitos pela população para a representar» (Art.º 7.º); a eleição «será feita por sufrágio directo, sendo eleitores elegíveis todos os cidadãos maiores de 18 anos inscritos nos cadernos de recenseamento populacional».

3. Os Congressos compõem-se de duas fases: a regional, a realizar em cada concelho e circunscrição, e a provincial, a realizar em Bissau. Na fase regional, o critério de propor-

cionalidade demográfica e étnica determina a existência de um delegado por cada 200 habitantes; os Congressistas participantes na fase regional elegerão os seus representantes à fase provincial na proporção de um para cada cinco congressistas;

4. Os problemas que não possam, pela sua natureza, ser resolvidos regionalmente, passarão à fase provincial; a qual consta de duas sessões: a étnica e o plenário. Na sessão étnica tomam parte todos os congressistas, separadamente por etnias ou conjuntos de etnias de menor expressão demográfica; na sessão plenária tomam parte todos os congressistas e nela serão anunciadas e submetidas a discussão as conclusões emanadas da sessão étnica. Do plenário deverão resultar ainda as conclusões finais, as quais serão tornadas públicas na sessão de encerramento dos Congressos;

5. As reuniões da fase provincial serão presididas por uma mesa constituída por quatro membros eleitos pelos congressistas e três membros nomeados pelo governador. Na fase regional, da mesa farão sempre parte membros eleitos pelos congressistas;

6. Nos termos do disposto no Estatuto Político-Administrativo da Província, as conclusões aprovadas no Congresso do Povo serão apresentadas à Assembleia Legislativa, para os fins indicados no respectivo regimento.

PODIAM TER-SE RECENSEADO...

Segundo um estudo realizado por um dos grupos de trabalho da Sede — Associação para o Desenvolvimento Económico e Social, e cujos resultados foram apresentados num colóquio efectuado naquele organismo, a população susceptível de ser recenseada em 1973 poderia ser de quatro milhões no Continente Ilhas Adjacentes, para uma população residente de mais de 21 anos, calculada em 5392100.

O método de trabalho seguido pelo grupo consistiu em verificar, face à lei eleitoral e de estatísticas da população quais as pessoas que poderiam ser recenseadas, deduzindo-lhes aquelas que sofrem de qualquer das incapacidades igualmente previstas na lei.

O tema colóquio foi apresentado pelo dr. Magalhães Mota, tendo os dados sido particularizados ao nível de distrito.

Comparando com os dados

relativos a 1969, Eleutério Freire, ao intervir, salientou que os maiores desfazamentos se verificaram nos distritos de Setúbal, Faro Porto e Lisboa.

Sugerindo outra linha de averiguação, o mesmo elemento da mesa lembrou que a recente alteração do número de deputados parece ter-se orientado no sentido de assegurar certa proporcionalidade de represen-

tação. Assim sendo, os resultados só não correspondem bem em Lisboa e Porto o que de acordo com essa regra deveriam ser respectivamente de 28 e 17 deputados.

As proporções actuais de representatividade oscilam entre 1 deputado por 11.261 eleitores potenciais (Horta) e 1 deputado por 68368 eleitores potenciais em Lisboa.

CONFIE NA

Curiosaria da
GUIA

COMO O FAZ HA QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA



RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

COM O SEU CONJUNTO DE DIVERTIMENTOS, REPRESENTAÇÕES DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA E OUTRAS INSTALAÇÕES

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século» TORNA-SE PARA LISBOA A SUA MAIOR ATRACÇÃO

LA HÁ DE TUDO:

- AS MELHORES ESPECIALIDADES CULINÁRIAS
- OS MELHORES VINHOS DE TODAS AS REGIÕES
- OS MAIS SABOROSOS E APETITOSOS PETISCOS
- AS GULOSEIMAS REGIONAIS DE PORTUGAL
- AS MAIS REFRESCANTES BEBIDAS E GELADOS

ABERTURA AS 19 HORAS

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Charles Bronson
Marlène Jobert

O passageiro da chuva
(Le passager de la pluie)

Um filme de **René Clément**
Colorido

GRUPO C - 14 anos

ESPANTOSO!

AMANHÃ, às 21.45



A violência de um corpo a corpo... a ternura de dois corações!

viagens nascimento
experiência em turismo

Novidade em Portugal

U.S.A. Miami

uma semana
11.300\$

Descubra um dos lugares mais fascinantes dos Estados Unidos. Praias que se estendem por quilómetros. O ambiente cosmopolita e animado do ponto de encontro do «jet set» internacional. Aproveite esta oportunidade única de viver umas férias de milionário. De praticar o seu desporto favorito. Todos os domingos partimos para Miami. Passe connosco umas férias de sonho. Por um preço jamais oferecido no mercado português

ou duas semanas por 13.100\$00. Incluindo viagem Lisboa, Miami, Lisboa, em jacto Super DC8 com refeições a bordo e «open-bar». Assistência e transporte à chegada e partida de Miami. Estadia em hotel de 1.ª classe. Cocktail de boas-vindas. Visita da cidade.

Contate-nos pelo telefone. Ou receba programa detalhado.

Nome _____
Morada _____
Tel. _____

Viagens Nascimento
Rua das Flores, 71
Tel. 32 04 00-36 18 23 Lisboa-2

DL/ESTRANGEIRO

Greve no "Messaggero"

ROMA, 28 (R.) — Jornalistas do "Il Messaggero", o periódico romano de circulação maciça, realizaram a noite passada a sua terceira greve de três horas ao continuarem com o protesto contra a compra no mês passado de metade das acções do jornal por Edilio Rusconi, proprietário de uma revista das direitas.

A última acção grevista foi provocada pela nomeação esta semana de um novo director que o outro proprietário, jornalista e outro pessoal não pertencente à redacção se recusaram a reconhecer.

Num editorial no número de hoje, com o título "Uma batalha pelo país", "Il Messaggero" afirma que as forças democráticas na Itália "parecem ter-se perdido no caminho".

O jornal pede a todos os partidos antifascistas italianos para "empregarem toda a sua força possível para resistirem ao ataque total que ameaça acabar com o equilíbrio constitucional do país".

«Os problemas do jornal são apenas parte da situação perigosa que ameaça a independência e a paz de Itália», acrescenta "Il Messaggero".

WASHINGTON, 28 -- (R.) — O presidente Nixon está disposto a conceder uma conferência de Imprensa para responder a todas as perguntas que desejem fazer-lhe sobre o seu papel no caso Watergate, depois das principais testemu-

nhas terem deposto na comissão de inquérito do Senado, declarou hoje Melvin Laird ao jornal «Washington Post».

O antigo secretário da Defesa, que ocupa actualmente um lugar de confiança na Casa Branca como colaborador pre-

sidencial, disse ter discutido com Nixon a realização dessa conferência de Imprensa, tendo verificado que o presidente se encontra disposto a esclarecer a opinião pública.

Laird deu ainda a entender que o informador oficial da Casa Branca Ronald Ziegler poderá ser substituído pelo seu actual adjunto Gerald Warren, em virtude de ter perdido a confiança da Imprensa devido a certas declarações que fez relacionadas com o caso Watergate.

«Eu compreendo o problema de Ziegler», disse Laird ao «Washington Post». «Estou convencido de que ele não deu informações incorrectas deliberadamente, mas pelo que ouvi julgo que será vantajoso ter durante algum tempo outro informador da Imprensa».

As declarações de um colaborador de Nixon ao «Washington Post» são consideradas significativas de que alguma coisa está a mudar na estratégia da Casa Branca, uma vez que foi este jornal que primeiro denunciou o escândalo de Watergate e conseguiu com isso o prémio Pulitzer de reportagem, ao mesmo tempo que os seus repórteres passaram a ser alvo da animosidade dos funcionários da Casa Branca.

Entretanto a Casa Branca passou ao contra-ataque e divulgou um memorando preparado para a comissão de inquérito no qual acusa John Mitchell, o antigo chefe da campanha eleitoral de Nixon e amigo íntimo do presidente, de ter participado nas tentativas para encobrir o escândalo e os principais responsáveis pelo ar-

rombamento e escuta em Watergate.

Por seu turno, John Dean, o antigo consultor jurídico da Casa Branca, que declarou já no Senado que o presidente teve conhecimento das manobras de encobrimento, é acusado no memorando da Casa Branca de ter sido o principal arquitecto da operação de encobrimento e «o principal autor da crise política e constitucional» que o país atravessa.

O memorando diz que Mitchell era o protector de Dean e teria efectuado com este uma série de reuniões para preparar o encobrimento logo que os arrombadores foram presos em flagrante na sede do Partido Democrático.

Este documento é a primeira tentativa da Casa Branca para incriminar Mitchell, durante muitos anos aliado político e homem de confiança do presidente Nixon, mas o próprio Dean no seu depoimento já tinha dito que Bob Haldeman e John Ehrlichman, os dois mais íntimos colaboradores de Nixon, tinham em determinada altura discutido a conveniência de atirar com todas as culpas do caso para cima de Mitchell.

O memorando da Casa Branca foi considerado por fontes ligadas à comissão de inquérito mal preparado e pouco hábil.

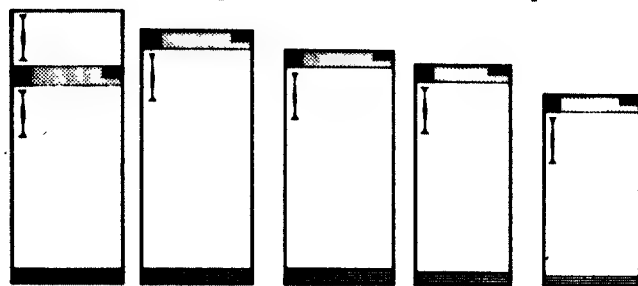
Dean apresentou ontem à comissão do Senado uma lista de 207 nomes de pessoas como os actores Paul Newman, Gregory Peck, Jane Fonda, Barbra Streisand e os senadores Edward Kennedy e William Fulbright, considerados pela Casa Branca como «inimigos» ou «possíveis inimigos».

um super-mercado em sua casa !!!



tenha em sua casa o frigorífico com o maior aproveitamento da capacidade

320 L.
2 PORTAS
315 L.
285 L.
235 L.
200 L.



FAGOR apresenta 5 modelos da sua nova e completa linha de frigoríficos, com isolamento especial (de poliuretano expandido) e sistema de refrigeração, garantido por 5 anos.

Distinguidos num exigente controle de qualidade, asseguram constantes temperaturas negativas no congelador e 0° a 6° positivos no resto do frigorífico.

Senhores de uma original beleza, qualquer dos 5 modelos valoriza decisivamente a decoração da sua cozinha.



ALTA CAPACIDADE POR BAIXO PREÇO



MAIS TÉCNICA, MELHOR SERVIÇO



NOVIDADE

«OS LUSÍADAS» E O PODER POLÍTICO

por Maria Margarida R. Garcez da Silva
(premiado no concurso de ensaios sobre
«Os Lusíadas»)

PEDIDOS AS LIVRARIAS

COMPANHIA ANGOLANA DE AGRICULTURA

«C. A. D. A.»

Sede: Porto Amboim — Angola

DIVIDENDO DE 1972

A partir do dia 29 do corrente mês de Junho, está a pagamento no Banco de Angola, em Luanda, ou na Sede da Companhia em Porto Amboim, o dividendo votado na Assembleia Geral realizada em 31 de Maio p.p.

Avisam-se os Senhores Accionistas residentes no exterior da província de Angola, que desejarem efectuar a transferência do seu dividendo, de que deverão apresentar nos escritórios da Companhia, em Lisboa, na Rua Áurea, 181-4, até ao dia 13 do próximo mês de Julho, a relação das acções que possuem, acompanhada dos respectivos coupons.

Lisboa, 27 de Junho de 1973.

A ADMINISTRAÇÃO



GIL-OCULISTA, LDA.

FUNDADA EM 1865
R. DA PRATA, 138-140 — LISBOA-2

Receituário Médico

Fornecedor de Caixas de Previdência

Aparelhos de Precisão

ESQUEMA DE LIÇÕES SOBRE OS LUSÍADAS

por

Maria do Ceu Novais de Faria

(1.º Prémio)

PEDIDOS AS LIVRARIAS - PREÇO: 30 ESC

Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»

DL/ESTRANGEIRO

Confrontação de poderes nos Estados Unidos

WASHINGTON, 28 — (R.) — Ao opor o seu veto à suspensão dos bombardeamentos na Indochina, que tinha sido aprovada pelo Congresso, o presidente Nixon deu início a uma grave confrontação entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo. Os democráticos, que dispõem de maioria em ambas as câmaras, além do apoio de republicanos liberais, estão dispostos a levar essa confrontação até às suas últimas consequências.

O chefe democrático no Senado, Mike Mansfield, anunciou que vai apresentar emendas cancelando as verbas destinadas aos bombardeamentos em todos os projectos de lei que passem pelo Senado a pedir verbas para o Governo até que o presidente se decida a assinar um desses diplomas, ficando assim na obrigação de suspender os bombardeamentos.

Caso o presidente conti-

nue a recorrer ao veto para impedir a aprovação de todas essas medidas legislativas chegará a uma altura em que o Governo não poderá funcionar por falta de dinheiro para as despesas dos seus vários departamentos.

«Se o presidente não quiser acabar com os bombardeamentos no Camboja mas preferir antes paralisar o Governo dos Estados Unidos isso agora é com ele», declarou Mansfield.

A capital chilena sob controle militar

SANTIAGO DO CHILE, 28 (F.P. e R.) — O Governo chileno declarou a noite passada o estado de emergência na província de Santiago, onde vive cerca de um terço da população, colocando-a sob controle militar.

Esta medida segue-se a uma tentativa sem êxito para assassinar o comandante em chefe do Exército, general Carlos Prats Gonzalez, segundo um comunicado oficial.

Uma comunicação oficial sobre a tentativa de assassinio dizia que o automóvel do general fora cercado num cruzamento de estradas em Santiago por vários veículos, cujos motoristas começaram a gritar

ameaças.

O general Prats disparou tiros contra os pneumáticos de uma vitura que se colocara em frente do seu carro e ordenou, depois, ao seu motorista para parar e saiu do automóvel.

Foi cercado, então, por cerca de 100 pessoas que o insultaram e tentaram agredi-lo. Frases insultuosas foram pintadas no seu automóvel, foram esvaziados os pneus do carro e feitas tentativas para largar fogo ao veículo.

O general dirigiu-se imediatamente depois de taxi para o palácio do Governo e apresentou a sua demissão ao presidente Allende, que a recusou — prosseguia a comunicação.

A notícia comparava o incidente com uma emboscada em que o antigo comandante chefe do Exército, general René Schneider, foi assassinado em fins de 1971, pouco depois do dr. Allende ser eleito presidente.

A província de Santiago foi declarada zona de emergência no princípio deste ano em resultado de actos de violência entre manifestantes pro e contra o Governo, que deixaram

duas pessoas mortas e mais 14 feridas.

A província de O'Higgins, directamente ao sul de Santiago, foi, também, declarada área de emergência a seguir a uma onda de violência provocada por uma greve na gigantesca mina de cobre de El Teniente, que entrou hoje na décima semana.

Desde então essa província tem estado continuamente sob controle militar e têm-se registado actos de violência entre os grevistas e partidários do Governo, que não abandonaram o trabalho. A greve obrigou no princípio deste mês o Chile a suspender as suas exportações vitais de cobre.

PRÉMIO LÉNINE PARA ALLENDE

O presidente Salvador Allende recebeu ontem o Prémio Lénine da Paz, que lhe foi concedido pela Academia das Ciências da URSS. No discurso que pronunciou na cerimónia de entrega, o presidente Allende anunciou que destina os 25.000 rublos do prémio (cerca de 900 contos) à construção de um centro clínico para o estudo das doenças infantis.

Grupos extremistas poderão ser proibidos pelo Governo francês

PARIS, 28 (R.) — O Governo francês decidiu colocar fora da lei os principais grupos extremistas das direitas e das esquerdas, numa tentativa para limitar a sua actividade e impedir futuramente novas desordens violentas nas ruas, disseram fontes oficiais.

Segundo as mesmas fontes, a decisão de proibir as actividades da Liga Comunista Trotskista e do movimento neofascista Ordre Nouveau será anunciada após a reunião de hoje do gabinete.

GOVERNO ELEITO NO URUGUAI SÓ NO FIM DE 1976

MONTEVIDEU, 28 — (EFE, ANI e FP) — O ministro uruguaio do Interior, coronel médico Nestor Bolentini, afirmou numa conferência de Imprensa que a situação actual do país é «transitória» e solicitou a cooperação de todos para levar por diante os planos que foram traçados pelo Governo.

«O país superou uma crise institucional e iniciou o seu novo caminho — declarou o ministro — a paz e a tranquilidade são absolutas e o Governo está em pleno exercício dos seus poderes».

Entretanto, com quase uma hora de atraso sobre a hora prevista, o presidente uruguaio, Juna Maria Bordaberry, dirigiu uma anunciada mensagem a todo o país, por intermédio da Rádio e da Televisão.

Bordaberry salientou que um Governo eleito entrará em funções no último domingo de 1976, data em que expira o seu mandato, e reiterou as acusações incluídas no decreto de dissolução das duas Câmaras legislativas, assinalando erros do Parlamento quanto à não aprovação da perda de mandato do senador esquerdista Enrique Erro, que é acusado de subversão.

O presidente não fez qualquer alusão às forças armadas, ao papel que estas terão no futuro, nem deu indicações a respeito da política económica e social que entende seguir. Por outro lado, ao contrário do que muitos esperavam, não anunciou o aumento geral de 50 por cento dos salários, que provavelmente poria termo à greve geral declarada pelo principal sindicato do país, a CNT (Convenção Nacional dos Trabalhadores). Esta, depois

de ter declarado a greve ontem, anunciou que hoje continuaria o movimento. Sabe-se todavia que entre a CNT e os militares estão em curso negociações.

ERRO ACUSA

BUENOS AIRES, 28 (UPI e ANI) — O senador uruguaio Enrique Erro, que se encontra actualmente na Argentina, depois de os militares terem pedido que lhe fosse retirada a

imunidade para ser julgado por subversão, acusou a embaixada norte-americana em Montevideo de «promover a actual crise por encorajar as forças armadas no sentido de exercerem influência indevida sobre o Governo».

Antes de o presidente Bordaberry ter dissolvido as duas câmaras legislativas do Uruguai, os militares tinham acusado o senador Erro de manter contactos com os guerrilheiros Tupamaros.

NIXON JUSTIFICA O SEU VETO:

A suspensão dos bombardeamentos dificultaria a paz no Camboja

WASHINGTON, 28 — (R.) — O presidente Nixon vetou a legislação que corta os fundos destinados aos bombardeamentos americanos na Indochina e viu-se prontamente envolvido numa nova batalha com o Congresso.

Horas depois do seu veto, o Senado aprovou uma nova emenda que proíbe a utilização de fundos para os ataques aéreos americanos no Laos e no Camboja.

O líder democrático do Senado, Mike Mansfield, preveniu que o Congresso continuaria a anexar emendas contra os bombardeamentos a todos os projectos de lei relativos a verbas que fossem submetidos à sua apreciação até que o presidente aceitasse uma delas.

Ao anunciar o seu veto em San Clemente, na Califórnia, Nixon declarou que qualquer outra alternativa a ameaça a segurança do Sueste Asiático e destruiria a credibilidade dos Estados Unidos em todo o mundo.

A medida contra a guerra que rejeitou fazia parte de um decreto atribuindo uma verba de 3400 milhões de dólares ao Governo.

Pouco depois, a Câmara dos Representantes votou (241 contra 173) para derrubar o veto, mas o resultado estava 35 votos abaixo da maioria de dois terços exigida.

O Senado anexou então a emenda anti-guerra a um projecto de lei que permitiria ao Governo dispendir até 485000 milhões de dólares por ano. O actual decreto estabelecendo o limite máximo de despesas governamentais expira a 30 de Junho e o projecto ao qual foi adicionada a emenda anti-bombardeamentos autorizaria que o Governo mantivesse o actual ritmo de despesas até 30 de Novembro.

Fontes bem informadas revelam que Nixon acarará esta medida mais difícil de vetar, visto que o Governo se verá despojado dos fundos necessários para satisfazer os seus compromissos sem aquelas verbas.

Na sua mensagem ao Congresso, Nixon salientara a urgência da aprovação do projecto

de lei sobre o limite das despesas, para que o Governo pudesse continuar a funcionar.

Por outro lado, manifestava a sua grave apreensão pela proibição aos bombardeamentos no Camboja, que, alegava, destruiriam as probabilidades de uma paz negociada naquele país.

Aparentemente, Nixon vetou a medida com a convicção de que os seus adversários não conseguiriam reunir os dois terços de maioria necessários na Câmara dos representantes ou no Senado para anular o seu veto.

Indicou que quatro razões o haviam impellido de tomar a sua decisão, embora ela criasse graves problemas pelo corte dos fundos destinados às operações governamentais no ano financeiro corrente, que termina no sábado.

A suspensão total dos bombardeamentos no Camboja retiraria aos comunistas todo o incentivo para negociarem e minaria seriamente as diligências diplomáticas para alcançar ali o cessar fogo.

Prejudicaria gravemente a capacidade de as forças armadas cambojanas impedirem a vitória militar comunista, conquistada com o auxílio de forças exteriores, e a instalação de um Governo controlado por Hanói em Phnom Penh.

A vitória comunista no Camboja ameaçaria o frágil equilíbrio dos acordos negociados, os alinhamentos políticos e as capacidades militares de que depende a paz geral na Ásia.

A proibição imposta pelo Congresso aos bombardeamentos no Camboja poriam em causa os compromissos tomados pe-

los Estados Unidos não só em relação ao acordo do Vietname como também em relação a outros acordos alcançados ou em vias de conclusão com outros países.

SAIGÃO AMEAÇA

SAIGÃO, 28 (FP) — Se Phnom Penh pedir, a República do Vietname poderá intervir militarmente no Camboja, pois a derrota das forças governamentais cambojanas constituiria uma séria ameaça para a segurança do Vietname do Sul, disse um informador saionês acrescentando que se assim sucedesse o Vietname teria de tomar todas as medidas apropriadas, tanto mais que havia de se ter, em conta a possibilidade dos Estados Unidos cessarem o seu apoio aéreo ao Camboja (voto do Senado e dos Representantes).

Entretanto, em Hong Kong,

a agência China Nova informou que as forças contra Phnom Penh puseram fora de combate 1300 homens das tropas governamentais entre 17 de Maio e 18 do corrente.

A DESMINAGEM DE HAIPHONG

WASHINGTON, 28 (FP) — O Pentágono anunciou que as operações de desminagem do porto de Haiphong estavam concluídas. A marinha notificou oficialmente as autoridades norte-vietnamitas de que os cinco canais de acesso e as proximidades imediatas do porto estavam agora livres.

Esta informação constitui, porém, apenas uma formalidade, visto que, já há dois meses, os navios recomeçaram os seus movimentos no porto de Haiphong no ritmo de 20 a 25 por mês.

Helicópteros da Marinha americana vão agora concentrar as suas operações no sul do país, tendo por objectivo limpar até 18 de Julho próximo os acessos aos outros sete portos que foram minados, precisou o pentágono.

CALEIDOSCÓPIO

MARROCOS: JULGAMENTO

— No meio de metralhadoras ligeiras, pistolas e explosivos, apresentados ao tribunal marroquino de Kenitra pela acusação pública, um oficial demitido de 28 anos, admitiu ontem ter colocado duas poderosas bombas na missão diplomática dos Estados Unidos em Casablanca em Março último. O oficial Mohammed Moutadi, é um dos 157 marroquinos acusados de estarem envolvidos num movimento subversivo armado contra o regime do rei Hassan.

DEZASSEIS MINEIROS

MORTOS — Perderam a vida 16 mineiros ao ocorrer uma avaria no elevador que os trazia de uma galeria de uma mina de ouro, segundo revelou em Joanesburgo um informador da mina. O desastre, em consequência do qual morreram um branco e quinze africanos, registou-se na mina de ouro de Buffelsfontein, a 144 quilómetros a sudoeste de Joanesburgo.

MITTERRAND REELEITO

François Mitterrand foi reeleito primeiro secretário do Partido Socialista francês por unanimidade menos seis abstenções. Estas provêm de membros da «batalha socialista», corrente animada por Guy Mollet. (FP)

ENCONTRO CEAUSESCU

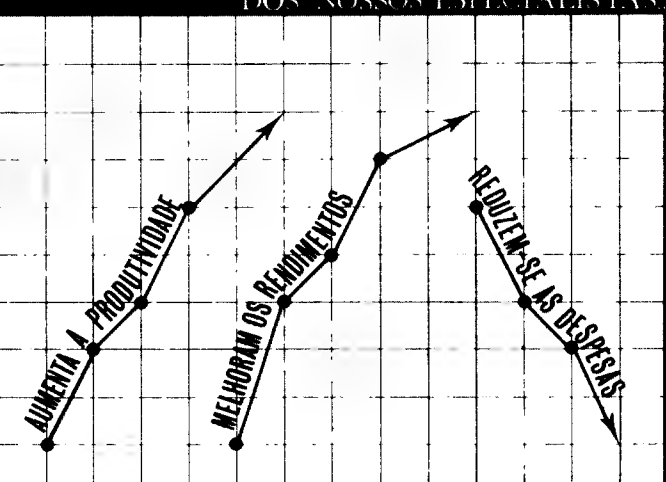
BRANDT — O presidente romeno Nicolae Ceausescu, encontrou-se ontem em Bonn com o chanceler Willy Brandt, com o qual teve conversações acerca do aumento dos laços económicos e comerciais entre os dois países. Ceausescu chegou a Bona na terça-feira para uma visita oficial de quatro dias. Karl Heinz, secretário de estado no ministério de Cooperação Económica da República Federal, declarou que uma fábrica conjunta romeno-alemã ocidental de aviação seria construída em Bucareste para produzir peças para o novo VFW-614, o primeiro avião a jacto de passageiros alemão ocidental. (R.)



DR. MIGUEL JOSÉ DE BOURBON
SEQUEIRA BRAGA

A família participa que será rezada missa do 1.º ano, na Igreja Italiana (ao Camões), às 12 e 45 horas, no dia 29 de Junho

COM OS Nossos SISTEMAS E EQUIPAMENTOS... E AS SUGESTÕES TÉCNICAS DOS Nossos ESPECIALISTAS...



CONSULTE-NOS PARA UMA MELHOR ORGANIZAÇÃO

EFICEX KIENZLE

LISBOA Av. Joac XXI 4 A tel. 5 26/72 70 19
PORTO Praça dos Povos 58 2ª tel. 3 06 96

DIVINACIONAL

A FEIRA DE S. JOÃO EM ÉVORA

ÉVORA, 28 A tradicional feira de S. João, inaugurada no sábado e que todos os anos se efectua nesta cidade, decorre no Rossio de S. Brás, até 1 de Julho, com as habituais transacções de gado.

Do programa, consta, para hoje: provas de selecção de merono precoce; leilão de reprodutores bovinos, noite na feira, actuação de ranchos folclóricos e bailes populares.

Amanhã haverá, às 11 horas, missa de S. Pedro; corrida de touros do dia de S. Pedro; noite na Feira; exibição de ranchos folclóricos; e bailes populares.

No dia 30, o certame será visitado pelo ministro da Economia e pelos secretários de Estado da Agricultura e do Comércio. Haverá nesse dia: provas finais de selecção

do concurso de merino precoce; leilão de bovinos reprodutores; distribuição de prémios do mesmo concurso; início do concurso hípico; e actuação de ranchos folclóricos.

No dia 1 de Julho realizar-se-á a final do concurso hípico, havendo ainda exposições de ranchos folclóricos, bailes populares e encerramento do certame.

restaurante 1900

uma cozinha de grand prix

(no autódromo do estoril)

Marcações: 241-559 - Encerrado à 2ª feira

NO SÁBADO

Lisbõa sô verá "meio eclipse"

Os lisboetas só conseguirão ver, no próximo sábado, metade (cerca de 4 décimos) do mais longo eclipse solar deste século. O fenómeno deverá começar às 10 e 59 e terminará perto das 13 e 4, segundo informações do Observatório Astronómico Nacional.

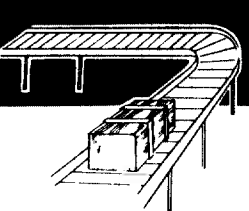
Cabo Verde, no entanto, será muito mais atingido pelo eclipse e por isso encontram-se já nas ilhas ou devem chegar nos próximos dias, cientistas de várias nacionalidades, assim como o navio soviético «Professor Vize» que lançará satélites de observação para uma altitude de 180 quilómetros. Para Cabo Verde deve seguir o prof. Mário Figueira (meteorologista e professor da Faculdade de Ciências) que terá a colaboração do chefe do Centro Meteorológico da Ilha do Sal, dr. José Maria Ferreira.

Portugal integra-se, deste modo, no gigantesco plano internacional para observar o eclipse, que provocará uma faixa de sombra total de 250 quilómetros a partir da costa da Mauritânia. No Chade, no Mali, Níger ou República centro-africana também se encontram dezenas de cientistas franceses, ingleses, russos e norte-americanos.

Entre os fenómenos a estudar, os cientistas tentarão verificar um dos pontos da teoria da relatividade de Einstein - o desvio da luz pela massa do Sol ou a estrutura da coroa solar e a densidade das protuberâncias solares.

Oferecemos-lhe o "Saber Como" solucionar problemas de transporte e accionamento

ROLOS 'PLASTIROL' para transportadores, descensores etc.



Não carecem de lubrificação. Resistência total à corrosão e oxidação.

CORREIAS (TELAS) PARA TRANSPORTADORES (fibra sintética com cobertura em PVC)



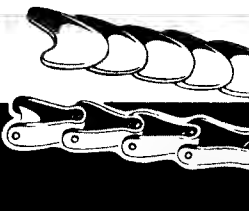
inextensível, indeformável, imputrescível.

UNIÕES DE VEIOS potências até mais que 5000 cv, binários até cerca 30000 kpm



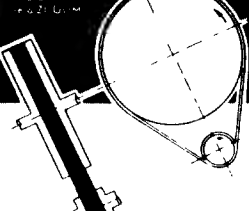
Grande stock sortido. **BOWEX ROTEX**

CORRENTES PARA TRANSPORTADORES flexíveis em dois planos



De plástico ou aço manganes (5 anos de garantia). **FREDRIKSONS**

CORREIA DE TRANSMISSÃO SIEGLING



Mais aderência c/ menor largura. Inextensível.

PARA O MUNDO PORTUGUÊS AS NOSSAS MARCAS E PATENTES:

- SIEGLING
- PLASTIROL
- FREDRIKSONS
- TRANSILON
- BOWEX
- ROTEX

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO - TRANSMISSÕES MECÂNICAS

GUSTAVO CUDELL, LDA.

• DIVISÃO O.P. • DIV. REGA • DIV. MÁQUINAS • DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS

PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723

LISBOA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B
Telefs. 771701 - 767717 - Telex 1439

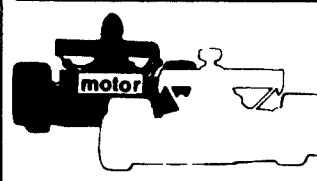
VINHO VERDE ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco, tinto e palhete

UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO!!!

UM VINHO PARA OS APRECIADORES



CRUZEIROS INSULANA

N/M "FUNCHAL"

JÁ PENSOU QUE PODE GOZAR 8 DIAS PLENOS DE FELICIDADE VISITANDO 5 LUGARES DIFERENTES SEM FAZER E DESFAZER AS MALAS?

Pois é verdade...

Pode conhecer o misterioso encanto de MARROCO/ visitando CASABLANCA e em MARRAKECH os Souks e a famosa praça Djemaa el fna com os seus encantadores de serpente, acrobatas e bailarinas...

a bela ILHA DE TENERIFE nas CANÁRIAS lugar internacional e muito em voga...

a incrível beleza da ILHA DA MADEIRA a pérola do Atlântico sempre florida e a cidade do FUNCHAL repleta de tipicismo e de tradições...

a paradisíaca ilha sempre verde de S. MIGUEL nos AÇORES onde a natureza se mantém intacta e onde entre outras maravilhas podemos ver a majestosa LAGOA DAS SETE CIDADES com as suas águas divididas em cambiantes de azul e verde

Tudo isto a preços excepcionais e sem a parte incómoda das viagens (as deslocações, as malas, as mudanças de hotel) antes gozando o sol e o ar puro do Oceano aliado ao requinte da boa mesa, jogos e diversões, bronzendo-se na piscina e dormindo noite repouso no seu camarote com banho privativo, alcatifado e climatizado

O luxuoso paquete FUNCHAL foi proporcionalmente remodelado para pensar no seu conforto.

VIAJE CONNOSCO QUE O HOTEL VIAJA CONSIGO

Próximas saídas de LISBOA:

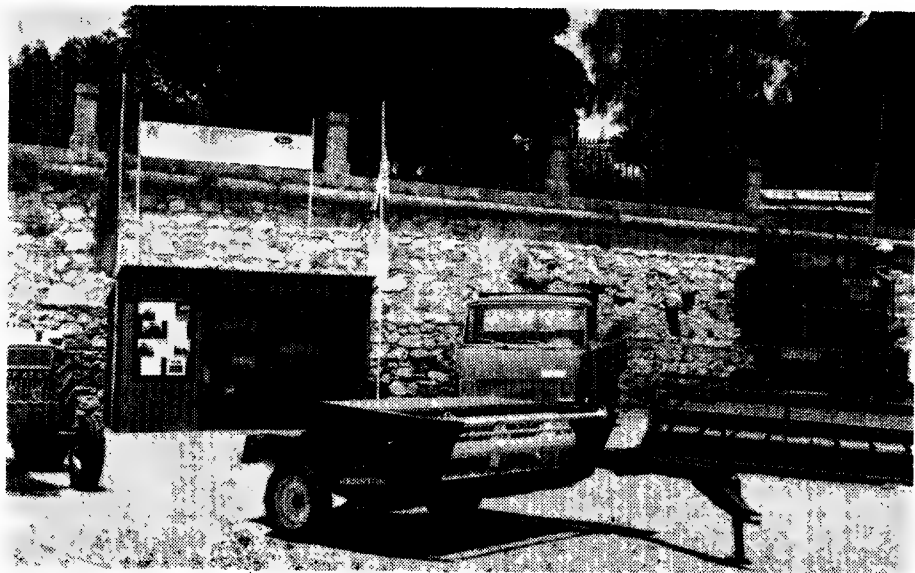
07/ regresso a 11/7	31/7 regresso a 8/8
17/7 regresso a 25/7	14/8 regresso a 22/8

Reserve desde já lugar no seu agente de viagens ou na

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
RUA AUGUSTA, 152 - LISBOA-2 - TEL. 677181

FEIRA DE S. JOÃO 73 - ÉVORA

SILVA & IRMÃOS, LDA.



«Stand» de Silva & Irmãos, Lda. representante da PROMEC expõe entre outras máquinas as ceifeiras debulhadoras LAVERDA e acondicionadores

J. M. A. ESPADA



A Metalúrgica de Évora expõe no seu Stand, à curiosidade do público, algumas máquinas, patenteadas pelo seu proprietário, entre as quais destacamos as que se destinam à lavagem de granitos; outras, ainda, para a extracção de poeiras de granulados para pré-fabricados e máquinas destinadas à tiragem de cortiças

FIALHO & IRMÃO, LDA.



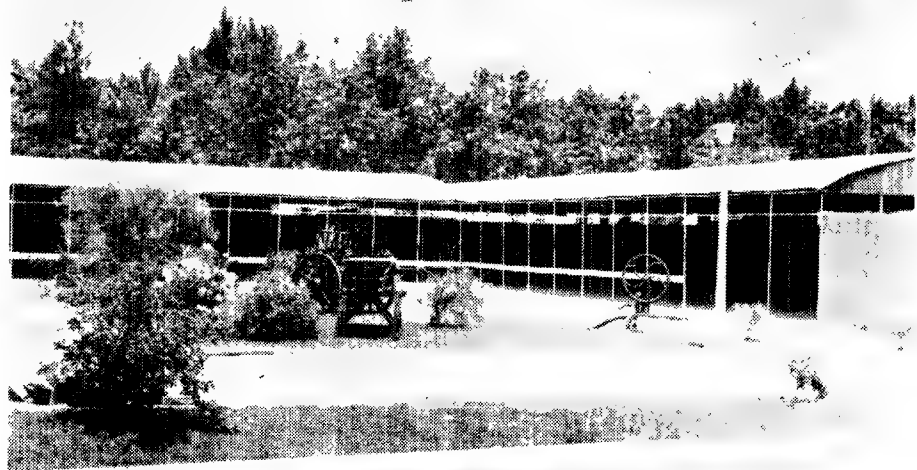
Toda a variada gama de alfaías agrícolas de Fialho & Irmão, Lda. se encontram expostas no seu vasto Stand. Fabricantes especializados de grades de discos, charruas de avéas, moinhos de cutelo para folhas e farinhas, semeadores rotativos para adubagem e sementeiras numa só operação, apresentando ainda reboques de 5 a 8 T.

CASA ROCHA — ARRAIOLOS



A Casa Rocha (fundada em 1939) apresenta no Stand que a foto documenta, diversos produtos das mais conceituadas marcas: motorizadas das S. I. S., motosserras STHILL, frigoríficos BOCHS, esquentadores JUNQUER'S e os famosos televisores PONTO AZUL

I FEIRA DE VINHOS DO ALENTEJO



Aspecto parcial das instalações do Pavilhão de Vinhos do Alentejo, instalado no recinto da Feira

Stands integrados no Pavilhão:

Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz
Casa Agrícola Santos Jorge
Zona Vitícola da Vidigueira
José Sousa Rosado Fernando
Adega Cooperativa de Portalegre S. C. R. L.
Cooperativa Agrícola da Granja
Adega Cooperativa de Borba S. C. R. L.
Vinhos Monte das Flores — Évora
Montes Claros de Borba
Adega Cooperativa de Redondo

A.T.E.A.L.

Organização Comercial de

Manuel e José Paixão

DISTRIBUIDORES
DA COOPERATIVA
AGRÍCOLA
DE REGUENGOS
DE MONSARAZ

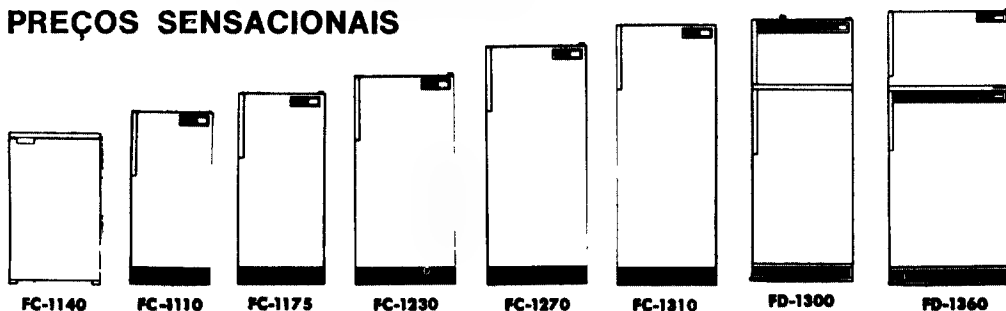
Telefs. 52101
52102

REGUENGOS
DE MONSARAZ



UMA MARCA
COM
PRESTÍGIO
EUROPEU

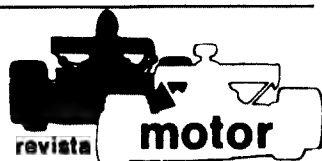
PREÇOS SENSACIONAIS



EM LISBOA: SUPERMANOS
L. MASTRO 5 Tel. 562411

EM LEIRIA: ELECTRO-LIS

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**



SOCIEDADE DE NEUROLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria efectua hoje, às 22 horas, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, uma sessão extraordinária, durante a qual serão escutadas as seguintes comunicações: «Um caso clínico de neurobrucelose, pelos drs. Fernando Morgado e Maria de Lurdes Sales Lufs; e «Electroforese e electroimunodifusão das proteínas do líquido céfalo-raquidiano», pelos drs. António Magalhães, Mário Simões, Maria Antonieta Alves, Rui Serrão, Fernando D. Morgado e Carlos Sebroza.

CONFERÊNCIA SOBRE MACAU

Na sede da Sociedade de Geografia de Lisboa, o dr. Carlos Estorninho profere amanhã, às 18 e 30, uma conferência sobre «Macau e as relações lusobritânicas na China».

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Concurso público para o fornecimento de — MEALHEIROS DE CERÂMICA

Para os devidos efeitos, e em rectificação do anúncio relativo ao concurso em epígrafe, publicado em 5 do corrente, se faz público que a data para a entrega das propostas no mesmo indicada foi prorrogada para o dia 10 de Julho p. f.

ATENÇÃO ÉVORA

Na nova sede do

SPORT LISBOA E ÉVORA

— Rua P. Álvares Cabral — está patente ao público, de 28/6 a 1/7, uma espectacular

EXPOSIÇÃO de DISCOS

MÚSICA CLÁSSICA EXCEPCIONAL

Discoteca «CREDIVOX» de Lisboa

VISITE-A E ESCOLHA MÚSICA A SEU GOSTO

★ PREÇO ESPECIAL DE DIVULGAÇÃO ★

A. C. T. / TAP COMUNICADO

A Comissão Sindical outorgante no A. C. T. / TAP leva a efeito no próximo dia 30 do corrente, pelas 21 horas, na VOZ DO OPERÁRIO, R. Voz do Operário, 13, em Lisboa, uma reunião geral de associados, a fim de prestar informações sobre o trabalho já efectuado pelo Tribunal Arbitral formado para dirimir o conflito, nomeadamente informações sobre salários.

A COMISSÃO SINDICAL

Lisboa, 22 de Junho de 1973.

PRONTO A VESTIR

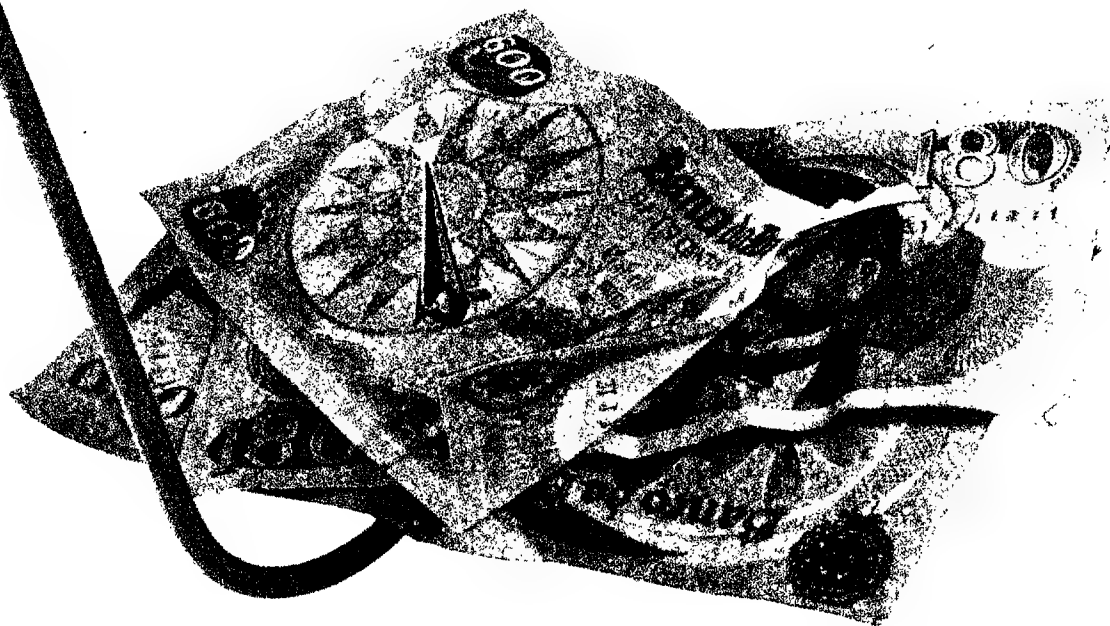
Fatos leves. Casacos e calças. Vestuário para campo e praia e as últimas novidades em malhas, camisas, calções de banho e um bom sortido em tecidos para fatos por medida.

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C
Telef. 72 73 35



a nossa isca



chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa política de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

**Venha v. mesmo comprovar que
Qualidade e Gosto não custam mais**

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S. BENTO, 53-57
PRACA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D ESTEFANIA, 193-D-E-F
RUA 1. DE MAIO, 146



Electrodomésticos - Móveis

Frigoríficos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros

A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

EXAMES

Pontos e respectivas soluções

EXAMES

Prova escrita de Matemática

3.º ANO

Leia com atenção os enunciados. Indique todos os cálculos que tiver de efectuar.

1. Considere a seguinte expressão $E(x)$:

$$E(x) = 3(x-4) - (x^2 - 4x)$$

a) Sabendo que

$$x^2 - 4x = x(x-4)$$

transforme a expressão noutra equivalente com a forma de produto de dois polinómios do 1.º grau em x .

b) Resolva a equação

$$E(x) = 0$$

2. Considere o conjunto de números inteiros

$$A = \{20, 25, 30, 35, 40\}$$

e, definida nele, a relação R constituída pelos pares ordenados (x, y) satisfazendo à seguinte condição:

x e y , divididos por 3, dão o mesmo resto.

a) A relação referida é uma relação de equivalência.

A que chama relação de equivalência?

b) Indique as classes de equivalência determinadas em A pela relação dada.

c) Suponha que define em A uma outra relação S e que ela é reflexiva. Justifique, então, que S tem, pelo menos, cinco elementos.

3. Efectue as operações indicadas nas expressões seguintes:

$$a) \frac{\sqrt{3}}{4} - 2\sqrt{3} + \sqrt{12}$$

b) $7,3 \times 10^{-3} + 4,5 \times 10^{-3}$, apresentando o resultado sob a forma do produto de um número inteiro por 10^{-4} .

4. Sabendo que 'a soma de dois logaritmos é o logaritmo de um produto' e que 'o produto de um número por um logaritmo é o logaritmo de uma potência', determine o número positivo x que verifica a igualdade.

$$2 \log x = \log 64 + \log 25$$

5. Na fig. 1 está representado um obelisco, vertical e de altura $[EB]$.

Atendendo às indicações numéricas da figura

$$FO = 1,5 \text{ m};$$

$$FE = OA = 60 \text{ m};$$

$$\angle AOB = 36^\circ$$

e sabendo ainda que $\tan 36^\circ = 0,7265$, calcule EB .

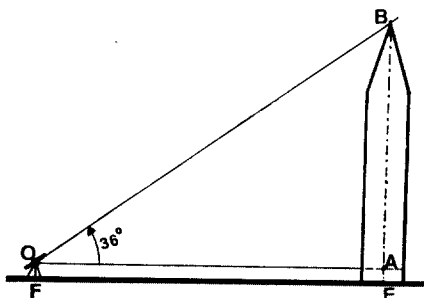


Fig. 1

6. Na fig. 2, o triângulo $[EGF]$ é homotético do triângulo $[ABC]$, numa homotetia de centro S . Sabe-se que

$$\frac{SG}{SA} = \frac{2}{3}$$

a) A que é igual a razão de homotetia?

b) Explique como procederia, para determinar, nessa homotetia, o transformado de um ponto X do lado $[BC]$.

c) Determine a razão $\frac{BC}{FE}$.

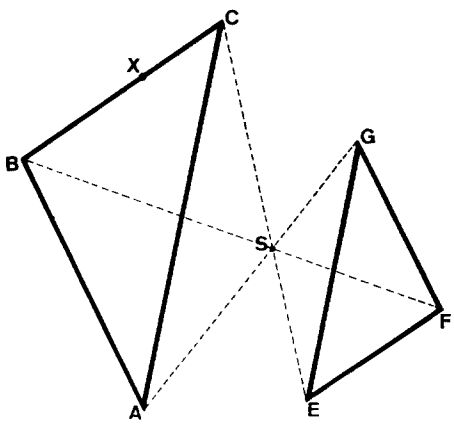


Fig. 2

7. Na fig. 3, está representado um hexágono regular $[ABCDEF]$ e a recta r que, passando no centro O do polígono, é perpendicular ao plano dele. Sabe-se que a recta AD bissecta os ângulos de vértices A e D do polígono, sendo também paralela às rectas BC e FE .

a) Justifique a seguinte afirmação: O trapézio $[ABCD]$ é simétrico do trapézio $[AFED]$, em relação à recta AD .

b) Mencione uma rotação de centro O que aplique o hexágono sobre si mesmo, de modo que a imagem do ponto A seja o ponto C .

c) Os planos que contêm a recta r são perpendiculares ao plano do hexágono. Porquê?

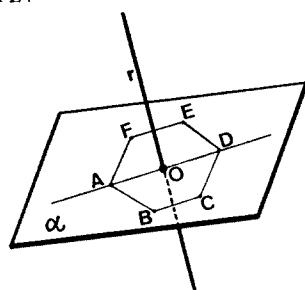


Fig. 3

SOLUÇÃO

$$1. a) E(x) = 3(x-4) - (x^2 - 4x) = 3x - 12 - x^2 + 4x = -x^2 + 7x - 12$$

$$b) (x-4)(3-x) = 0 \Leftrightarrow x-4 = 0 \vee 3-x = 0 \Leftrightarrow x = 4 \vee x = 3$$

2. a) Definição: - Uma relação que seja, ao mesmo tempo, reflexiva, simétrica e transitiva, é uma relação de equivalência.

$$b) H_0 = \{30\}$$

$$H_1 = \{25, 40\}$$

$$H_2 = \{20, 35\}$$

c) No domínio A a relação S é reflexiva, pertencem-lhe pelo menos os pares $(20, 20)$; $(25, 25)$; $(30, 30)$; $(35, 35)$; $(40, 40)$.

ENSINO LICEAL-CURSO GERAL

$$3. a) \frac{\sqrt{3}}{4} - 2\sqrt{3} + \sqrt{12} = \frac{\sqrt{3}}{4} - 2\sqrt{3} + 2\sqrt{3} = \frac{\sqrt{3}}{4}$$

$$b) 7,3 \times 10^{-3} + 4,5 \times 10^{-3} = (7,3 + 4,5) \times 10^{-3} = 11,8 \times 10^{-3} = 1,18 \times 10^{-2}$$

$$4. 2 \log x = \log 64 + \log 25; \log x^2 = \log (64 \times 25); \log x^2 = \log (1600); x^2 = 1600; x = 40$$

$$5. \overline{EB} = \overline{EA} + \overline{AB} = \overline{FO} + \overline{AB} = 1,5 + \overline{AB}$$

$$\text{cálculo de } \overline{AB} = \overline{OA} \times \tan 36^\circ = 60 \times 0,7265 = 43,59$$

$$\text{Portanto } \overline{EB} = 1,5 + 43,59 = 45,09 \text{ m}$$

6. a) A razão de homotetia é $\frac{2}{3}$.

b) ponto de intersecção de XS com $[EF]$.

$$c) \frac{\overline{BC}}{\overline{FE}} = \frac{2}{3}$$

$$7. b) R + 120^\circ$$

c) Pela indicação suficiente de perpendicularidade entre dois planos. "Se um plano contém uma recta perpendicular a outro, os planos são perpendiculares."

Prova escrita de História

I

1. No Período Neolítico, os homens descobriram processos para multiplicar os recursos alimentares: a agricultura e a criação de gado. Isto é considerado tão importante que se lhe dá o nome de *Revolução do Neolítico* ou *Revolução Agrícola*. Porque se dará esta designação de *Revolução*?

2. Lê-se na Bíblia o seguinte:

"Entretanto Moisés apascentava as ovelhas(...). E o Senhor lhe apareceu numa chama de fogo(...). E o Senhor lhe disse: Eu vi a aflição do meu povo no Egipto; e ouvi o clamor que ele levanta(...). E sabendo qual é a sua dor, desci para o livrar das mãos dos Egípcios, e para o fazer passar desta terra para outra onde correm arbores de leite e mel."

Responda:

a) Qual seria, segundo o texto, a actividade económica dos Hebreus?

b) Por que razão se afirma que a religião hebraica é uma religião revelada?

3. Nos séculos VI e VII da nossa era, toda a Península Ibérica formava um só estado: o reino visigótico. Já no século XI, encontramos no mesmo espaço vários estados independentes, entre outros os reinos de Leão, Castela e Navarra e o Condado da Catalunha.

Responda:

a) Que acontecimento explica o desaparecimento do reino visigótico?

b) Como se compreende a fragmentação que observamos no século XI? Concretize com um exemplo.

4. Lê-se o seguinte num trecho referido a um acontecimento datado de Coimbra de 1385:

"Havido tal acordo(...) os prelados e fidalgos, e procuradores dos Concelhos, todos juntamente foram então a ele (D. João, mestre de Avis) e lhe pediram por mercê e requereram, que lhe prouvesse consentir em esta eleição que feita haviam e quisesse aceitar e tomar em si o nome e dignidade de honra de rei."

Responda:

a) Como se explica o facto de nessa data se escolher um novo monarca?

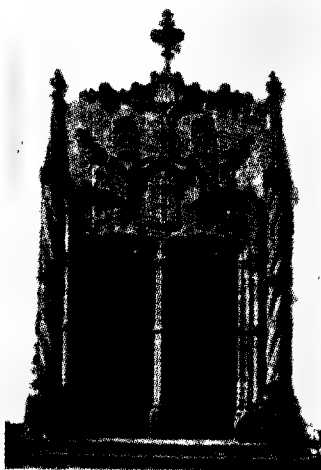
b) Qual foi o processo de escolha usado? Quais os grupos sociais que nela participaram? Justifique com elementos colhidos no texto.

5. Analise a gravura seguinte:

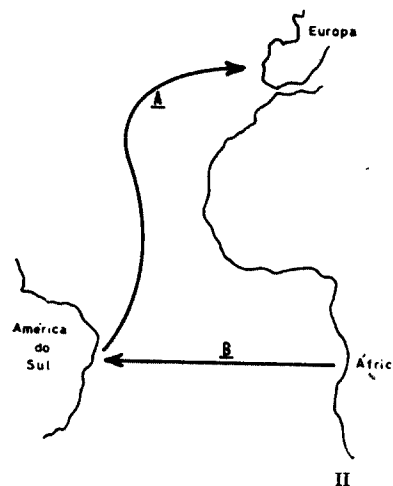
Responda:

a) Qual o estilo que nela vê representado? Por que razão se lhe dá esse nome?

b) Como se compreende a utilização dos elementos decorativos nela presentes?



6. Observe o seguinte mapa:



Responda:

a) A rota representada por A foi importantíssima durante três séculos: XVI, XVII e XVIII. Como se explica o seu traçado em curva?

b) A rota assinalada por B foi, especialmente no século XVII, muito importante para a economia do império português. Porquê?

c) Haveria, nos finais do século XIX, necessidade de continuar a percorrer a curva assinalada por A? Justifique.

Escolha um, e só um, dos seguintes temas, que desenvolverá, respeitando as alíneas indicadas:

1. O liberalismo em Portugal:

- a) o movimento militar de 1820; a Constituição de 1822;
- b) as reacções absolutistas;
- c) a Carta Constitucional e a guerra civil.

2. A revolução industrial e os trabalhadores (fins do século XVIII a fins do século XIX):

a) invenções técnicas, associações corporativas e a nova organização do trabalho;

b) a grande indústria e o capitalismo;

c) o operariado e as soluções para os novos problemas sociais.

SOLUÇÃO

1. Pode dar-se o nome de *Revolução Agrícola* à descoberta do valor da terra e da criação do gado, operada no Neolítico, pois isso provocou uma alteração profunda na vida humana. O homem deixa de ser nómada, fixa-se, e surge, assim, aos poucos, a vida urbana. Porém, toda essa evolução se processa muito lentamente.

2. a) Segundo o texto bíblico, em referência, a actividade económica dos Hebreus limitava-se à pastorícia.

b) Afirma-se que a religião hebraica é uma religião «revelada» porque não é criação humana, mas obra divina. Foi Deus que a deu a conhecer aos homens. No texto citado aparecem referências a essas comunicações entre Deus e os homens. Por exemplo: «...O Senhor (Deus) apareceu...» «...O Senhor disse...»

3. a) O acontecimento que explica o desaparecimento do reino visigótico no século VIII foi a invasão dos muçulmanos comandados por Tárique (711), vindos do Norte de África, vencendo os visigodos na batalha de Guadalete.

b) Os muçulmanos (conhecidos entre nós, por Mouros), não chegaram a dominar todo o território, devido à decisão de Pelágio de continuar a luta, a partir das Astúrias, e vencendo os seus antagonistas na batalha de Covadonga (718); foi aclamado rei, nessa altura, formando assim o único reino cristão da Península Ibérica, e inicia, então a Reconquista Cristã do Território. Mais tarde, no século IX, aproveitando-se da fraqueza de Luis-Indo lente (filho de Carlos Magno, que aliás tinha colaborado na luta contra os Mouros, conquistando o território entre o Ebro e os Pirenéus), surge um chefe independente na pessoa de Inigo Arista. Casando com uma dama de sangue real, continua a sua obra. Passam a existir então dois reinos cristãos: **Oviedo** (depois: Leão) e o de Navarra. Mercê de vários casamentos principescos e de revoltas, o território peninsular foi unificado por Afonso VI que, politicamente, tinha apenas como inimigo os Mouros. Contudo, perante a ofensiva moura representada pela vinda dos Almorávidas, acorreram cristãos estrangeiros, prontos a ajudar na luta que se ia travar. E é de destacar dois fidalgos: D. Raimundo e D. Henrique. Ora os feitos destes príncipes de Borgonha, levou D. Afonso VI a fazer concessões territoriais: D. Raimundo ficando com a Galiza e D. Henrique com o condado Portucalense, futuro Portugal. Portanto, a fragmentação política está relacionada com a luta contra os Mouros.

4. a) Pretende-se escolher novo monarca nessa altura, porque tendo morrido D. Fernando, sem deixar filho varão que lhe sucedesse, mas apenas uma filha D. Beatriz, casada com D. João I, de Castela, grande parte da população portuguesa (sobretudo o povo; mestriais, burgueses) não a quis aceitar como Rainha, pois isso equivalia à perda da independência.

b) O processo usado foi a reunião das Cortes (Coimbra: 1385).

Os grupos sociais que participaram foram membros do Clero da da pobreza e do povo. Lê-se, com efeito no texto em referência:

EXTERNATO DE ALVALADE

PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO

Telef. 771965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 Campo Pequeno

EXTERNATO ALMADA NEGREIROS

2.ª ÉPOCA

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48—Tele. 53 83 08 - 53 83 49
(Junto ao Teatro Monumental)

EXAMES

Pontos e respectivas soluções

EXAMES

«Havido tal acordo...os prelados (clero), e fidalgos (nobreza) e procuradores dos concelhos (elementos do povo que representavam as suas terras em Cortes), todos juntamente foram então a ele...»

5.) É o estilo manuelino. Dá-se este nome ao estilo que floresceu no reinado de D. Manuel I.

b) A utilização dos elementos decorativos tais como: a esfera armilar, a Cruz de Cristo; do que se refere à navegação; do próprio aparelho do navio, principalmente as cordas; do relativo à fauna e à flora do oceano e das terras descobertas tudo isso, enfim, chama a atenção para a enorme influência que tiveram entre nós, os Descobrimentos. Se arte é a expressão da vida de um povo, este conjunto decorativo, demonstra a ligação entre uma decisão oficial as descobertas em si, e a vida do povo, que, assim expressa nesta decoração exuberante uma actividade que tanto veio alterar a vida no nosso País e na Europa. A Cruz de Cristo atesta o carácter espiritual da empresa.

6. a) A rota representada por A. tem a forma de curva, pois os navegadores eram obrigados a isso para «escapar à zona das calmarias e aos ventos contrários de SE».

b) A rota assinalada por B. ligando o Brasil a Angola, teve imenso interesse económico devido ao enorme desenvolvimento dos engenhos de açúcar, no Brasil. Ora fracassando a mão de obra índia, começaram a ir, aos milhares, escravos negros, que foram trabalhar na preparação do açúcar. Note-se que esta actividade económica se desenvolveu tanto que, quando desapareceu o comércio das especiarias, não houve «perturbações de maior para a economia da Metrópole, e sem grandes preocupações quanto ao futuro». É foi este comércio que custeou, em grande parte, a guerra da Restauração.

c) Não. Não era preciso nos finais do século XIX continuar a percorrer a curva assinalada por A.

Com efeito, devido ao aperfeiçoamento da navegação marítima, quando se introduziu a máquina a vapor e se inventou a hélice, os navios eram já capazes de vencer essas dificuldades.

II

O Liberalismo em Portugal.

a) O Movimento Militar de 1820 e a Constituição de 1822.

O Movimento Militar de 1820 foi preparado no Porto por Manuel Fernandes Tomás, elemento categorizado da Maçonaria portuense e em íntima colaboração com a Maçonaria Espanhola. A ele ligaram-se os meios militares da capital do Norte. Pretendia-se estabelecer o regime liberal. Queixava-se o povo da ausência do Rei e da pressão exercida por Beresford sobre a Junta Governativa, ao mesmo tempo que se lamentava a despesa enorme com o exército, que era muito numeroso.

Tendo fracassado a intenção de Gomes Freire de Andrade (1817), aproveitou-se a ausência de Beresford, que vai ao Brasil, para se fazer o levantamento. Organiza-se uma junta governativa; proclama-se, no Porto, o regime liberal; e as tropas dirigem-se para Lisboa. No dia 15 de Setembro, Lisboa adere, quando as forças militares tinham chegado a Coimbra. A revolução alastra a todo o País.

Entretanto, fazem-se eleições para uma Assembleia Constituinte, que, uma vez eleita, inicia os seus trabalhos e pede a D. João VI que deixe o Brasil.

A Constituição aparece em 1822. É a nossa primeira Constituição, o documento que faz a transição entre o regime absoluto e regime liberal.

Os Poderes, segundo essa Constituição, estavam assim distri-

buidos: **Poder Executivo**: confiado ao Rei, que nomeava o governo, mas não tinha qualquer função governativa. Tinha, é certo, o direito de veto, mas era muito relativo, e leis havia que não careciam de sanção real; alterações da Constituição, leis sobre os impostos, a legislação já feita quando D. João VI chegou ao Brasil. **Poder Legislativo**: confiado a uma câmara, soberana como se dizia naquele tempo, sobre a qual o rei não tinha qualquer poder, não a poder dissolver ou prolongar as suas sessões. **Poder Judicial**. Entregue a juizes independentes do Rei e do Parlamento.

b) As reacções Absolutistas.

Não admira que nem todos os portugueses tivessem aderido a esta Constituição. Era demasiado radical. A autoridade real desaparecia. Era apenas uma função decorativa. Assim deram-se algumas tentativas absolutistas: 1.^a — **A do Conde de Amarante**. Alastra por Trás-os-Montes. Foi sufocada, e o Conde com os seus apaniguados, teve de fugir para Espanha. 2.^a **A Vilafrancada**. Movimento de tropas dirigido pelo infante D. Miguel, que tem como centro Vila Franca de Xira, onde D. João VI é aclamado rei absoluto e onde o povo grita: «Morras à Constituição». O Rei aceita os acontecimentos e D. Miguel é nomeado generalíssimo. Organiza-se novo governo. 3.^a **A Abrilada**. Novamente sob a direcção de D. Miguel. Razão: os ministros nomeados por D. João VI, quando da Vilafrancada, sobretudo Mousinho da Silveira, procuravam fazer gorar o movimento absolutista. Assim, D. Miguel revolta novamente as tropas de Lisboa a 30 de Abril de 1824 (Abrilada). Em face da nova vitória, D. João VI toma, mais uma vez o partido do filho, mas intervém o corpo diplomático: D. João vai para a nau inglesa: «Windsor Castle», e ali reassume a autoridade de generalíssimo, demite D. Miguel, que é obrigado a fazer uma viagem de estudo pela Europa, fixando-se em Viena d'Austria. Terminavam assim as primeiras reacções absolutistas.

c) A Carta Constitucional e a Guerra Civil.

Entretanto morria D. João VI. Ainda em vida, nomeara a sua filha, a Infanta D. Isabel Maria, regente. Esta decide escolher o seu irmão D. Pedro (ao tempo Imperador do Brasil) para Rei de Portugal. Dando-se conta D. Pedro da dificuldade de poder ser simultaneamente Rei de Portugal, abdica e dá ao País uma nova Constituição: A Carta. Segundo esta Constituição: havia 4 poderes: **Legislativo**: confiado a duas câmaras: dos Pares e dos Deputados. A 1.^a era formada por membros (pares) vitalícios, e de nomeação régia, sem número fixo. Quanto à 2.^a os seus membros eram eleitos, o mandato era temporário e o número de deputados era determinado. **Poder Executivo**. Confiado ao Rei, tendo veto absoluto. **Poder Moderador**. Confiado ao Rei, dando-lhe os poderes necessários, para poder intervir na vida política. **Poder Judicial** entregue a juizes, nomeados pelo governo.

Note-se nesta Constituição um aumento bem sensível do poder real, se se tem presente a Constituição de 1822.

Porém, embora com a nova Constituição, o problema político continuava de pé. Por isso mesmo, em 1828, D. Pedro IV abdica definitivamente aos seus direitos à Coroa Portuguesa a favor da sua filha D. Maria da Glória, e como esta tivesse apenas 7 anos de idade, D. Miguel casaria com ela, e seria o lugar-tenente da Rainha, na sua menoridade. Foi o que se fez. D. Miguel chega a Lisboa. É aclamado pelo povo. Por influência dos elementos absolutistas, reúne Cortes à moda antiga, e faz-se aclamar Rei Absoluto. Muitos liberais emigram para Inglaterra. Outros vão para a Ilha Terceira, onde organizam uma junta governativa. Por sua vez, D. Pedro tendo acabado a sua popularidade no Brasil foi obrigado a abdicar a favor do seu filho D. Pedro de Alcântara (futuro D. Pedro II do Brasil) e vem para a Europa. Vai a Londres pedir apoio para a sua revolução. Chega aos Açores. Organiza uma expedição militar; desembarca perto do Porto (no Mindelo). Ocupa a cidade do Porto, que D. Miguel cerca. Sobrevém a peste, e D. Pedro decide enviar o Duque de Terceira ao Algarve. Este conquista aquela província, o Alentejo, a Estremadura. O D. Miguel levanta o cerco do Porto, e os dois exércitos vão encontrar-se em Almorim e na Asseisreira, onde as forças miguelistas são derrotadas. Assina-se a Convenção de Évora-Monte que põe fim às lutas liberais, e D. Miguel é obrigado a abdicar dos seus direitos ao Trono de Portugal e obrigado a abandonar o País para sempre, partindo para o exílio.

A Revolução Industrial e os trabalhadores (fins do séc. XVIII a fins do século XIX)

a) Invenções técnicas, associações corporativas e a nova organização do trabalho.

Os grandes inventos técnicos que vieram alterar profundamente a maneira de viver do europeu estão todos relacionados com a invenção da máquina a vapor de Watt. Isso permitiu a grande fábrica. Aplica-se a máquina a vapor aos meios de comunicação. Isso vem facilitar os encontros humanos. Vem, ao mesmo tempo, resolver o grave problema da colocação dos produtos industriais. Note-se ainda toda uma série de inventos relacionados com electricidade: telegrafia sem fios, a lâmpada, o telefone, o que iria ainda mais aproximar a humanidade.

A indústria está dotada com todos esses inventos, lançada. Porém, se, por um lado no aspecto material, se sente um acentuado progresso, que não pode ser contestado, sob o aspecto humano, já não aparece o mesmo. Note-se que o operariado, durante a revolução francesa, tinha lutado contra as corporações corporativas, acusadas e por vezes, com certa razão de entravar a liberdade dos trabalhadores. As tais «corporações» desapareceram; mas, os trabalhadores não ficaram nada melhor; pois nos finais do séc. XVIII é a burguesia que impõe a sua vontade. É o operariado tem de ceder. Já não tem nenhuma instituição que o defenda. A França está a começar a sua industrialização, e por isso mesmo começam os conflitos sociais. Surgem assim as novas associações operárias em todo o mundo: os sindicatos e as Trade-Unions. Já não tem base religiosa como tinham as antigas corporações. Nasceram da necessidade da luta por uma melhor situação do trabalhador.

Depois de muitos ultrajes à dignidade humana, desde a falta de respeito pela idade como pelo sexo; com um horário de sol a sol, começaram os trabalhadores a ter um horário de determinado número de horas, chegando ao horário de 8 horas diárias.

b) A grande indústria e o capitalismo.

Com o desenvolvimento da técnica, a fábrica vai beneficiar, e portanto, aplicar-se todos os recursos novos que a inteligência

humana põe à sua disposição. Daqui resulta que em face dos gastos da montagem de um centro industrial, só quem tiver bastantes meios financeiros, o poderá fazer. Por vezes, são mesmo sociedades de pessoas que dotadas de determinados capitais, se unem para levantar uma grande fábrica, que é caracterizada pela grande produção; e uma vez que os transportes, muito melhorados, facilmente, levam os produtos aos locais de consumo, atingem-se grandes resultados económicos. Como os povos começam a ter exigências novas, tudo se vende, o que dá um lucro excepcional. É como o «proprietário» ou o «proprietários» desejem cada vez maior lucro, vão exigir do operariado cada vez mais rendimento e o próprio trabalhador vai ser catalogado em função do que produzir. É uma mentalidade utilitária que começa a estar em voga. Está-se perante o capitalismo: os homens dependentes de um determinado rendimento para tornar o capital inicial válido e produtivo. O homem vem para segundo plano.

c) O operariado e as soluções para os novos problemas sociais.

Já no século passado se ouviram vozes contraditórias sobre as soluções para o problema do operário. Uma voz foi a de Karl Marx, filósofo alemão, materialista, e que advoga a luta das classes; é uma filosofia do ódio que estabelece. Ouviu-se, também, a voz da Igreja, falando dos problemas sociais. Acentue-se a importância do Papa Leão XIII, na sua Encíclica «Rerum Novarum», defendendo uma atitude de justiça para com o trabalhador; invocando a caridade cristã; defendendo a existência de um salário compatível com a dignidade humana. Defende a existência de instituições que ajudem o trabalhador na defesa dos seus direitos. A solução portanto, ou vem do socialismo, exigindo que as fontes de produção sejam do Estado. Que os trabalhadores tenham parte na empresa. Ou a solução cristã, que, embora defenda a propriedade privada, sempre esclarece que tudo deve estar ao serviço do bem comum. O operariado nos últimos tempos do século XIX organizava frequentemente greves para impor as suas reivindicações. Porém, a greve é sempre um prejuízo para a grei, na medida que empobrece mais as fontes de produção; e portanto, com menos possibilidades de resolver o problema. Tem-se, também, defendido, a ideia de encontros com patrões e operários para a solução de todos os problemas. Aliás, a solução cristã apontava esse processo. Deve dizer-se, para terminar, que o problema social só poderá ser resolvido com a consciência cristã do valor relativo da propriedade e da dignidade da pessoa humana, que não é um número que se pode equacionar.

Prova escrita de Ciências Naturais

MINERALOGIA E GEOLOGIA

I

A amostra da rocha esquematizada em B (Fig. 1) foi colhida numa visita de estudo a um maciço gnáissico em exploração (Oliveira de Azeméis) cuja fotografia está representada em A.

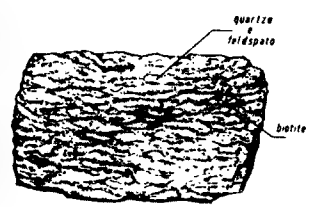
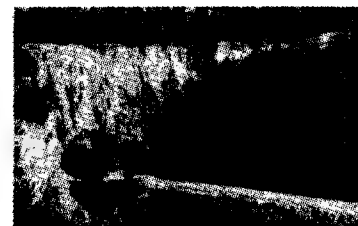


Fig. 1

- 1 — Indique uma característica (bem evidente no esquema B) que lhe permita afirmar que a rocha em questão é uma rocha metamórfica.
- 2 — Como explica que formando-se uma tal rocha no interior da crosta se encontre actualmente a constituir um grande maciço à superfície?
- 3 — A biotite é um mineral que cliva muito facilmente. Justifique o facto da ocorrência desta propriedade nos permitir afirmar que a biotite se encontra no estado cristalino.
- 4 — Como poderia verificar experimentalmente, servindo-se da escala de Mohs, que um dos minerais constituintes da rocha, o quartzo, tem dureza 7?

II

Numa aula de Ciências Naturais fez-se o estudo comparativo das duas rochas que, esquematicamente, se representam na fig. 2 por A e B.

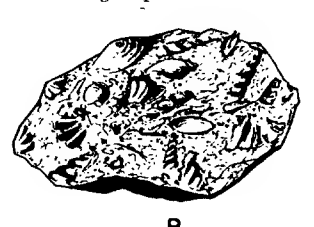
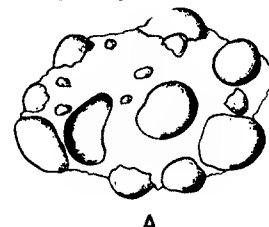


Fig. 2

Os alunos verificaram que a amostra A era constituída por uma massa avermelhada de aspecto homogéneo e calhaus de forma arredondada e que a amostra B apresentava, por sua vez, uma massa homogénea de cor clara e numerosas conchas de Gasterópodes e Lamelibrânquios.

1 — Baseando-se nos elementos que lhe são fornecidos, formule uma hipótese sobre a origem de cada uma dessas rochas.

2 — A observação da rocha B leva a admitir que a massa homogénea de cor clara é de natureza calcária. Como procederia para verificar uma tal suposição?

LICEU

E CICLO PREPARATÓRIO
(DIURNO - NOCTURNO)

Sá de Miranda

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret, 45310 Direcção 537532

2.ª ÉPOCA
CRISFAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA 73/74

PREPARATÓRIO E LICEAL

Av. República, 83-52 Tel. 779047 - 769620

O NOVO EXTERNATO

(A BENFICA)

NOSSA SENHORA DA SAÚDE

INFANTIL — PRIMARIO

CICLOS: PREPARATÓRIO E LICEAL

DIURNO E NOCTURNO — TRANSPORTE PRIVATIVO

Informações: Rua Sousa Loureiro, 12 — Tel. 740300

Filial — Largo Conde Pombeiro, 12 — Tel. 57048

(aos Anjos)

COLÉGIO MODERNO

INFANTÁRIO — INFANTIL — PRIMARIA — CICLO
PREPARATÓRIO — COEDUCAÇÃO — LICEAL DIURNO
NOCTURNO (ambos os sexos)

Informações:

RUA DE MALPIQUE, 19 — Telef. 775038 e 761239

EXAMES

Pontos e respectivas soluções

EXAMES

3—A que pode ser devido o tom avermelhado que apresenta a rocha A?
BIOLOGIA ANIMAL E VEGETAL

I

Na fig. 3 estão representados, em corte longitudinal, o coração de um Batráquio (esquema A) e o coração de uma Ave (esquema B).

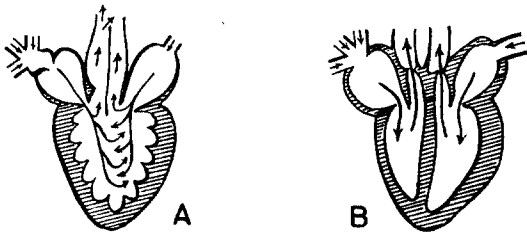


Fig. 3

1—A parede do coração é, como sabe, fundamentalmente constituída por tecido muscular.

Relacione as propriedades fisiológicas deste tecido com a função daquele órgão na circulação.

2—O tipo de estrutura do coração representado em B favorece, nos animais que o possuem, uma maior actividade vital do que o tipo de estrutura do coração representado em A. Justifique esta afirmação.

3—Durante um intenso esforço muscular pode verificar-se, no Homem, que:

- Se acelera o ritmo cardíaco.
- Aumenta a quantidade de CO_2 expirado.

Qual das seguintes afirmações (A, B, C ou D) constitui uma explicação mais completa da relação que se pode estabelecer entre os factos a) e b)?

A—O aumento do número de pulsações cardíacas tem como consequência uma circulação mais rápida.

B—Um ritmo de inspiração e expiração acelerado facilita a eliminação de CO_2 .

C—Uma pulsação cardíaca mais rápida favorece uma respiração e uma excreção mais intensas.

D—Um esforço muscular provoca fadiga e o coração bate num ritmo mais acelerado.

II

Observe cuidadosamente os invertebrados representados na fig. 4 (a escala em que estão representados não é, evidentemente, a mesma em todos os casos).

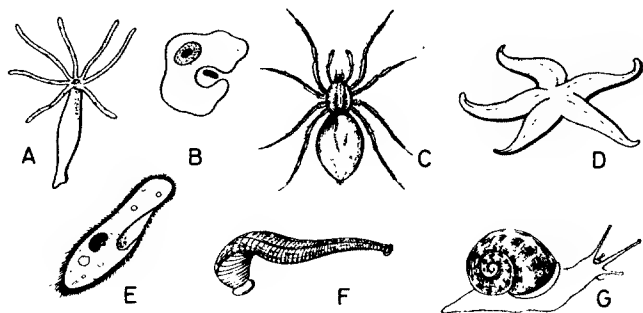


Fig. 4

Alguns destes animais podem ser classificados usando os três primeiros passos da chave seguinte:

- | | | |
|---|---------------------------|--------------|
| 1 | animais unicelulares | Protozoários |
| | animais pluricelulares | siga para 2 |
| 2 | com apêndices articulados | Artrópodes |
| | sem apêndices articulados | siga para 3 |
| 3 | com o corpo segmentado | Anelídeos |
| | sem o corpo segmentado | siga para 4 |
| 4 | | |

III

Com garrafas-termos esterilizadas e de boca larga, rolhas, termómetros, água de cal e uma solução de glicose com leveduras (fungos microscópicos) montou-se a experiência que se representa esquematicamente na fig. 5 e cujos resultados, obtidos ao fim de algum tempo, se registam no quadro seguinte:

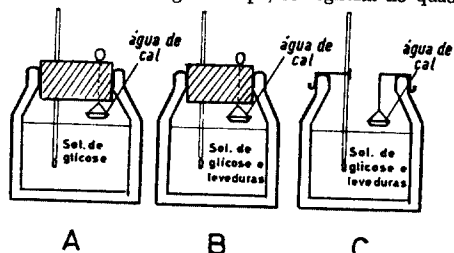


Fig. 5

Garrafa-termo	Conteúdo	Temper. Inicial	Resultados obtidos	
			Temper. final	Outros efeitos
A (fechada)	sol. de glicose	10°C.	9°C.	água de cal límpida
B (fechada)	sol. de glicose e leveduras	10°C.	13°C.	água de cal turva cheiro a álcool
C (aberta)	sol. de glicose e leveduras	10°C.	12°C.	água de cal turva

1—Que produtos lhe parece terem-se formado, respectivamente, nas garrafas B e C?

2—Qual o factor do meio que, na garrafa C, explica o facto de neste recipiente não se formar uma das substâncias produzidas na garrafa B?

3—Que fenómeno vital está posto em evidência nesta experiência em que as leveduras utilizam glicose como fonte de energia?

4—Por que é que a garrafa A, que não contém leveduras, é utilizada nesta experiência?

IV

A fig. 6 representa alguns aspectos macroscópicos e microscópicos relacionados com a germinação de uma semente.

1—Observa-se, à medida que a germinação decorre, que os grãos de amido dos cotilédones, inicialmente intactos, se apresentam cada vez mais corroídos (fig. 6-B).

Como explica este facto?

2—O crescimento da plântula é consequência directa do fenómeno da mitose. Servindo-se dos números presentes na fig. 6-C, estabeleça a sequência das fases deste fenómeno, tal como ocorre normalmente em cada célula.

3—Indique duas características da morfologia externa da planta, observáveis na fig. 6, que lhe permitam incluí-la no grupo das Dicotiledóneas.

4—Que consequência tem para as Dicotiledóneas o desenvolvimento de estruturas secundárias?

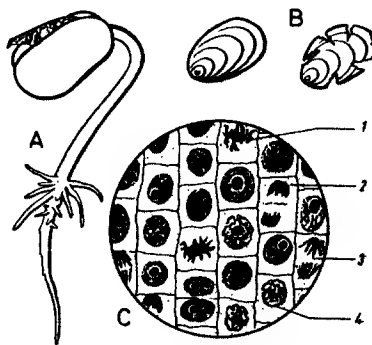


Fig. 6

SOLUÇÃO

Mineralogia e Geologia

I

1—Xistossidade.

2—Por erosão das camadas supra-jacentes.

3—Porque a clivagem, que é uma propriedade vectorial descontínua só se verifica na textura cristalina; isto é, a clivagem é possível se as partículas que constituem o mineral se encontrarem dispostas regularmente, permitindo a existência de direcções privilegiadas.

4—Verificando se riscar ortoclase (6º termo) e se é riscado pelo topázio (8º termo).

II

1—A—conglomerado rudoso proveniente da cimentação ferruginosa de material grosseiro arredondado.

B—calcário conchífero proveniente da acumulação de conchas aglutinadas por um cimento calcário.

2—Sobre ela deitamos algumas gotas de ácido; se reagisse com efervescência concluiria da existência de calcário.

3—A—produtos ferruginosos hematíticos.

Biotologia animal e vegetal

I

1—Da capacidade de contracção das fibras musculares resulta a sístole do coração; da elasticidade muscular resulta a diástole. São estes fenómenos que permitem a circulação sanguínea.

2—Em B, não havendo mistura de sangue (2 ventrículos), chega sangue arterial às células, permitindo metabolismo mais activo.

3—B

II

1—B—Protozoários.

C—Artrópode.

F—Anelídeo.

2—Sucos digestivos (fermentos).

3—Porque o manto, sendo um tecido extremamente fino e finamente vascularizado, cobre a cavidade pleural permitindo trocas gasosas.

III

1—Na garrafa B formou-se anidrido

carbónico e álcool.

Na garrafa C formou-se anidrido carbónico.

2—Haver oxigénio do ar.

3—A respiração.

4—Para verificar que a libertação de anidrido carbónico está dependente da existência de leveduras.

IV

1—Que na germinação do embrião há consumo de amido.

2— $4 \div 1 + 3 \div 2 \dots$

3—2 cotilédones e raiz apiculada.

4—Engrossamento proveniente do aumento do número de vasos condutores de seiva.

Missão oficial do Iraque na Fundação Gulbenkian

Deslocou-se especialmente a Portugal uma missão oficial do Iraque, presidida pelo brigadeiro Daoud M. Al-Janabi, comandante da Região Militar de Bagdad e constituída pelos eng.ºs Jalil Naji e Leon Kazazian, consultores do projecto de construção do hospital do Colégio Militar de Bagdad, e esposas com o objectivo de apresentar cumprimentos ao Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian. Foram recebidos pelo dr. Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração daquela Fundação e esposa, dra. Maria Madalena de Azeredo Perdigão; e pelos administradores dr. Victor de Sá Machado e Roberto Gulbenkian e esposa, além de directores e funcionários superiores do Serviço do Médio Oriente da mesma Instituição.

O brigadeiro Al-Janabi proferiu algumas palavras pondo em relevo a acção da Fundação

e seus empreendimentos no Iraque tendo afirmado «o nosso povo sente já os resultados da cooperação existente entre ambos».

Falaram também o dr. Azeredo Perdigão e Roberto Gulbenkian. No final tocaram-se lembranças.

OS 41 ANOS DO CLUBE

RADIOFÓNICO

Com duas emissões dedicadas ao acontecimento e ainda com um jantar comemorativo, que se realiza a partir das 20 horas e que terá lugar num restaurante da Costa do Sol, o Clube Radiofónico de Portugal festeja hoje os seus 41 anos de existência.

CONVITE

FÉRIAS SÃO FÉRIAS

Antes de ir para férias escolha bem.

A ATLANTICA TOURS resolve-lhe o problema...

O problema da escolha!

Na SINASE — Rua Braamcamp, 9-7.º, até sexta-feira, 29 do corrente com início às 18.30 h. tem a possibilidade de assistir à exibição de uma série de curtas metragens e slides

PARA QUÊ?

PARA O AJUDAR na dificuldade da escolha... recolha sugestões sensacionais de férias, livre e gratuitamente habilitando-se a uma surpresa sensacionalíssima.

CURSOS DE FÉRIAS

EXAMES DA 2.ª ÉPOCA

LICEU-INSTITUTOS

EXTERNATOS

Marquês de Pombal Álvares Cabral

Rua Moraes Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica)—Tel. 70 69 74/5

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

DL/DESPORTOS

ÚLTIMAS

ATLÉTICO: A Direcção cessante do Atlético, Presidida por Rui Severino, foi reconduzida para novo mandato, na Assembleia Geral ontem realizada. Para os outros cargos mais importantes foram eleitos o dr. Manuel de Carvalho (Assembleia Geral), dr. Ilídio Mendes (Conselho Fiscal) Agostinho (Futebol).

SPORTING: João Rocha Prossegue, junto da Câmara de Lisboa, as «demarches» para conseguir que a Cidade Desportiva do Sporting se possa erguer o mais rapidamente possível. Sem a garantia camarária, não há presidente nos «leões».

JUDO: Realizou-se, ontem, no pavilhão de desportos do Real Madrid, o primeiro campeonato ibero-americano de Judo, no qual participaram nove países: a República Dominicana, a Venezuela, o Porto Rico, a Costa-Rica, o Equador, o Chile, o Brasil, a Espanha e Portugal.

O país vencedor foi o organizador do campeonato, a Espanha (com 21 pontos) seguido do Brasil (com 17) da Venezuela (com dois) e de Portugal (com um ponto).

Os restantes países, por não terem nenhum judoca classificado entre os três primeiros, não pontuaram.

O torneio foi uma lufa renhida entre as duas selecções mais fortes, a da Espanha e a do Brasil. Os dois países foram-se alternando na testa da classificação, até que, na final, a Espanha impôs-se por uma escassa margem sobre a equipa brasileira.

ATLETISMO O italiano Marcello Fiasconaro bateu o «record» do Mundo dos 800 metros com 1 m. 43 s. 6/10 no decorrer do encontro de atletismo Itália-República Checoslováquia.

O queniano Ben Jipcho bateu em Helsinquia, o «record», mundial dos 3000 metros obstáculos ao fazer o tempo de 8 m. 14 s.

O anterior «record», que já lhe pertencia e que tinha sido estabelecido também em Helsinquia, em 19 do corrente, era de 8 m. 19 s. 8/10.



Jipcho (n.º 21) a caminho do «record»

Federação de Futebol: um grande chute no ar

Por NEVES DE SOUSA

LISBOA, 7 DE JUNHO DE 1973
O PRESIDENTE
ANTÓNIO MARTINS CANAVERDE

No intervalo entre as várias reuniões dos seus múltiplos e afadigados Conselhos, a Federação de Futebol (alertada, talvez, pelas ramificações de Watergate) resolveu dar à estampa, em rotulante vitrina da sua sede na Praça da Alegria, a seguinte intimação de serviço:

Ordem de serviço número 3/73

Determina a Direcção da F. P. F. o seguinte:

1. Todo o funcionário da FPF que contacte ou for contactado por qualquer jornalista, ou elemento de outro órgão de comunicação social, quer na FPF quer em qualquer outro local, deve, no dia seguinte, comunicar por escrito ao Secretário-Geral (este incluído) as perguntas feitas e qual a informação prestada.

Esta comunicação será submetida a despacho do Exmo. Presidente, ou de quem o substituir.

2. A telefonista fará o registo das chamadas recebidas, identificando o autor da chamada e pessoa a quem se destina. Não estabelecerá a ligação a quem não se identificar, seja quem for o destinatário da chamada.

Sobretudo deve ser registado com cuidado o nome de qualquer representante dos órgãos de comunicação social que contactar qualquer funcionário da FPF.

Verdade que cada um é dono da sua casa. Mas, não haverá aqui um pequenino exagero?

Realmente, o presidente federativo (Exmo Presidente, aliás, com o próprio justamente acentua com a firma do seu punho) não deve ter ponderado bem nesta ordem de serviço.

Se um «elemento de órgão de comunicação social» encontrar um funcionário federativo (por exemplo num cinema, num bar, num restaurante) e lhe perguntar pela família, como está a apreciar o filme ou o «whisky», que tal vai indo o bacalhau para o estomago, que deve figurar no relatório do empregado da Federação?

Se alguém da Imprensa, no decorrer de um treino da selecção nacional (é outro exemplo) se lembrar de indagar a José Augusto como é que vai formar o «onze», que deve o seleccionador fazer?

Se alguém, apropriando-se indevidamente do nome de um jornalista, induzir em er-

ro a telefonista da Federação, que sucederá à funcionária?

É claro que ninguém vai pensar que, em certa medida «ciumentos» com a amizade devotada a todos os funcionários federativos pela Imprensa na generalidade, os Exmos Directores querem para si a honra de falarem (só eles) aos órgãos de comunicação social. Mas, alguns que são dados a maquinações, é isso que vão ficar a pensar.

Por outro lado: e se alguém (sem ser dos órgãos de comunicação social, mas for amigo íntimo de um funcionário federativo a este nem sequer saiba que ele pode transmitir a conversa a um jornalista) encontrar na rua (ou noutro lado) um funcio-

nário da Federação e (por exemplo) lhe perguntar como vai o «caso do Lourosa», o que é que deve, no dia seguinte, constar do relatório? Que a D. Maria do quinto andar ou o sr. Silva da mercearia fizeram uma «pergunta suspeita»?

Para tirar dúvidas, já agora convinha que tudo ficasse bem explicado. Não queremos que, à custa das costas largas da Imprensa, aumentem os despedimentos no País. Dizemos isto porque, na vitrina onde figura a «ordem de serviço» já transcrita, está uma outra onde se lê o seguinte:

Ordem de serviço número 4/72

É expressamente vedado a todo o funcionário revelar factos de que tenha conhecimento por virtude do exercício das suas funções.

A desobediência a esta ordem de serviço constitui justa causa para despedimento.



ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N. 43 DE 1 DE JULHO DE 1973

Bondiazinho, 121 22X 211 X122: Brado Africano Desporto, 111 XIX 1XX 11X2: Brado Africano Ronga, 111 X12 121 11X2: Domingo Alegre, 121 21X X11 X122: Passatempo, 112 1X1 X11 1122: Revista Despor-

tiva, 1XX 111 112 111X: Roteiro Sonoro, 1X1 X21 211 X112: Terceiro Programa, X22 112 211 X111: 20 Ponto D, 11X 1X1 1XX 11X2: Beira Baixa, XIX 11X 11X 1111: Boa Nova, 111 111 X12 1111: Cavalgada

do Ritmo, 11X 11X X12 1112: Comércio de Portimão, 111 X11 12X 1111: Correio dos Açores, 111 11X 111 111X: Correio de Coimbra, 111 1XX 112 1111: A Defesa, 11X 112 112 1X21: Desportivo das Beiras,

11X X11 112 1X2X: Eco de Estremoz, 11X 111 1X1 11X1: Epoca, 111 X11 11X 1X21: Estrela da Manhã, 111 111 X22 11X2: Eu Sei Tudo, 21X 111 111 X21X: Folha do Domingo, 111 111 1X2 X2X2: Imagens Piedenses, 2X1 XX1 121 111X: O Jornal da Lixa, 112 X1X 111 21X2: Jornal de Santo Tirso, 111 111 X12 1122: Jornal do Sul, 111 111 112 X21X: Jornal de Viseu, XIX 1X2 11X 1X11: Notícias de Felgueiras, 11X 11X 1X2 11XX: Notícias de Gouveia, 1X1 211 121 1112: Povo Algarvio, 111 111 112 1111: O Algarve, 11X 1XX 121 1X21: Boletim Desportivo, XIX 211 XXX 121X: Brados do Alentejo, 211 11X 211 1111: A Comarca de Arganil, 111 112 11X 111X: O Comércio de Leixões, 111 111 112 X112: O Concelho de Estarreja, 1X1 11X X12 111X: Correio do Minho, 111 11X 12 1X11: Correio do Vouga, 111 111 1X2 1111: As 10 espere por nós, X11 11X 11X X212: Diário do Alentejo, 11X 11X 11X 11X2: Diário de Coimbra,

411 111 X11 X1X2: Ecos de Cacia, 111 111 X11 1112: Dos fracos não reza a história, 1XX XX2 X11 11X1: João Semana, 121 112 111 1X21: Jornal da Graça, 111 111 111 1111: Jornal de Sintra, 111 X11 2X1 1112: Litoral, 111 111 1XX 11XX: Maria da Fonte, 111 111 112 11XX: Miscelânea Musical, 1X1 X11 111 1221: Montra do Êxito, 11X 12X 111 2X11: Música e Desporto, 111 X11 XX2 21XX: O Norte Desportivo, 111 XX1 11X 21XX: Peça que não maça, 111 111 111 XX11: Programa da Manhã, 111 X11 112 1XX1: A Rabeca, 111 11X X11 11X1: Rádio Oceano, 11X 211 112 1X12: Reconquista, 111 111 112 111X: Repórter do Dia-Angola, 111 111 X22 1111: República, 111 111 112 X221: Revista de Som, X21 111 11X 1XX1: rádio Desporto, X12 112 111 1221: Notícias do Totobola, 111 111 1XX X1X1: O Nosso Palpite, X11 2X1 112 X211: Último Palpite, 11X 122 11X 1XX2: Diário de Lisboa, 111 11X 122 11XX: Mundo

Desportivo, 11X 112 X11 1121: Só Rádio, 111 221 XXX 1X11: Notícias de Évora, 111 111 X2X 1X21: Só Rádio, 111 21 XXX 1X11: O sorriso da hora do almoço, 211 111 2XX 2X2X: Vo do Casa Pia, 111 111 11X 111X: Voz dos Ridículos, 111 111 112 11X X1X2: Jornal de Notícias, 111 111 X22 1111: Voz de Lamego, X11 21X 111 1212: A Voz dos Ridículos, 111 111 112 111X: Auto Rádio, 11X 11X 111 111X: Estúdio 64, 111 1X1 11X X1X2: Jornal de Notícias, 111 11X 11X 11XX: Placard Desportivo, 112 11X 111 1121: O Primeiro de Janeiro, 111 11X 1X2 111X: Programa sem nome, 111 11X X11 1111: Quadrante Desportivo, X11 111 112 X121: Quadrante Norte, 111 112 11X 1112: Rádio Placard, 111 111 111 1111: Rádio Sports, 111 112 11X XXXX: Resenha Desportiva, 11X 11X X11 11X1: Clube do Ar, 111 X1X X12 1X11: Diário do Porto, 111 XIX X11 1111: Placard Desportivo Açores, 11X 111 112 X11X: Ritmo e Amizade, 111 11X 11X 1111.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2
1. MONTIJO-VARZIM	75	10	4	10	1	1
2. U.COIMBRA-ORIENTAL	77	7	5	10	1	1
3. PENAFIEL-TIRSENSE	62	22	5	8	3	1
4. SACAVENENSE-TRAMAGAL	65	16	8	9	2	1
5. U.MONTEMORE-ODIVELAS	74	10	5	10	1	1
6. CAMPOMAIOR-ENSE-LUSITANO V.R.	49	28	12	6	4	2
7. B.HUAMBO-CAÁLA	60	23	6	8	3	1
8. INDEPENDENTE-CUBAL	64	14	11	8	2	2
9. PORTUGAL-BENFICA LUANDA	33	24	32	5	3	4
10. ATVIDABERGS-WINTERTHUR	65	19	5	8	3	1
11. SLOVAN BRATISLAVA-A I K	61	18	10	8	3	1
12. GRASSHOPPER-MALMO	47	25	17	6	3	3
13. NORRKOPING-SLAVIA PRAGA	40	24	25	6	3	3

a) Nos termos do Art.º 102, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
111 111 111 1111

DL/DESPORTOS

Benfica imparável em Badajoz

O Benfica soma e segue, com uma facilidade impressionante e apesar de ter entrado na casa das sete dezenas de jogos nesta época. Ontem, aconteceu ao Málaga provar o poder dos campeões: 7-1 foi o resultado final de vitória benfiquista no jogo inaugural do Torneio Ibérico, em Badajoz. Eusébio marcou os dois primeiros golos e os cinco restantes pertenceram a Adolfo, Nenê (2), Toni e Jordão.

A equipa portuguesa alinhou com: José Henrique (Bento); Malta da Silva, Humberto Coelho, Messias e Adolfo; Jaime Graça, Vitor Martins e Simões (Vitor Baptista); Nenê, Jordão e Eusébio (Toni).

Hije, os campeões nacionais têm um dia de descanso, enquanto Estrela Vermelha (de Belgrado) e Espanhol (de Barcelona) decidem entre si qual será o outro finalista. A final está marcada para sábado, antecedida do jogo para 3.º e 4.º lugares.

Continua a (legítima) indignação dos responsáveis pelo Lourosa em relação ao triste caso que os espoliou de uma posição futebolística conquistada em campo. O amor clube da segunda freguesia do distrito de Aveiro propõe-se efectuar todas as «de marchas» legais: o prof. Marcello Caetano (inclusive) já de posse do seu protesto.

O treinador Zorzo deixou o Almada. Gilberto é o novo responsável técnico da Esperança de Lagos, Carlos Silva está a ser abordado pelo Farense. António Gama renova pelo Torres Novas e Severiano Correia regressa à Grécia, como treinador do Apollon, de Salónica. Última: José Aguiar firma pelo Amora.

Quim (Oriental) é desejado pelo Benfica. A Cuf dispensa. Primeiras saídas: Rodrigues, Guimarães e Louro. Cepeda (Estoril Praia) com um pé (outra vez) no Barreirense. Evaristo e Enoch (Ameais) no Torres Novas.

O dr. Orlando da Silva Monteiro (que jogou futebol no Atlético) faleceu em Bissau, vítima de desastre de viação.

Setúbal segura-se. Nada de dispensar Duda para a Bélgica, mesmo por 2500 contos. Em contrapartida, muito provável a «compra» de Matine.

Peres, treinador do Peniche, processa o Sporting «por perdas e danos».

O dr. Marques Matias pediu escusa de pertencer ao corpo docente da Federação no «Curso de actualização dos treinadores».

O médico dr. Mendes Ferreira é o indigitado novo presidente do Farense, que vai dispensar Valdir, Sitoe e Rui de Sousa.

Lo Bello (Old Boys): defesa na agenda do Aolhanense.

Rogério (Barreirense) e Gaspar (Ateletico) são novos reforços da Académica.

Na lista de dispensas do Belenenses figuram Júlio, Rosa, Baldé, Silva Santos II, Gomes, Ferro Pais, Franquelim, Egídio, Nelo, Pombo, Teles, Duarte, João Silva, Caetano, o júnior Murça, Ernesto IIX; Abreu, Marques e João Gomes.

c. Baixa vimarense: Romeu (fractura do peróneo) abandona a digressão norte-americana.

Lima Pereira (Cova da Piedade) substitui no União de Tomar o veterano Nascimento.

Notícia a corre no Porto: o treinador Aimoré Moreira e o avançado Salvador foram oferecidos ao clube das Antas por uma personalidade do Boavista.

Em Agosto, o Benica jogará, (Moçambique), para concluir o contrato de recrutamento de Sheu.

O Belenenses venceu (por 4-3) o white Eagle, de Toronto. Golos de Gonzalez (2), Ernesto e Godinho.

REGISTO

BELICENSES

Nos próximos dias 7 e 8 de Julho realiza-se, em Lisboa, o encontro internacional entre as equipas do Belenenses e do Clube de Ténis de Mérida.

Os «azuis» apresentarão a sua equipa de 1.ª categoria, formada por Vaz Pinto, Raul Peralta, José Vilela, Daniel Lescano, Eduardo Osório, Appleton Figueira e Deborah Fiuza.

De notar que este encontro é a retribuição da visita que o clube português fez a Espanha.

VELA

Classificação final do «Torneio Torralta»: 1.º Goulart Branco; 2.º João Galvão; 3.º António Matta; 4.º Jorge Matta; 5.º Francisco Lufinha; 6.º Pedro Cabral; 7.º Vitor Teodoro; 8.º Francisco Mourão; 9.º Carlos Poppe; 10.º Frederico Valsassina; 11.º José Penaforte; 12.º Maria Antónia; 13.º João Faria; 14.º Azevedo e Silva; 15.º Augusto Roque; 16.º Valsassina Jr.

AMOR

De ídolo no Flamengo, dr. Germano transferiu-se para o Milão (da Itália) onde se tornou famoso nos jornais de todo o Mundo. Não por suas qualidades como ponta-esquerda, mas por que se casou com a condessa Maria Giovana, apesar da oposição da nobre família da noiva. Mesmo depois do nasci-

mento da filha, a família de Giovana continuou pressionando; e o caso de amor acabou chegando ao fim. Hoje, José Germano Matias esconde-se da Imprensa; ou se fecha em casa ou vai para a sua fazenda, a 20 quilómetros do Nordeste Mineiro, no Brasil. Ainda assim, ele tenta reencontrar o amor. Mary Rosane da Silva, uma professora de 18 anos, é sua namorada. Mas a família de Mary também não está tranquila. O ex-ídolo Germano, terminou a sua carreira no Palmeiras.

JUDO

O Brasil parte favorito no «Primeiro campeonato ibero-americano de judo», que se realiza em Madrid, com a participação de Portugal, Porto Rico, Costa Rica, República Dominicana, Venezuela, Equador, Chile e Espanha. Este torneio surge como complemento do Campeonato da Europa e do campeonato do Mundo, disputados recentemente em Madrid e Lausana (Suíça), respectivamente.

ESPERANÇA

«Espero no próximo ano fazer um ataque aos «records» nacionais de 1500 e 3000 metros», declarou à «Província de Angola» a atleta Conceição Gonçalves, do Ferroviário de Angola. Nascida no Algarve (Alcoutim), Conceição Gonçalves começou a praticar o atletismo só depois de atingir a maioridade, devido à oposição dos pais.

Treinada por Pedro de Almeida, já bateu duas vezes o «record» angolano dos 800 metros e três vezes o dos 1500 metros.

EX-FAMALICÃO

Encontra-se na cidade de Salazar, capital do distrito do

Cuanza Norte, o futebolista Peixoto que representou na época finda o Famalicão e assinou, agora, contrato com os Dinizes, da I Divisão Provincial de Angola. Peixoto representou já o Belenenses, o Olhanense e o Famalicão. Entrevistado, considerou que «este ano, o Famalicão possuía uma boa equipa, superior até à da Académica; só que não teve sorte durante o Campeonato e acabou por ficar em oitavo lugar».

VILA NOVA DE GAIA

Com o patrocínio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia vai realizar-se um torneio de futebol no qual participam os 16 clubes do concelho. A prova começa este sábado, com os jogos Avintes-Dragões, Sandinenses (campo do Crestuma), S. Félix da Marinha-Candal (no terreno do Valadares) e Atlético de Gervide-Vilanovense (no Coimbrões) todos pelas 17 e 30. Arcozelo-Frijó (campo do Serzedo) e Canelado-Coimbrões (terreno do Candal), às 21 e 30. Encontros para domingo: Leverense-Perozinho (no parque Soares dos Reis), Serzedo-Valadares (campo do Arcozelo) e Oliveira do Douro-Crestuma (terreno do Avintes) todos a partir das 17 e 30.

TÉNIS DE MESA

Para representarem o Algarve, em ténis, de mesa, contra a Andaluzia, dia 7 de Julho, em Faro, foram escolhidos os seniores Anselmo Viegas, José Manuel Constantino e José Manuel Costa (Farense), Fernando de Sousa (Fraternidade de Portimão) e Alfredo Mateus (Mortal de Albufeira), e os juniores Joaquim Gomes, Jorge Beldade e João Reis (Farense), Daniel

Sanches (Fraternidade de Portimão) e Rafael Martins (Sport Faro e Benfica). O nosso jornal é um dos patrocinadores das provas organizadas pela nável Associação de Ténis de Mesa de Faro, congratulando-se com a actividade que a modalidade está a ter naquela zona do Continente.

TÉNIS

Nos próximos dias 7 e 8 de Julho, realiza-se, no Estádio Nacional, o encontro de ténis entre o Belenenses e o Clube de Proserpina. Estão convocados os seguintes jogadores «azuis»: Vaz Pinto, Raul Peralta, Daniel Lescano, Klein, Eduardo Osório, Henrique Chaves Appleton Figueira, Pedro Froes, António Osório, Krucker, António Mota, A. Rebordão, António Semedo, Carlos Coutinho, Frago, Debora Fiuza e Jutta Barbara. O Belenenses também estará presente, juntamente a 8 de Julho, no campeonato nacional da 2.ª categoria, jogando contra o C.I.F. Para 15 e 16 de Setembro está já marcada a disputa entre os «azuis» e os suíços do Montchosi (de Lusana), a efectuar no Jamor.

NATAÇÃO

Jovens nadadores portugueses vão estar presentes, a 28 e 29 de Julho, na prova «Memorial Moreira», que se disputa na piscina olímpica de Génova.

ANDEBOL

O torneio comemorativo do «dia Olímpico» (em Andebol) comporta hoje (a partir das 21 horas, no pavilhão da Ajuda) os jogos Benfica-Belenenses, Técnico-Almada e, depois, embates entre vencidos e vencedores.

SEIS PORTUGUESES NO "TOUR"

Através do seu maior contingente de sempre, o ciclismo português vai estar presente na «Volta à França». Joaquim Agostinho, um indomitável «primeiríssima série», correrá pela quinta vez a clássica prova, enquanto que para Fernando Mendes e Joaquim Andrade estarão no «Tour» como «repetentes». Estreantes são Martins, Herculano de Oliveira e Luis Pacheco.

São as seguintes as composições das 12 equipas que alinham na «Volta à França»:

EQUIPAS FRANCESAS

— «De Muer»: Joaquim Agostinho (Portugal), Roland Berland, José Catieau, Jean-Claude Genty, Bernard Labourdette, Leif Mortensen (Din.), Luis Ocaña (Esp.), Alain Santy, Johnny Schleck (Lux.), Alain Vasseur e Sylvain Vasseur.

— «Geminiani»: Lucien Aimar, Jean-Claude Baud, Christian Blain, Jean-Claude Blocher, Marcel Boishardy, Joseph Carletti, Firmino Joseph Carletti, André Gandarias (Esp.), Charles Genthon, Jacques Hochart e Richard Podesta.

— «Caput»: Régis Delepine, Jean-Pierre Genet, Charly Grosskost, René Grélin, Cyrille Guimard, Barry Hoban (G.B.), Mariano Martinez, Gerard Moneyron, Jacky Mouriaux, Michel Perin e Raymond Poulidor.

— «Desvages»: Joaquim Andrade (Portugal), Gilbert Bellone, Francis Campaner, Ferdinand Julien, Jean-Claude Largeau, Raymond Martin, Joel Millard, Alain

Nogues, Michael Wright (G.B.) Gerard Vianen (Hol.) e Joop Zoetemelk (Hol.)

— «Plaud»: Robert Bouloux, Jean-Pierre Danguillaume, Raymond Delisle, Jacques Esclassan, Pierre Martelozzo, Andre Mollet, Régis Ovion, Jean-Pierre Parenteau, Charles Rouxel, Bernard Thevenet e Jurgen Tschan (RFA).

— «Stablinski»: Gerard Besnard, Jacques Botherel, Yves Hezard, Robert Mintkiewicz, Raymond Riote, Tino Tabak (Hol.), Willy Teirlinck (Bélg.), Claude Tollet, Lucien Van Impe (Bélg.), Willy Vanneste (Bélg.) e Michel Roques (ou Jean-Pierre Guillemot).

EQUIPAS BELGAS

— «Schotte»: Wilfried David, Lucien de Brauwere, Ludo Delcroix, Marc Demeyer, Ronald de Witte, Daniel Dureux (Fr.), Walter Godefroot, Fernando Mendes (Portugal), Michel Pollentier, Ronny Van Marcke e Jean-Jacques Sanguer (Fr.).

— «Driessens»: Willy de Geest, Alfred Gaida (RFA), Roger Gilson (Lux.), Tony Houbrechts, Peter Nassen, Wilfried Peffgen (R.F.A.), Georges Pintens, Wim Shopers (Hol.), Gustav Van Roosbroeck, Herman Van Sprinckel e Albert Van Vlierberghe.

— «Kimpe»: Willy Abbeloos, Paul Aerts, Emile Bodart, Michel Coulon, André Doyen, Englebert Opdebeeck, Walter Planckaert, Ludo Van Staeyen, Guido Van

Sweelveldt, Frans Berbeeck e Eddy Verstraeten.

EQUIPAS ESPANHOLAS

— «Moreno»: José Luis Abileira, Luis Balagué, Jesus Esparanza, Manuel Garcia, José Gomez-Lucas, Jesus Manzanque, Andrés Oliva, Pedro Torres, Agustin Tamames, José Luis Viejo e Juan Zurano.

— «Barrutia»: Gonzalo Aja, José Manuel Fuente, Francis Galdós, José Gonzalez-Linares, José Grande, Miguel Maria Lasa, Santiago Lazcano, Vicente Lopez Carril, António Martos, Carlos Melero, e António Menendez.

EQUIPA HOLANDESA (AINDA INCOMPLETA)

— «Vissers»: Mat de Koning, Ben Janbroers, Wim Kellers, Jan Krelers, Ludo Noels (Bélg.), Herculano de Oliveira e José Martins (Portugal), Mat Pustjens e Theo Van Der Leeuw.

Luis Pacheco, o corredor do F. C. do Porto que presente mente está a disputar a «Volta a Segóvia», seguirá desta cidade espanhola para França, de modo a juntar-se a Herculano de Oliveira para, em representação da equipa holandesa «Canadadray» (Vissers) disputar também a «Volta à França».

A competição (4150 quilómetros em 20 etapas) desenrola-se a partir de sábado, com partida da cidade de Haia. Itinerário:

Domingo, 1 de Julho: 1.ª etapa Scheveningen-Roterdão (84 km); Roterdão-St. Niklaas (137 km 500).

Segunda-feira, 2: 2.ª etapa — Circuito de St. Niklaas (12 km 400), contra-relógio por equipas: St. Niklaas-Roubaix (138 km).

Terça-feira, 3: 3.ª etapa Roubaix-Reims (226 km) Quarta-feira, 4: 4.ª etapa Reims-Nancy (214 km).

Quinta-feira, 5: 5.ª etapa Nancy-Milhouse (188 km). Sexta-feira, 6: 6.ª etapa Belfort-Divonne Les Bains (244,5 km).

Sábado, 7: Repouso. Domingo, 8: 7.ª etapa Divonne-Aspro Gaillard (86,5 km); Aspro-Gaillard-Peribet Les Allues (150,5 km).

Segunda-feira, 9: 8.ª etapa — Meribel-Les Orres (237,5 km).

Terça-feira, 10: 9.ª etapa — Enbrun-Nice (234,5 km). Quarta-feira, 11: 10.ª etapa — Nice-Aubagne (222,5 km).

Quinta-feira, 12: 11.ª etapa — Montpellier-Argeles Sur Mer (238 km).

Sexta-feira, 13: 12.ª etapa — Perpignan-Thuir (28 km 300) contra-relógio individual; Thuir-Pirineus 2000 Bolqueres (76 km).

Sábado, 14: Repouso. Domingo, 15: 13.ª etapa — Bourg Madame-Luchon (231 km).

Segunda-feira, 16: 14.ª etapa — Luchon-Pau (227 km 500).

Terça-feira, 17: 15.ª etapa Pau-Fleurance (137 km).

Quarta-feira, 18: 16.ª etapa Florence-Bordeus (210 km); circuito do lago, em

Bordeus (12 km 400) contra-relógio individual. Quinta-feira, 19: 17.ª etapa — Bordeaux-Brive (248 km). Sexta-feira, 20: 18.ª etapa Brive-Clermont Puy de Dome (216,5 km). Sábado, 21: 19.ª etapa

Bourges-Versalhes (133,5 km). Domingo, 22: 20.ª etapa Versalhes-Versalhes contra-relógio individual, (16 km); Versalhes-Paris (89 km).



O itinerário do tour.

O RESTAURANTE CIEZANNE SUGERE-LHE PARA ESTE FIM-DE-SEMANA OS SEUS PRATOS DO DIA:

- 28 — Filétes de pregado «Mornay»
«pied jama»
«andouillettes» grelhadas
- 29 — «Choucroute Alsacienne»
- 30 — «Coq au Vin»

BOM APETITE

RUA BARATA SALGUEIRO, 25 — TELEF. 56 36 47

«VISÃO SOCIOPOLÍTICA DOS SÉCULOS XV E XVI NA EUROPA»

por LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

- «A forma de acção, uma página de Luís Forjaz Trigueiros. É o que logo cativa a sua arte de escrever, seja o género escolhido a crónica, em que é excelente, seja a crítica, em que é certeiro, seja a novela, que raro escreve, e que pena! (A Capital).»
- «Luís Forjaz Trigueiros, desenvolvendo o tema com extrema lucidez e o maior interesse, apresenta a Europa dos princípios do século XV, dominada pela peste, ameaçada pelos turcos, contribuída pelo grande clima e trazendo em si o fermento de outras civilizações muito próximas, situa neste quadro o Portugal de então em vésperas de se abalar aos Descobrimentos» (Diário de Notícias).
- «Uma seriedade processual, uma documentação básico-funcional sem adiposidade, uma rigorosa noção de equilíbrio entre erudição e cultura, um estilo de comunicação adequado, e, enfim, uma axiomatica de fidelidade, a contemplar» (Observador).

A venda nas livrarias/preço 30 escudos

Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»

**É no projecto
que começa a prevenção**

Metropolitano de Lisboa, S.A.R.L. NOVOS HORÁRIOS

A experiência de quase seis meses de funcionamento de comboios directos entre a Rotunda e os extremos-norte nas horas de ponta mostrou que o sacrifício assim imposto aos utentes que nesses períodos se destinem às estações situadas nesses troços ou nelas pretendam tomar o metropolitano não é compensado pela utilização efectiva do aumento de capacidade que se pretendeu pôr à disposição da generalidade dos utentes.

Porque se aproxima um período de menor procura do serviço prestado por esta empresa, entendeu-se que seria agora o momento indicado para proceder à necessária alteração do sistema posto em funcionamento no princípio do ano, modificação essa que, naturalmente, significa ligeira quebra da capacidade de produção actualmente oferecida, ou seja, passar-se a uma capacidade pouco superior à que existia até o final de 1972.

A mudança de exploração que entrará em vigor no próximo dia 2 de Julho consistirá em manter os comboios directos apenas no período de ponta da manhã e nos sentidos Entre-Campos — Rotunda e Sete Rios — Rotunda, que foram precisamente o intervalo e os troços onde se notou um mais claro benefício do funcionamento de comboios directos.

Aproveita-se para anunciar que a partir de Setembro próximo vai ser reforçado o serviço de exploração nos períodos de ponta mediante a diminuição de 2 m para 1 m e 40 s dos intervalos entre comboios, o que permitirá a circulação simultânea de 29 composições e a cessação dos comboios directos.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL 77/73

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa: Faço público que, tendo em vista o disposto no n.º 4 do artigo 50.º do Código Administrativo e no uso da competência que me confere o artigo 102.º do mesmo Código, resolvi que a «Rua Principal» do novo Bairro da Quinta dos Ourives, a Chelas, se denomine

RUA DR. MANUEL ESPÍRITO SANTO
1908 — 1973

E, para conhecimento só publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Junho de 1973.

O Presidente António Jorge da Silva Sebastião

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

Reportagem do Exterior
A RTP apresenta directamente da Praça de Touros do Campo Pequeno a corrida à antiga portuguesa

2.º Programa (22.00)

Foi êxito na TV
«Os Vingadores»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e desenhos animados
- 13.00 Vária
- 13.15 «Por Favor Não Comam Os Malmequeres»
- 13.45 Telejornal 1.ª edição
- 14.00 Um dia com Bessone Bastos
- 14.15 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo preparatório TV
- 19.00 TV educativa — Educação Musical
- 19.20 O diário das fábulas
- 19.30 Telejornal 2.ª edição
- 19.40 «Woobinda»
- 20.10 T V Palco
- 20.25 Em foco
- 20.55 Imagens da poesia europeia
- 21.15 Telejornal 3.ª edição
- 21.45 Reportagem do exterior
- 24.00 Telejornal 4.ª edição
- 00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e desenhos animados
- 20.45 Um dia com
- 21.00 «Por Favor Não Comam Os Malmequeres»
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.00 «Os Vingadores»
- 22.50 Festival de jazz de Molde e fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e desenhos animados
- 13.00 «Abbot e Costello»
- 13.00 Feminino singular
- 13.20 «Os Meus Genros e Eu»
- 13.45 Telejornal 1.ª edição
- 14.00 Conheça o Portugal desconhecido
- 14.15 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo preparatório TV
- 19.00 TV educativa — Física Moderna
- 19.20 O diário das fábulas
- 19.30 Telejornal 2.ª edição
- 19.45 Cartaz TV
- 20.00 Presença do Brasil
- 20.25 «Os Lusíadas»
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.05 Noite de Estrela «Operação cobra»
- 23.45 Telejornal 4.ª edição
- 23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e desenhos animados
- 20.45 «Abbot e Costello»
- 20.45 Vária
- 21.00 «Os Meus Genros e Eu»
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.00 Reportagem do Exterior
- 22.50 Encontro com o mundo — Variações sobre Kromeriz e fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era fraco e caíam aguaceiros nalguns locais a norte do Rio Tejo

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	16°
P. DOURADAS	16°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	19°
FARO	22°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS

PEDRAS SALGADAS
Máxima 29,1°

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 6,2°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,1°
Atmosfera 20,0°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.48 3,6 m	7.38 0,9 m
14.18 3,8 m	20.10 0,8 m

Dia 29

2.47 3,7 m	8.30 0,7 m
15.12 4,0 m	21.02 0,6 m

Dia 30

3.43 3,8 m	9.19 0,7 m
16.04 4,1 m	21.52 0,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de aguaceiros e trovões em especial no interior Norte do Tejo.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.15
OCASO ÀS 21.06

DIA 30 DIA 7 DIA 15 DIA 23

**Humberto José
da Silva Albano**

Suas filhas, genros, netos e restante família participam que amanhã, dia 29, às 19.15, na Igreja de S. João de Deus, se fará missa pelo seu eterno descanso agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este pie-acto.

**COVILHA
LISBOA
COVILHA**

nova circulação directa

cerca de 6 horas uteis em Lisboa

**melhores horários
serviço de restaurante**
Entrancamento-Lisboa-Entrancamento
(serviço de almoços e jantares)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

motor revista

EMISSIONA - 1.º Programa

- 16.00 Noticiário
- 16.05 Ao encontro da melodia
- 16.30 Convívio, programa da juventude
- 18.05 O convidado de hoje: Guy Fletcher
- 18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
- 18.40 Música portuguesa
- 19.10 Zarzuela: «El Chaleco Blanco» (Chueca/Carrión) e «La Alsciana» (J. Guerrero, J.R. Martin)
- 20.00 Diário sonoro — o conjunto Keef Hartley Band
- 20.30 7.º episódio do folhetim «A Ilustre Casa de Ramires»
- 20.50 Melodias
- 21.00 Momento 73
- 21.20 Música, só música
- 21.30 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
- 22.10 Fados, por Florinda Maria e Carlos Zel
- 22.30 Ritmos de todo o mundo
- 23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
- 00.30 Diário sonoro
- 00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
- 02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

- 23.00 Rádio Universidade
- 00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 18.00 Música portuguesa
- 19.00 O canto e os seus intérpretes
- 20.00 Diário sonoro
- 20.30 Pequeno concerto em que colaboram a cantora Isabel M'laguerra e o pianista Cândido de Lima
- 21.05 Abertura da ópera «O Navio Fantasma» (Wagner), Orq. Filarmónica de Berlim, dir. por Rudolf Kempe
- 21.20 Tempo literário
- 21.45 Música sinfónica: obras de Mozart, pela Orq. «The Haydn Sinfonietta», dir. por Marcel Bernard
- 22.00 Teatro dos nossos dias, pelo dr. Leopoldo Araújo
- 23.00 Emissão em línguas estrangeiras
- 01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

- 16.00 Noticiário
- 16.04 Programa CDC
- 18.02/21.00 Programa Movimento
- 21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
- 21.03 Diálogo
- 21.08 Serão musical
- 21.30 Quando o telefone toca
- 22.05 Antiquário
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.05 Mensagens bíblicas
- 23.19 Grandes orquestras
- 23.30 No mundo aconteceu
- 02.00 A noite é nossa
- 06.00 Diário rural
- 07.00 Talismã

Modulação de Frequência

- 16.00 Noticiário
- 16.04 Programa CDC
- 18.02 O nosso programa
- 19.04 Vértice
- 21.02 Boa noite em FM

22.02 Programa à gô-gô

- 23.00 Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
- 00.02 Em órbita dois
- 01.02 Banda sonora Sonipol
- 02.00 Perspectiva
- 03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

- 16.00 Noticiário
- 16.05 Radiorama
- 18.00 Música para gente nova
- 18.23 Boletim litúrgico
- 18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
- 19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens da Rádio Renascença
- 19.30 Página 1
- 21.04 Meditando
- 21.07 Poesia é diálogo
- 21.15 Poente
- 21.30 Artistas portugueses
- 21.45 Pentagrama
- 22.00 Quando o telefone toca
- 22.30 Esquema 13
- 23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 6.00 às 11.00 e das 17.00 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 11.00 às 14.30

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 22.00 às 2.00

(TURNO M-1)
(ATE AS 22 HORAS)

ALCANTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682); Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América 16-B (T. 725859)

ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29 (T. 46843)

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Av. da República) (T. 772291)

BAIXA
Frazão, R. das Portas de Santo António, 72 (T. 328180)

BENFICA
Vilex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548)

CAMPOLIDE
Imparcial, R. General Tabor, 28 (T. 680931)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726)

CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque de Loulé, 61 (T. 45048)

GRAÇA
Monte, R. Senhora do Monte, 30-A (T. 867842)

LUMIAR
Patoleia, R. do Lumiar, 122 (T. 790332)

MADRAGOA
Lys, R. da Esperança, 17 (T. 660913)

OLIVAIS
Central, R. Alfere Barrilero Ruas, 7-C (Oliva-Norte) (T. 315539)

PEDROÇOS
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728391)

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)

SANTO AMARO
Santo Amaro, R. Filinto Elísio 29-A (T. 637070)

S. PAULO
Ultramaria, R. de S. Paulo, 99-101 (T. 321771)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius, R. Fialho de Almeida, 33-A (T. 44000)

(TODA A NOITE)

AJUDA
Lidia, C. da Ajuda, 170 (T. 637318)

ALCANTARA
Probidade, R. de Alcântara, 15-A (T. 638589); Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003)

ALFAMA
Anunciada, R. do Vigário, 74 (T. 866360)

ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão Saborosa, 104 (T. 841912)

ALVALADE
Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (T. 765262); Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T. 790969)

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (T. 845513)

AREIRO
Central, Av. Pans, 2 (T. 720820)

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (T. 763016); Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (T. 43938)

BAIRRO ALTO
Durão, R. Garrett, 90 (T. 324166)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 31216)

BENFICA
Marques, E. de Benfca, 648 (T. 700096); Vilex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); São João, E. da Luz, 124-A (T. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 480125)

CAMPOLIDE
Rualto, Alto de Varvãhã, 5-B (T. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 66606)

CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969)

CHIADO
Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166)

ESTRELA
Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339)

GRILLO
Griló, R. do Grilo, 25 (T. 385264)

OLIVAIS
Fernando Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Oliva-Sul) (T. 311091)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, R. Conde de Monse-raz, 17-B (T. 842538)

S. MAMEDE
Cunha, R. da Escola Politécnica, 16 (T. 325455)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Combatentes da G. Guerra, 166 (T. 213953)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)

PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, 1.º DAS Caixas de Previdência (T. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (T. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de ESPINHO; (T. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170); Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (T. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D, (T. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA
Misericórdia, dr. Gregório de Almeida, 2 (T. 980391)

COLARES
Colares, Abreja (T. 290888)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Cameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 24250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional 221-B (T. 224141)

BARREIRO
Picarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771)

COVA DA PIEDADE
Cerveira, P. 5 de Outubro, 18 (T. 270254)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230370)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)

SETUBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

Batalha (da), Praça da Batalha, 26. Campo (do), Praça da República, 118. Costa Cabral, Rua Costa Cabral, 1832. Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463. Invicta, Rua do Bonfim, 331

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292. Fátima, Rua Oliv. Monteiro, 475. Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696. Gomes, Rua Malhas de Albuquerque, 243. S.ª, Rua Vale Formoso, 161. Sarabando, Largo dos Loios, 36

SUB-TURNO G

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348). S. José Arcos do Jardim (T. 24697)

COIMBRA

TURNO G

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348). S. José Arcos do Jardim (T. 24697)

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana
Technicolor. Marlene Jobert e Jean Yanne. «QUANDO O AMOR ACABA»
Realização de Maurice Pialat
Estacionamento Parque Castil

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 6.ª Semana
Alfredo Landa (o Delgado) e Concha Velasco em «EMPRESTA-MA POR QUINZE DIAS» Mais audácia nunca se viu em fazer rir com um marido e a mulher e o novo dela

POLITEAMA (Tel. 326303)
21.45
(Grupo B-10 anos)
Eastmancolor. «REVAK, O REBEL-DE» com Jack Palance. As 15.15 e 18.15 (Grupo D-18 anos) «BULLITT» Ciclo Terror à Meia-Noite (Grupo D-18 anos). A 0.30 horas. Amanhã «QUARTO PRIVADO» Sábado «MISNUTO A MINUTO SEM RESPIRAR»

TIVOLI (Tel. 326303)
15.15 e 21.30
Grupo A - 6 anos 70 mm. Technicolor. A mais bela história de sempre! «MUSICA NO CORAÇÃO», com Julie Andrews

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D - 18 anos
Jim Brown, Martin Landau e Luciana Paluzzi. «DILEMA» («Black Gunn»)

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
3.ª Semana Jeanne Moreau e Jean-Paul Belmondo. «RECUSA» um filme de Peter Brook

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D - 18 anos
«AMORES CLANDESTINOS», em complemento «O PARCEIRO DO DIABO» (Metropolitano: Arroios. P. Chile)

ROYAL (Tel. 865035)
15.00 e 21.00
(Grupo C-14 anos)
«TRES IRMÃS». Em complemento «PEDRO, O PESCADOR»

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos). 2.ª Semana. Eastmancolor. Um filme de Ingmar Bergman. «A FORÇA DO SEXO FRACO» Bibi Andersson e Jarl Kulle

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 6.ª Semana
Colorido. Oscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973 «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA» o filme de Luis Buñuel. SNACK-BAR «THE PUB FLAG» o melhor encontro gastronómico

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido Grupo C (14 anos)
«OS CLOWNS DE FELLINI» A sua mais bela homenagem

S. Jorge 9tel. 54153/54)
21.30
(Grupo D-18 anos)
Para inauguração do Ciclo «Jogo do Amor» «MAIS UMA VEZ ADEUS» com Ingrid Bergman, Yves Montand e Anthony Perkins. As 15.15 e 18.15 últimas exhibições «A TURMA DAS BARRACADAS»

CASINO ESTORIL
15.30, 18.30 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor «O INVENCÍVEL» com Bruce Lee, Miao Ker Hsin e Tien Foong

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
2.ª Semana
(Grupo B 10 anos)
Color. John Wayne David Janssen «OS BOINAS VERDES»

ROMA
Encerrado temporariamente para beneficiações

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor. Grande Prémio de Juri Cannes 1972 um filme de George Roy Hill «MATADOURO 5». Hoje às 24 horas Clássicos à meia-noite (Grupo D-18 anos) «CEU ABERTO» de Howard Hawks

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
22.ª Semana
«CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITY» Terence Hill e Bud Spencer

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
21.45 ESTREIA
Metrolcolor. (Grupo D-18 anos). Um filme de Ken Russell «O REBEL-DE GENIAL» c/ Dorothy Tutin e Scott Antony. As 15.30 e 18.30 horas (Grupo D-18 anos) «MASCULINO FEMININO»

VOX (Tel. 72080)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 20.ª Semana
Colorido Alain Delon, Romy Sneider «A PISCINA» de Jacques Deray

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.00 e 21.30
(Grupo A-6 anos)
X Ciclo da Casa da Imprensa. Antestreia da cópia nova de «A QUIMERA DO OURO» de Charlie Chaplin

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
2.ª Semana
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Paul Newman e Lee Marvin «DINHEIRO TROCADO»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
3.ª Semana
(Grupo D - 18 anos). Eastmancolor Ciclo malandrice em Rock's «PROFISSÃO BIGAMO», Lando Buzzanca, Raffaella Carra, Teib Tarday. Ar Condicionado

BERNA (Tel. 776096)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Cushing «A TEIA» Um filme de Jimmy Stagner

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
Grupo D 18 anos
Metrolcolor «MULHERES SEM MARI-DO» c/ Trish van Devere, Monte Markham e Janet Leigh

EDEN (Tele. 320766)
15.30, 18.30 e 21.45
Eastmancolor Grupo B (10 anos)
Mike Marshall, Michele Girardon «O FILHO DE SHANE»

CINEARTE (Tel. 66046)
15.00 e 21.00
Grupo C 14 anos
«A MORTE CHEGOU A ASSOBIAR» c/ Robert Wood e Susan Scott «LUTA INGLÓRIA» c/ Pierre Mondy François Arnould e Petula Clark

motor

VILLARET
21.45 (14 anos)
«O Dia em que raptaram o papá»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Brincadeiras»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Fuenteovejuna»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Manzanas para Eva»

VARIADADES
21.45 (14 anos)
«Um padre à italiana»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Mulheres sem marido»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«A morte chega a assobiar»

OLIMPIA
19.00 (10 anos)
«O Homem que matou Cí-berty Valance» e «O Espadachim da capa negra»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Que bel opatife»

MOSCAVIDE
21. (18 anos)
«Com jeito vai na pândega»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«A Chave do cinto da cas-tidade»

MAYER
21.00 (14 anos)
«Tempo de lobos»

PAREDE
Royal.Cine
21.15 (18 anos)
«Amor às 3 da tarde»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 - 21.30 (14 anos)
«O Invencível»

Esplanada
21.30 (10 anos)
«Nissão na China Vermelha»

Palácio
21.30 (18 anos)
«A Cólera de Deus»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Os Emigrantes»

DAMAIA
D. João V
21.30 (6 anos)
«Alice no país das fadas»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Explosão de garotas»

MEM MARTINS
CineCaby
21.30 (18 anos)
«Escândalo na praia»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«No nome do pânico»

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis
Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-b Aberto das 18 h às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos domingos. Telef. 320164

EL CIDE — Dancing com variedades. Com o conjunto «X 4». Rua Bernardino Lima, 18-A (ao Conde Redondo). Telef. 560538

CACO — Dancing com musica ambiente, com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminia e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889. Aberto todos os dias

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante. Aberto até às 5 h da madrugada. Rua Rodrigues Sam-pa



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA PORTUGAL

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO LICEAL: Curso geral (1.ª chamada); Ciências Físico-Químicas — 9 horas; Desenho à vista e Desenho analítico — 11 horas; **Curso complementar** (2.ª chamada); Grego, Inglês e Ciências Físico-Químicas — 15 horas.

ENSINO TÉCNICO: Cursos de formação (1.ª chamada); Inglês (Curso Geral do Comércio) — 10 horas.

PROFESSORES/AS

SOMOS

UM CONJUNTO DE EXTERNATOS COM LARGA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DO ENSINO INTENSIVO DE ADULTOS.

CRIAMOS

ÓPTIMAS CONDIÇÕES PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO.

PRETENDEMOS

PROFESSORES/AS PARA ENSINO LICEAL E TÉCNICO COM:

- ENTUSIASMO
- ESPÍRITO INOVADOR
- EXPERIÊNCIA

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 839

CAMPO PEQUENO

Hoje, às 21.45 horas



CORRIDA ANUAL DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

A QUE SE DIGNA ASSISTIR O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

CAVALEIROS

**JOÃO NÚNCIO
MANUEL CONDE · DAVID TELES
M. BAPTISTA · FREDERICO CUNHA**

E OS AMADORES

EMÍDIO PINTO e JOÃO MOURA

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR capitaneados por Antonio Jose Zuzarte

AMADORES DE LISBOA capitaneados por Nuno Salvacao Barreto

6 TOIROS E 1 NOVILHO DE JOSE DA CAMARA PEDROSO



DL/NACIONAL

O Julgamento de Abel Manta e do nosso director

Continuação da pag. 1

Policia Judiciária, desejando apenas manifestar a minha estranheza pelo facto de, apesar dessas explicações, este processo ter podido ter prosseguimento, começou por afirmar o arq. João Abel Manta, que há muitos anos é colaborador do «Diário de Lisboa», sempre «cartoonista» de «A Mosca» ou do «Suplemento Literário».

Uma certa falta de treino visual no nosso país, em que não estão desenvolvidas as enormes possibilidades do jornalismo gráfico, foi apontada por João Abel Manta como uma das possíveis razões do processo, que dificilmente poderia ter homólogos noutras partes do mundo. Não digo isto no ar, e longe de mim querer fazer ironias, acrescentou o pintor; baseio-me num conhecimento profissional bastante seguro de revistas, jornais e livros da especialidade de todo o mundo, e também da obra e processos de trabalho de grandes artistas gráficos de inúmeros países.

O que torna porém este caso para mim incompreensível é de como foi possível a total inversão do sentido do desenho que publiquei, afirmou depois de justificar a melancolia e inquietação com que encara a situação dos artistas plásticos portugueses. O que se pretendeu com o «poster», disse, foi justamente defender, numa intenção patriótica, essa bandeira. Defendê-la dos falsos valores culturais que com ela impu-

nemente se cobrem. E sou eu que, romanticamente, me ofendo que um cancionista ridículo e mediocre se vista de Portugal para cantar perante o mundo canções ridículas e mediocres.

UMA QUESTÃO DE «VOCABULÁRIO»

A caricatura social, são e cada vez mais necessária, tem sido praticamente arredada dos nossos jornais, prosseguiu João Abel Manta, cujas declarações ficaram registadas na acta do julgamento. Esse facto origina uma total ausência de cultura e treino visual na «leitura» destas coisas, e a verdade

é que esse treino visual é necessário mesmo para este (por comparação com o resto do mundo) tão suave «cartoonismo» que eu ainda quixotescaamente pratico.

Assim como o treino visual é necessário para o cinema e televisão, para as histórias aos quadrinhos ou para a publicidade mais sofisticada, ele é necessário para este tipo de crítica desenhada, concluiu João Abel Manta. Sem um conhecimento e uma aceitação implícita do seu vocabulário gráfico e da «imagerie» corrente utilizada neste campo das artes plásticas, arriscam-se interpretações perfeitamente desastrosas.

O CASO DO INSTITUTO POLITÉCNICO NO BARREIRO

Ao abrigo da Lei de Imprensa, o presidente da Câmara Municipal do Barreiro, sr. Victor Rodrigues Adragão, solicitou a publicação da seguinte carta:

«Foi com surpresa que li no jornal que V. Ex.ª superiormente dirige (dia 20 do corrente, página 32) a notícia provinda «de fonte bem informada» de que o Barreiro teria «rejeitado» a oferta de um Instituto Politécnico, considerado pelo repórter mais importante do que a elevação da vila a cidade. Na realidade, não só é infundada a notícia da oferta ao Barreiro

de um estabelecimento de ensino médio-superior, (só o sr. ministro da Educação Nacional o poderia oficialmente fazer e não o fez), como é desconhecido os anseios da população da vila compará-la com a elevação a cidade.

Parece-me que ninguém medianamente inteligente aceitará que pudesse ser recusada uma oferta desta natureza feita por quem de direito.

Quero crer que se trata de um lapso de informação a que V. Ex.ª esteja alheio, embora o absurdo da notícia mais pareça uma tentativa de perturbação da época que se avizinha».



VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Brancoamp 11 Telef. 563401 Lisboa

egipto e libano

Partidas em 31 de Agosto e 14 de Setembro

10 dias de viagem

avião-hotéis de 1.ª classe
quartos com banho
meia pensão em hotéis
visitas e excursões-transfers

11 150\$00

Inscrições imediatas
pelos nossos telef. 56 34 01
Uma organização Exit

PRÓXIMO ORIENTE

EGIPTO e LÍBANO

Conheça os mistérios do deserto. Descubra a «força» das pirâmides e os contrastes das cidades árabes
10 dias de sonho

**31 de Agosto
14 de Setembro**

Uma organização
EXITO

Consulte e Reserve na



Av. António Augusto de Aguiar, 88-C
Tel. 42185 LISBOA

Novo serviço de reanimação respiratória

PORTO, 28 — Ao princípio da tarde foram inauguradas no Hospital Geral de Santo António as novas instalações do Serviço de reanimação Respiratória, que dispõe agora de equipamento cirúrgico moderno e eficiente. Criaram-se no apetrechamento deste serviço cerca de 10 mil contos, dos quais mais de quatro mil foram concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Assistiram ao acto numerosas entidades oficiais cidadinas e ainda os drs. Mário Marques, director-geral dos Hospitais, Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de administração da Fundação Gulbenkian, e Braga da Cruz, provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Iniciou a série de discursos o dr. Armando Pinheiro, chefe do Serviço de Reanimação Respiratória.

Fidel vai à Jugoslávia

BELGRADO, 28 (U.P.I.-A.N.I.) — Fidel Castro, dirigente do Partido Comunista Cubano, aceitou um convite do presidente Tito da Jugoslávia para visitar este país. O convite foi transmitido por Stane Dolanc, segundo na hierarquia do Partido Comunista Jugoslavo, que visita actualmente Havana, informa a agência noticiosa Tanjug. A data da visita não foi revelada.

NOTAS VÁRIAS

PROFISSIONAIS DE SEGUROS

No decorrer da reunião magna ontem efectuada na Voz do Operário, os associados do Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa apoiaram unanimemente os apelos feitos para que a unidade entre as classes de Lisboa e do Porto se fortaleça, ultrapassando divergências de opinião que neste momento se verificam, ao nível de direcções, quanto à forma de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho.

Efectivamente, terminando de amanhã o prazo para a entrega de uma Proposta de revisão do CCT, a direcção do Sindicato do Norte tem já pronta para apresentar ao Grémio dos Seguradores uma proposta de revisão que inclui a totalidade do clausulado, visto terem passado dois anos sobre a vigência da actual convenção e esta estipular que após esse período poderá ser feita uma revisão total.

Por seu turno, o Sindicato de Lisboa elaborou uma proposta de revisão que apenas respeita à tabela de vencimentos e às cláusulas de carácter económico, tendo em conta os condicionamentos do Decreto 196/72 o qual determina uma revisão total apenas ao cabo de quatro anos.

Apesar de o contrato colectivo ser único, nada impede que cada um dos dois organismos sindicais apresente ao Grémio a sua proposta, se não se conseguir ultrapassar o momento de desacordo existente. Todavia, na reunião magna de ontem foi aprovada a constituição de uma comissão que tente a unificação da proposta sindical neste breve espaço de dois dias.

PROFESSORA DE MEDICINA

COIMBRA, 28 — A Universidade tem a primeira professora de Medicina, embora outras senhoras exerçam a docência universitária. É a prof.ª dr.ª Deolinda da Costa Martins, que acaba de prestar brilhantes provas para professora da Faculdade de Medicina, as quais terminaram, com a aprovação da candidata, na Sala Grande dos Actos da Universidade.

A dr.ª D. Deolinda Martins, que passa a ser professora agregada de Higiene e Medicina Social da Faculdade de Medicina de Coimbra, natural de Lisboa, fez os cursos primário e secundário em Lourenço Marques, e depois matriculou-se na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Medicina, pela qual se formou, em 1937, com a média final de 17 valores. Após de ter exercido diversos cargos profissionais, requereu provas de doutoramento em Medicina, que prestou em 1969, com a classificação de 18 valores, sendo a primeira senhora portuguesa doutorada em Medicina. Voltando a Lourenço Marques, onde exerceu várias profissões, fez, depois, estágios em Coimbra, nos Estados Unidos da América do Norte e em Israel. Exerceu, também, as funções de professor auxiliar, além do quadro, na Universidade de Lourenço Marques; e além de desempenho de diversas comissões de serviço, tomou parte em numerosos congressos, é autora de algumas dezenas de trabalhos, e foi distinguida com louvores e condecorações.

DIALOGOS CONFIDENCIAIS



JOÃO ABEL MANTA

Sttau Monteiro

Môsa

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Folhetim-artístico

de José-Augusto França

A PROPÓSITO DOS "DOSSIERS DO DEPARTAMENTO DE PINTURAS" DO LOUVRE

Há três anos já que o Museu do Louvre iniciou e definiu um sistema de exposições monográficas do maior interesse para a história da arte. Cada uma dessas exposições é acompanhada por um catálogo — identicamente exemplar.

Vi agora, e tenho diante de mim o respectivo catálogo, a sétima exposição, consagrada a um quadro de Poussin, «A Morte de Germanicus», que pela primeira vez é visto em Paris, vindo do Museu de Minneapolis dos Estados Unidos, que o comprou em Roma, em 1958,

aos herdeiros do cardeal Barberini. O quadro estivera trezentos e trinta anos na família do famoso cardeal que o encomendara ao pintor, e jamais saíra de Roma; em 1960, quando da memorável exposição Poussin, no Louvre, não pudera fazer parte da grande massa de pintu-

ras que de todos os museus do mundo foram enviadas a Paris.

Pela primeira vez o público parisiense teve agora acesso ao quadro — e com ele os estudiosos ou os curiosos que acorreram em grande número, e os próprios serviços do Museu que o analisaram e o situaram na corrente, ou nas correntes, da pintura ocidental do classicismo, e do neoclassicismo.

A maneira de o fazer merece uma reflexão que, rapi-

damente embora, é intenção deste folhetim.

Eis portanto a exposição: o quadro em estudo, mais os outros quadros de Poussin existentes em França, os desenhos preparatórios que se conhecem, e uma série de composições que, até ao século XIX, são filiáveis, temática ou estruturalmente, na «Morte de Germanicus». E eis o catálogo: o estudo do quadro — as fontes escritas (Tácito), as fontes visuais, a encomenda e quem a fez, no seu meio romano de 1627,

os desenhos preparatórios. A situação de Poussin nessa época e o tema do «leito funerário» na sua própria pintura, completam essa parte do catálogo — que continua pelo estudo da «posterioridade» do quadro em questão: cópias, gravuras, menções e referências escritas, desde 1633 até à actualidade, passando pela citação de palavras de Bonaparte consensual que, após ter visto o quadro, declarava ao seu fiel Denon: «a nossa escola amolece, é preciso fazer regressar o seu pensamento às vias de Poussin». Declaração que pontua o movimento ideológico do neoclassicismo e esclarece a segunda fase do seu «iluminismo despótico».

A terceira parte do catálogo diz respeito à influência do quadro — compreendendo as outras composições do mesmo tema, o papel do próprio tema na história da pintura e a incidência da composição de Poussin na pintura da segunda metade de Setecentos. Numerosas notas eruditas e bibliográficas completam o catálogo e uma centena de pequenas ilustrações referenciam todo este trabalho — exigente e exemplar, obra de Pierre Rosenberg e de Nathalie Burt conservadores do Louvre.

Cem obras expostas, abundantes fotografias analíticas, um catálogo sem luxo mas eficiente e sério, no seu pequeno formato e na modéstia das suas ilustrações — e eis realizada uma obra cultural por via museológica em cuja exemplaridade insisto. É o n.º 7 dos «Dossiers du Département des peintures» do Louvre. Antes desta, seis exposições que sucessivamente visitei foram consagradas ao «Bano Turco de Ingres» (e ali se pediu a artistas contemporâneos que meditassem sobre a composição oitocentista com os seus próprios meios; Júlio Pomar foi um dos artistas então expostos); aos quadros do Louvre de Boucher; ao «Cabinet de l'Amour», do Palácio Lambert, da ilha de Saint-Louis, em Paris (levando o estudo-reconstituição a uma análise tipológica da própria arquitectura); à «Grande Galerie» do Louvre, através da sua longa história palatina e museológica; à colecção de Francisco I, que permitiu uma reflexão crítica sobre a cultura e o gosto de uma época; aos auto-retratos de Courbet, de que saiu o retrato interior e social do próprio artista, através de um exaustivo estudo filológico.

Com estas iniciativas que se multiplicam e que se adicionam a outro tipo de exposições problemáticas e retrospectivas (ao mesmo tempo, só nos museus de Paris, viam-se os desenhos italianos de Contra-Reforma, Soutine, Ad Reinhardt, Tapiés Chaiassac, Hadju, a pintura dinamarquesa contemporânea, peças arqueológicas chinesas e colombianas, a vida e a obra de Colette, a obra do editor Tériade, da «Verve», e as realizações da revista italiana «Domus» — depois de se ter visto a exposição de «equivocos oitocentistas» de que há pouco aqui



falei) — a história da arte cria-se e recria-se vivamente, num diálogo permanente com o público utente, ou seja com a cultura em realização. Com estas exposições se anima e define uma historiografia em evolução que passa da erudição indispensável (mas insuficiente) a exigências intelectuais e sociológicas que uma nova situação mental torna indispensáveis também.

Instrumentos de trabalho e elementos de cultura, estas exposições e estes catálogos, ou, melhor, estes «dossiers», necessitam de quem os forje e de quem os utilize — e pressupõem a existência de um aparelho cultural que leva gerações a constituir, através da Universidade e de uma prática difícil, permanentemente posta à prova.

O Museu e a Universidade ligam-se desta maneira, passando de um plano ao outro as suas experiências e as suas contribuições. Vive o Museu da obra que realiza e não das colecções que conserva, como uma lata as suas sardinhas; vive a Universidade da rentabilidade cultural das pessoas que forma; e as duas entidades ajustam as suas necessidades, no domínio que lhes é comum, com o fim único de trabalhar e produzir, numa situação que renova a própria definição, conforme nova oferta e nova procura cultural e social.

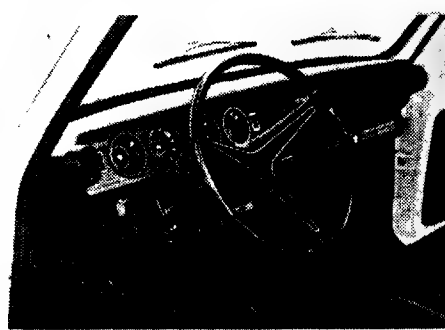
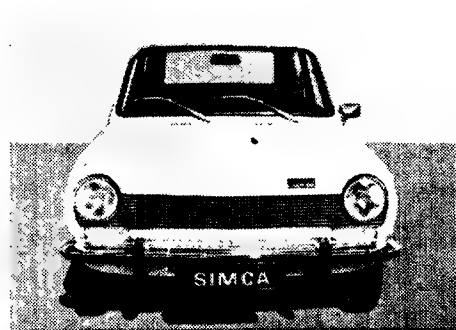
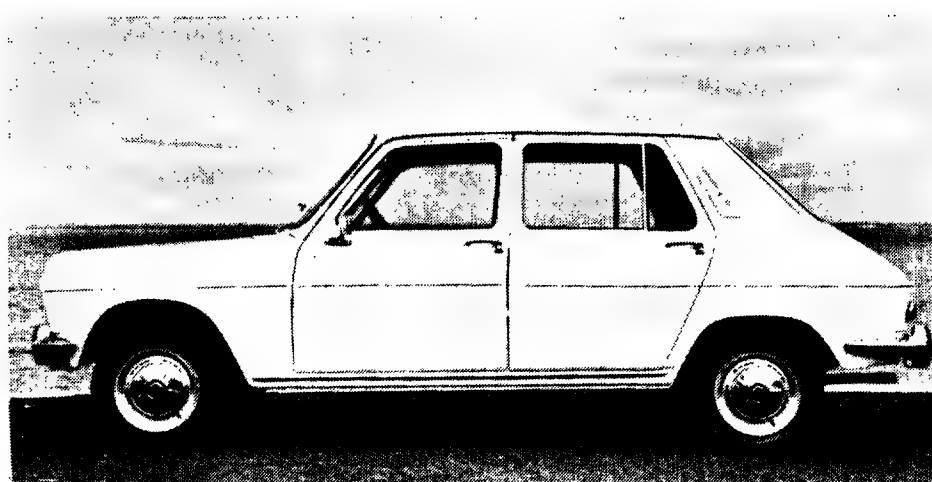
Nada melhor que uma exposição museológica de arte permite pôr graves problemas de cultura e de sociedade. E quem sabe se levar o leitor português a fazer as perguntas, graves também, que me abstenho agora de fazer.

Resposta exacta na cidade ou na estrada

Simca 1.100 GLS

Estilo único, grande conforto, segurança super comprovada, o GLS é o que se pode chamar um carro médio que satisfaz todas as exigências de um grande automóvel. E tem 5 portas. O espaço interior, a funcionalidade e a riqueza dos pormenores técnicos, conferem-lhe a preferência imediata.

MELHOR DO QUE ISTO! O QUE NOS OUTROS SÃO EXTRAS, NO SIMCA 1.100 GLS, É EQUIPAMENTO DE ORIGEM INCLUIDO NO PREÇO...



CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- 4 CILINDROS 1118 cm³.
- POTÊNCIA 60 CV. DIN ÀS 6.000 R.P.M.
- TRACÇÃO DIANTEIRA
- 4 VELOCIDADES SINCRONIZADAS (Licença PORSCHE)
- RODAS INDEPENDENTES
- AMORTECEDORES HIDRÁULICOS TELESÓPICOS
- TRAVÕES DE DISCO À FRENTE
- VELOCIDADE MÁXIMA 145 Km/hora
- MALA 370 dm³
- 5 PORTAS

EXTRAS SEM PREÇO EXTRA

- PNEUS RADIAIS 145 SR-13
- SERVO-FREIO
- ASSENTOS RECLINÁVEIS
- VENTILAÇÃO ELÉCTRICA
- TOTALIZADOR QUILOMÉTRICO
- TRANCA DE DIRECÇÃO
- RELÓGIO/ISQUEIRO
- ALCATIFAS
- PORTA-LUVAS C/FECHADURA
- PARA-CHOQUES COM PROTECÇÃO DE BORRACHA
- ESPELHO INTERIOR
- RETROVISOR CONTRA ENCANDEAMENTO

PREÇO TOTAL 92.800\$00



CONSTRÓI OS CARROS QUE VOCÊ DESEJA

ARRIBARÁ SARAIVA ENVOLTO EM BRUMA POR MANHÃ DE NEVOEIRO?

Apareceu, entre nós, um conjunto de «textos polémicos» em torno de um livro de António José Saraiva (1). Organizado e prefaciado por Zeferino Coelho, contém, além do texto deste (último da brochura), os de mais quatro autores. Primeira pergunta, é claro: *porquê* este livro, estes textos? O que significa o seu aparecimento e o que o justifica?

Zeferino Coelho (prefácio, páginas 8 e 9): «queremos apenas apontar que António José Saraiva empreendeu um processo de substituição dos seus temas centrais de análise, transformando aquilo que dantes era clarificação, num processo prévio de revisão.

«Em consequência (...) uma exigência fundamental de todo o trabalho de produção teórica (...): o confronto, não no interior das consciências ou para um pequeno círculo de amigos, mas na praça pública, pois é aqui que todos os princípios (...) encontram a sua única e última justificação.»

Segundo o organizador, portanto, houve uma mudança, uma ruptura, um desvio. Vamos, afinal, assistir a um esquema que se define, por um lado, por uma «espécie de diálogo» com A. J. S. (decorrente no primeiro parágrafo citado de Zeferino) e por outro a uma espécie de apelo à confirmação, por parte de um público ou leitor, mais ou menos abstracto, mais ou menos ausente, do que fica dito (decorrente do segundo parágrafo); isto em quatro dos cinco textos — como adiante confirmaremos.

Começamos por estranhar não ver no presente livro dois textos aparecidos em «O TEMPO E O MODO», números 84 e 85 (2). Devesse, esse facto, a uma opção do antologizador ou do autor desses textos? Em qualquer dos casos terá havido uma opção ideológica mais ou menos clara.

Efectivamente, o aparecimento de uma antologia como esta significa a importância de que A. J. S. se reveste para certos sectores da «intelligentia portuguesa» — que com ele vêm por esta forma estabelecer diálogo. Mas o que é o diálogo? E que aspectos toma ele quando praticado pelos referidos sectores?

«O liberalismo deste projecto (a defesa do diálogo em si mesmo) assenta como uma luva aos seus promotores conscientes e beneficiados objectivos — que são a facção liberal em ascensão e os seus arautos de todo o género. (...) Os diálogos são sempre «interiores» (...no sentido de uma) «interioridade» de classe. É no interior de cada grupo social (ou entre grupos sociais não-antagónicos e potencialmente aliados) e de acordo com os seus interesses fundamentais, que o diálogo é possível.» (3).

O conceito de diálogo aqui expresso limita muito o de «praça pública» aventado por Zeferino Coelho; mais concretamente — opõe-se-lhe. Não é na «praça pública» que, à boa maneira dos gregos — democratas por excelência... de classe — que se discutem ou resolvem problemas, ideias ou estratégias; em primeiro lugar porque não existe essa «praça pública» ideal, despida de domínios ou pre-conceitos; em segundo lugar porque, a existir, seria (será) um privilégio de classe ou de grupo e uma escolha de classe ou de grupo. Só dialoga assim na praça pública o grupo ou a classe à qual a mes-

ma praça pertence e sobre ela exerce controle.

Por via do que fica dito e do que mais adiante se verá, o diálogo, implícito ou explícito, com A. J. S. é, se o método usado for o proposto por Z. C., «jogar no campo do adversário» (para

nós e o inimigo.» Não é, pois, um ensaio de recuperação que J. P. P. faz, mas um ensaio de demarcação e definição dessa linha. Após expor «as armas teóricas e alguma prática que essas armas tiveram» passa, numa segunda fase, a expor metodicamente as principais teses de Saraiva que, pela sua clareza e poder de síntese, citamos na íntegra, para esclarecimento do leitor que as saiba ler:

«1.º — O marxismo não é uma ideologia revolucionária de uma classe, o proletariado, mas sim de um produto interior da própria burguesia (pág. 30-1);

cia», a «tecnologia», e o «progresso», em último caso uma «mudança espiritual» (pág. 43);

«6.º — A estas formas superestruturais correspondem na prática da luta política posições de tipo anarquista, (veja-se «diário»).»

Ao contrário dos autores dos outros textos, tenta, «explicar a lógica do processo ideológico de A. J. S.»; não o combate, situa-o; não o compara com os seus anteriores textos, identifica-o com os seus mentores e predecessores ao nível ideológico e de classe (apesar de «marginalizado»); não diz ao aluno que errou, que tem graves

fre Amaral Nogueira: «O que poderia constituir o assunto, já hoje, de uma marcante tese — à altura dos méritos relevantes do autor — como que «morre» (...). O autor não esteve à altura do problema que levantou, embora tudo indique que este não excedia nem as suas capacidades de pensador, nem a largueza da sua cultura» (p. 70); Mário Sottomayor Cardia (5): «A paixão é, sem dúvida, uma das mais notórias de entre as forças e fraquezas deste brilhante escritor de ideias. Várias se lhe conhecem ao longo de uma carreira tão notável como instável. Começou nas hostes contra-revolucionárias; exercitou seguidamente o espírito na banda oposta (...). O prazer que a leitura dá não é maior nem menor do que o proporcionado pelos seus livros anteriores. O autor é, como sempre, hábil, imaginoso, inteligente» (p. 102-3); Zeferino Coelho: «Assim nos avia de Paris António José Saraiva uma novíssima teoria social. Do defuncto, a carne liquefez-se nas mãos e perdeu-se como neve num lameiro. O esqueleto, esse, podemos ainda olhá-lo, antes que se partisse em mil pedaços. E é dele somente que nos recordamos». (p. 124).

De todas estas palavras ressalta a figura do Saraiva que batalhou, pelos anos 50 e 60; é ainda com ele que os críticos estão falando: ou opondo-o ao «outro» que de França trouxe esquisitas ideias, ou exaltando-lhe os méritos ora mal empregues, ou louvando um estilo para censurar a volubilidade que parece ser-lhe inerente, ou lembrando com azedume ao Saraiva Mau que um Bom Saraiva existiu, em tempos, em tempos.

D. G. P. põe o Saraiva de 60 a falar contra o Saraiva de 70, através de textos de ambos (1) e anulando, pura e simplesmente, os dez anos intermédios: não apenas os que constituem a vida do homem mas também os que formam a existência de um povo, de povos, de relações de forças e ideias, etc., sem explicar como se deu essa mudança, sem a ela se referir objectivamente; há dois Saraivas separados por um abismo gerado por obra e graça de um qualquer satânico espírito; e D. G. P. coloca-os no ringue, fá-los combater, esgatanhar-se, esmurar-se em vários assaltos-temas. Este mau projecto enferma, além do seu subjectivismo de base, de outros erros menores, tais como «confrontação» de citações não contraditórias ou junção de textos que, de facto, focam realidades diferentes, como o próprio D. G. P. vem a confirmar (p. 37) ao dizer que a antologia nem sempre é totalmente clara e feliz em todos os termos de contradição escolhidos.

Jofre, depois de focar as «especiais responsabilidades que o autor, pelo volume (sic) e importância da sua obra, não pode enjutar» (p. 72), depois de dar uma tarrazita ao fim e ao cabo amigável no criticado, levando o discurso à letra... do autor, finda magistralmente: «E vá-lha a verdade que esse irracionalismo, ao mesmo tempo profundo e intersubjectivo de A. J. S. é, pelo me-

nos, mais franco e descoberto de que certa «racionalidade» profusamente científica e anti-ideológica que por aí campeia em barulhentos e restritos círculos (...). Mas, no fundo, duas atitudes perfeitamente similares, convergentes nos objectivos, mesmo que se desencontrem em alguns dos «slogans» que utilizam» (p. 85-6). Tá claro, não é?

Cardia, por sua vez aceita como problemas os «problemas» que Saraiva aventava — só que lhes contrapõe diferentes respostas. É já de si significativo o facto de aceitar, como se de problemas de tratasse, esse conjunto de alienadas proposições de Saraiva; mas se Cardia combate Saraiva no «campo» dele é porque, de facto, o campo é comum — só ligeiras diferenças os separam: de tal modo que o artigo de Cardia sugere, às vezes, uma conversa ou discussão de comadres, sujeitas a abespinharem-se com pretexto em pequenos pormenores, pequenos insultos (por exemplo, na defesa da eficiência e da tecnologia, págs. 115-7, em que Cardia parece melindrado — por se sentir visado).

Coelho ensina o sr. Saraiva; dá-lhe lições; apela para o público como catedrático que precise de quem lhe sustenha a cátedra («admire, leitor»,... p. 131) e acaba, parece que com raiva, com despeito: «A sua teoria do campesinato (ou da subjectividade, como proferirem) revolucionário não é mais que o reverso da igualmente sua apologia do pequeno-burguês timorato e mesquinho: «tive sempre as retiradas seguras». (p. 133).

Tão importante é, para estes senhores, A. J. S., o novo; alarmados, lançam mão da pena; mais ou menos furibundos atacam o pestifero, o contagiante, o perigoso Saraiva, o novo; Cardia mais melífluo, Coelho sem dó nem piedade.

Se o que o leitor pretende é uma distracção de cariz intelectualista, em plena «praça pública», acerca de um «caso» das nossas letras (e não só) — então leia, leia até à exaustão, de trás para a frente, da frente para trás, aos círculos, como quiser e souber, estes quatro aguerridos lutadores.

Se, porém, o que pretende é a compreensão de um «caso» de maneira crítica, serena, correcta, então leia atentamente Pacheco Pereira; os outros, menos atentamente — se achar por bem; e depois queime-os. E lembre-se: o fogo nem sempre é um auto-de-fé — pode ser de razão.

ANÇÁ REGALA

NOTAS

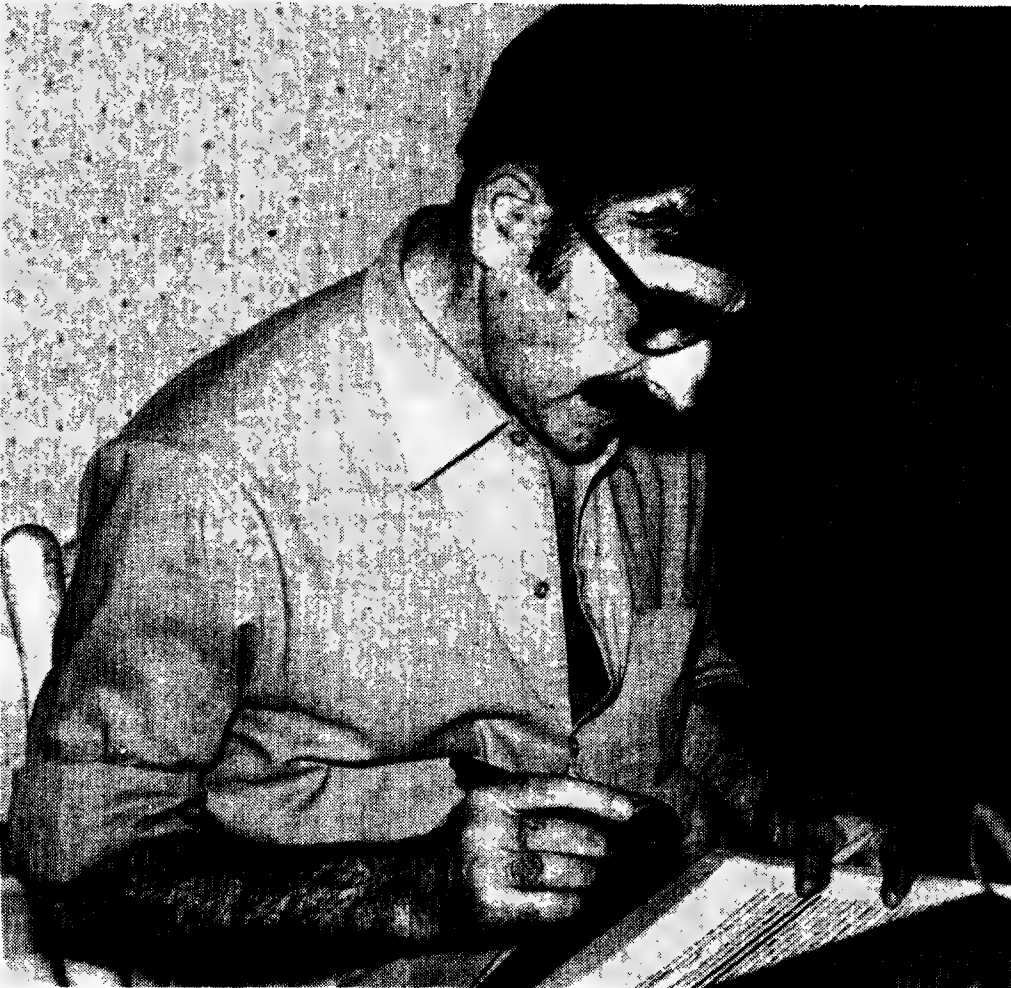
(1) «Maio e a Crise da Civilização Burguesa», de António José Saraiva. TEXTOS POLÉMICOS de Daniel G. Paulo, Jofre Amaral Nogueira, José Pacheco Pereira, Mário Sottomayor Cardia, Zeferino Coelho, organizado e prefaciado de Zeferino Coelho, edição de L. da Cruz Santos, Porto, Março, 1973.

(2) Remetemos o leitor para esses textos, pela importância de que se re-textem.

(3) O Tempo e o Modo, n.º 83, (1) Págs. 87-99.

(4) Aqui, remetemos o leitor para um artigo aparecido no & etc., n.º 6, da autoria de L. H. Afonso Manta, (contestatário): «As posições de SC e de AIS não são obviamente coincidentes. Daí a polémica, a amigável cavaleira entre cavaleiros que embora diferindo no secundário concordam no essencial. (...) Se criticar a diamétrica Cardia socorre-se do mesmo método do Saraiva de hoje, macaqueia-a, cria um fantasma contra o qual se atira de lança em riste. O método é mais uma das concordâncias de Cardia-Saraiva ou Saraiva-Cardia conforme se queira. (...) Se Cardia tiver êxito na sua tarefa arrogando-se a Saraiva para o clube dos «autênticos», estamos certos de que algo novo surgirá entre os nossos bernezeiros: o seu quicqueto ponto de lança terá encontrado um fiel escudado».

A. R.



António José Saraiva

empregar uma corrente expressiva desportiva) ou ensaiar um desequilíbrio com um pé cá outro lá do rio — no qual, mais cedo ou mais tarde, o equilibrista se irá banhar, por vontade própria ou alheia.

Passemos, então, à análise dos métodos «polémicos» usados pelos diversos autores vindos à praça pública.

Foquemos, em primeiro lugar, que é este um livro que tem outro por base, por conteúdo dominante, nalguns casos. E o que lhe serve de base é, tal como o autor, sobejamente conhecido para que lhe façamos qualquer referência em especial. Porém, e para que o leitor possa fazer uma ideia da localização ideológica do autor-livro postos em causa, iniciamos esta abordagem com o único texto pelo qual a antologia vale a pena: Um livro para queimar, de José Pacheco Pereira (1), texto em que o autor começa — única possibilidade «teórica» de pegar no livro — por explanar, sucinta mas claramente, os fundamentos, obras e clássicos que Saraiva, deliberadamente, nega; e começa sob uma citação suficientemente explícita: «É preciso manter uma linha bem nítida entre

«2.º — O marxismo é portanto absorvível na classe que lhe deu origem e de que temporariamente se afastou, excepto uma pequena parte dele: «o propósito» (pág. 33);

«3.º — O proletariado e a burguesia não são classes opostas, nem representam uma concepção diferente do mundo, pelo contrário assemelham-se cada vez mais por um processo de «assalariamento» (pág. 26), e criam uma «classe média»; a «Toda-a-Gente» (págs. 25-6), a que correspondem traços ideológicos comuns e que será a chamada «civilização burguesa» (todo o «posfácio», p. 15 em diante);

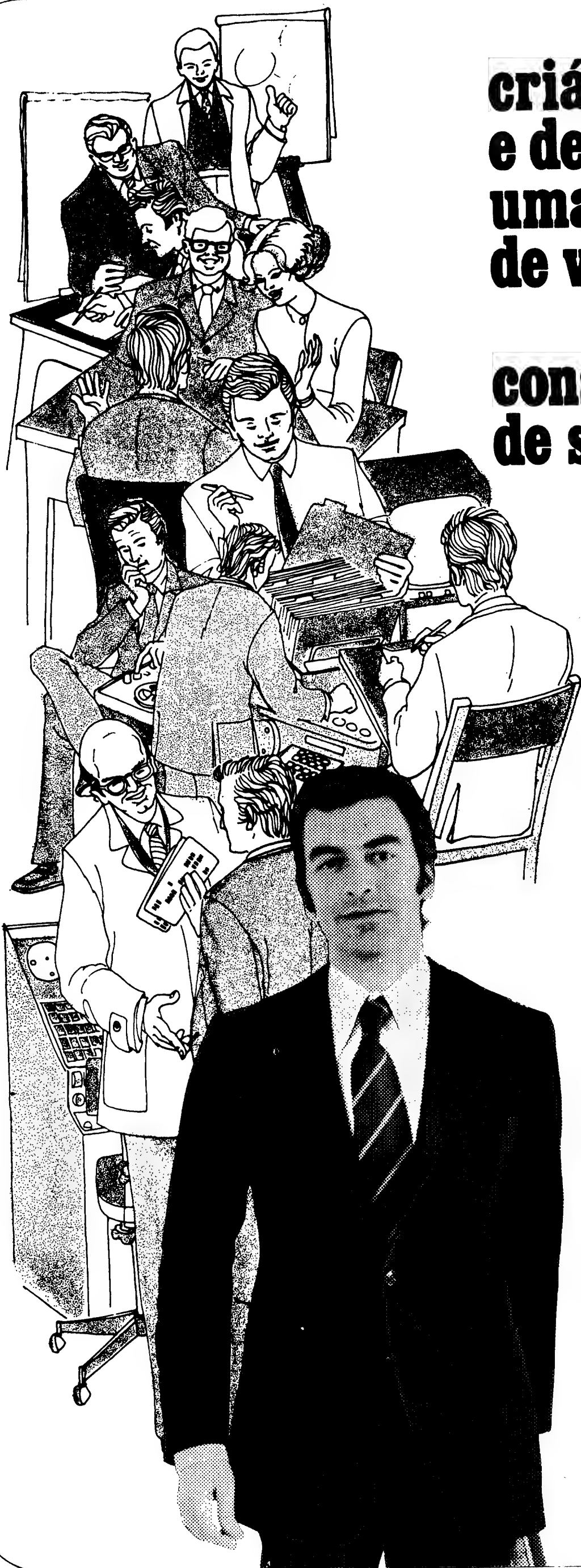
«4.º — Restam as minorias que não se integram na «civilização burguesa»; o lumpen-proletariado que escapa ao «assalariamento», os camponeses, os estudantes, os judeus, os negros americanos, os vietnamitas, etc.;

«5.º — As formas superestruturais de luta destas minorias são a «cultura» (pág. 37), a arte (pág. 42), e as fórmulas nacionais desta luta, como no caso da Argélia (pág. 37) ou de Cuba (pág. 37), o «envolvimento da Cidade pelo Campo» (pág. 38), a luta contra a «ciên-

faltas, que vai ter negativa — mostra de que maneira A. J. S. age, ao serviço de que classe ou ideologia ele se coloca, a quem seus préstimos servem, para terminar, com toda a simplicidade possível, apontando o único caminho a seguir em relação ao livro de Saraiva: «Como contestação do marxismo «Maio e a Crise da Civilização Burguesa» não traz sequer argumentos novos, tudo já se pode ler noutros locais e muitas vezes com uma coerência mais firme. O livro de A. J. S. é portanto mais um livro para ler atentamente e queimar. Nada mais».

Há dois ou três pormenores teóricos expendidos por Pacheco Pereira de que recordamos; seriam, porém, pormenores a abordar num tipo de «diálogo interior», como atrás ficou dito e não vêm ao caso nesta resenha.

Assim, Daniel G. Paulo afirma: «Trata-se de um completo volte-face de concepções e métodos históricos, científicos e sociais de base, de comportamento de base, que o Dr. A. J. S. deveria ter a «coragem» moral de expor e reconhecer claramente e até às suas últimas consequências» (p. 33-4); Jo-



**criámos
e desenvolvemos
uma profissão
de vanguarda:**

**consultor
de segurança Império**

**Este homem
é um Consultor de Segurança Império.**

Na vida moderna pensar em segurança
é um dever social — para si próprio,
para a família, para a empresa.

Mas pensar em segurança obriga à utilização
de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis,
a raciocinar em termos económicos e fiscais.

**Gerir os seus interesses da forma mais adequada
de acordo com as necessidades de futuro é, de facto,
tarefa que necessita do apoio de especialistas.**

Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças
existem especialistas para o assistir, a Império criou
e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar
um plano global de segurança à sua medida.

Um homem que tem a apoiá-lo a organização
que a Império representa no espaço português.

Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

**O Consultor de Segurança Império
é um profissional rigorosamente preparado.**

Está apto a estudar, a conhecer o seu problema,
a aconselhar.

A Império orgulha-se dos seus homens.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

OS DEMÔNIOS DE RANDOLPH CARTER

OPINIÕES CRÍTICAS

H. P. LOVECRAFT

Lovecraft, autor do único romance genuinamente TER-RÍFICO que conheço («Os mortos podem voltar», col. Vampiro) surge neste livro da colecção «Livro B», da Editorial Estampa, não só como um continuador de Edgar Allan Poe, cuja investigação nos domínios da imaginação levou até às últimas (?) consequências, como fonte de grande parte da melhor ficção científica norte-americana e europeia.

São quatro as histórias incluídas neste volume, todas pertencentes ao ciclo Randolph Carter e todas interpenetrando-se não só pela visão cósmica que o autor nos propõe do mundo dos sonhos como pelo próprio teor de algumas constantes desses sonhos.

Na primeira dessas histórias — que podia ter sobrado do romance atrás citado — Randolph Carter narra, de forma intencionalmente confusa, como acompanhou um velho e dominador amigo a um antigo cemitério; como aquele se dirigiu sozinho a um sepulcro e comunicou com Carter por intermédio de um telefone portátil de que se munira; conta ainda

como, pouco depois, o amigo lhe disse pelo telefone para ele fugir rapidamente porque estava a ver qualquer coisa que não podia descrever nem nomear, qualquer coisa que não devia ser vista por olhos humanos. E conta, ainda, como ouviu a coisa dizer-lhe numa voz impossível que Warren, o amigo, morrera.

A palavra coisa surge várias vezes ao longo dos relatos de Lovecraft: com ela, o escritor nomeia aquilo que está para além do que é possível imaginar, o Mal na sua forma pura e por isso humanamente indefinível. A segunda história de Randolph Carter ocupa a maior parte do volume — é uma extensa novela — e intitula-se: «Em Sonhos, à procura da desconhecida Kadath». Nela seguimos o itinerário de Carter que tenta atingir, por caminhos inconcebíveis, a Cidade do Sol, o Reino da Utopia. No final da história, verificaremos que para Lovecraft esse Reino existe de facto; o Paraíso Perdido mas reencontrável através dos sonhos, a autêntica Idade de Ouro, é a Infância. De tal forma sedutora que os pró-

prios Entes Diabólicos a procuram.

Trata-se, pois, de uma viagem ao Reino dos Sonhos e no Reino dos Sonhos em que é possível encontrar, por exemplo, uma fabulosa espécie de gatos (outra referência a Poe), animal de que Lovecraft era especialmente amigo.

Lovecraft concebe o mundo dos sonhos como um espaço misterioso povoado de seres — animais, homens, deuses —, e composto de paisagens — montanhas antropomórficas, por exemplo — que são como que a projecção muito ampliada e elaborada de seres e paisagens entrevistados, julgo, em lendas, livros de ciências ocultas, religiões esotéricas, histórias da Índia, da Arábia, da Oceania.

A terceira história — «A chave de prata» — fala-nos de como Randolph Carter deixou de sonhar, dos seus conflitos com o mundo real, o mundo da vigília — que só na infância pode equiparar-se ao mundo dos sonhos que, para ele é menos verdadeiro do que o mundo das sombras. Descreve a maneira como Carter conseguiu voltar a sonhar e simultaneamente reencontrou a infância, desaparecendo da terra na sua qualidade de homem.

Na quarta e última história — «Através das portas da chave de prata» — é-nos explicado o mistério do desaparecimento de Carter. A imaginação de Lovecraft parece aqui atingir os limites possíveis no que diz respeito à possibilidade de criar com palavras, um universo paralelo, cujas dimensões, leis físicas e morais, habitantes, formas, não têm nada a ver com aquilo que conhecemos.

O mundo dos homens e dos deuses dos homens é pura e simplesmente uma fase infinitesimal de um fenómeno infinitesimal — a fase tridimensional daquela pequena totalidade fechada pela Primeira Porta, em que Umr At-Tawil inspira sonhos aos Grandes Antigos. Embora os homens a saúdem como a realidade e considerem os pensamentos do seu original multidimensional como irrealidade, o contrário é que é verdade. Aquilo a que chamamos substância e realidade é sombra e ilusão e o que designamos por sombra e ilusão é substância e realidade. (...) Todas as gerações descendentes dos seres das dimensões finitas e todas as fases do crescimento em cada um destes seres são meras manifestações de um único ser eterno e arquétipo que domina o espaço exterior e todas as dimensões. Cada ser particular — filho, pai, avô, etc. — e cada fase do ser individual — bebé, criança, rapaz, homem — é apenas uma das infinitas fases do mesmo ser eterno e arquétipo, originado por uma variação de ângulo do plano de consciência que o secciona.

Se o leitor admite a literatura de imaginação, ou se o leitor admite que toda a poesia é, ou deve ser, uma proposta de invenção — não posso deixar de lhe recomendar este livro, com um aviso: cuidado com as vertigens!

CARLOS PORTO

O CINEMA "UNDERGROUND" NOS ESTADOS UNIDOS

O filme «Underground» tem emergido como sendo o atraente e criador Novo Cinema Americano. Desafia métodos estabelecidos de produção cinematográfica e rejeita o domínio de Hollywood.

A produção cinematográfica é uma forma de arte criada no século XX e a ele pertencendo. Formas de arte mais antigas têm conhecido muitos períodos de rejeição, renascimento e revitalização, e têm-se transformado em novas formas ou emergido com uma nova disposição e horizontes criadores mais amplos. As mais recentes formas de arte da produção cinematográfica têm-se situado entre convulsões de inovação técnica desde o seu início. O custo da produção de um filme, variando de 200 000 dólares e subindo tanto como a 20 000 000, desencorajou a produção cinematográfica independente. Desde que o fim primordial de qualquer indústria é obter um lucro, os produtores de Hollywood não foram excepção e a concentração no lucro não permitiu o afastamento de fórmulas estabelecidas e provadas. Os filmes eram produzidos para divertimento, não para fins artísticos. Uma produção dispendiosa manteve Hollywood na sua posição de «leader» imbatível até ao final da década de 1940, porque o grande dispendio levava a experiência e a exploração das novas utilizações de filmes.

Nos Estados Unidos, o primeiro movimento «avant-garde» teve início por volta de 1921, e os produtores cinematográficos deste período fizeram experiências com técnicas de filmagem com truques e com utilização de forma, luz e movimento.

O mais notável entre os produtores cinematográficos e ensaísta foi Robert Flaherty, que mais tarde se passou para o campo da produção de documentários e ficou conhecido como o pai do documentário cinematográfico americano. Este primeiro período de experiência «avant-garde» desapareceu em 1931.

A depressão económica teve o seu efeito no filme experimental. Não havia financiamento e o equipamento e filme de 35 mm eram bastante dispendiosos. Pouco se tentou no período de 1931 até ao final da Depressão.

Anteriormente a 1941, os filmes experimentais eram de 35 mm, mas durante a Segunda Guerra Mundial os filmes produzidos para utilização das Forças Armadas eram de 16 mm. A acessibilidade deste equipamento menos dispendioso originou um ressurgimento de um segundo «avant-garde» nos Estados Unidos. Surgiu um novo interesse pelos filmes experimentais na Costa Ocidental, em Los Angeles, em 1943, que alastrou até à cidade de Nova Iorque e, depois, a São Francisco. O segundo «avant-garde» continuou a obra do primeiro movimento realizando experiências com a utilização da máquina de filmar; no entanto, a imaginação substituiu o realismo na produção de filmes experimentais. A produção deste segundo período serviu-se do surrealismo, psicodrama, bailado, decoração e abstracção de que os principais ingredientes eram literatura, drama, poesia ou bailado. Os filmes eram feitos com equipamento de 16 mm e materiais excedentes da guerra, e menos comerciais do que os do primeiro «avant-garde» produzidos com equipamento e filme de 35 mm.

De invulgar interesse é o facto de a maioria destes filmes serem produzidos e financiados individualmente por artistas-pintores, arquitectos, desenhadores, ou estudantes — que começaram a interessar-se pela experiência com filmes como um outro meio de arte.

Pouco antes do fim do segundo movimento «avant-garde», em 1952, formou-se um terceiro «avant-garde» na Costa Oriental, na Costa Ocidental e no Médio-Oeste. Um rumor de descontentamento social alastrava no país. A nova geração não estava satisfeita com o mundo que herdara da geração mais velha. A nova geração não queria suportar o jugo, os fardos, criados pela geração anterior. Os jovens queriam coisas novas, uma voz e um voto nas alterações que eram contempladas. O dia da inquietação social despontava. É nesta atmosfera que o terceiro «avant-garde», ou o movimento «Underground», se forma, aproveitando-se da agitação social e política e protestando com os seus filmes para mostrar o que estava mal no seu mundo. O produtor cinematográfico, no entanto, não gostou do termo «Underground» e preferiu o termo «Novo Cinema Americano», adoptado em 1960.

O «Underground Avant-Garde» considerou o produto cinematográfico de Hollywood; como uma ruína «clássica», enge-

nhosa e estática, do século XIX, dedicado a um «Inteligente» contar de histórias e inadaptado ao seu conceito de um mundo fragmentado, sem esperança. Rejeitaram o domínio e as técnicas cinematográficas de Hollywood; passaram da ficção ao realismo do mundo à sua volta.

Hollywood, por outro lado, recusou-se a reconhecer a existência do filme «Underground». Jack Kroll («Newsweek», de 13 de Fevereiro de 1967) declarou: «Os realizadores mais velhos de Hollywood nunca o admitirão, mas deitar-lhe-ão olhares furtivos e aproveitarão ideias».

A revista «Time» (de 17 de Fevereiro de 1967) publicou um comentário semelhante: «Mesmo que muitos realizadores de Hollywood considerem os ensaístas como amadores sem talento, algumas das suas noções estão já a ser absorvidas pelo vocabulário visual do meio. Os que fazem filmes comerciais para a televisão, por exemplo, alugam regularmente grandes quantidades de filmes «avant-garde» e neles procuram ideias».

Quanto ao segundo movimento, o «Underground Avant-Garde», não era composto por produtores cinematográficos estabelecidos, mas por jovens artistas, pintores e estudantes que se voltaram para a produção cinematográfica como um meio de expressão pessoal e artística. O filme «Underground» é sempre o produto de um só; pouco custa e é pessoalmente financiado pelo seu produtor.

Os jovens que viriam a ser produtores cinematográficos alugaram ou pediram de empréstimo máquinas de filmar e compraram filme antigo de 16 mm ou 8 mm. Os amigos e a família apareciam nos seus filmes, porque ao jovem produtor cinematográfico não era possível contratar actores e actrizes profissionais. Foram para as ruas à procura de coisas reais. O produtor preocupava-se mais com a utilização do filme: o filme de 8 mm era ampliado; o filme era coberto de terra, riscado, cortado ou fragmentado para se obter um efeito visual. Colagem, montagem, luz e ritmo eram combinados — de uma forma nova e diferente — para produzir ou obter uma resposta de uma assistência. São filmes intensamente pessoais: retratos de família e de amigos, ou de paisagens, atitudes e acontecimentos da época; protesto social e político; sexo; «cineplásticos», que são filmes abstractos e não objectivos em que é preocupação o ritmo e um sentido de luz e cor; ilusão por meio de truques. «O filme aumentou de sensibilidade; máquinas de filmar, luzes, equipamento de gravação diminuíram de tamanho, peso e custo. Subitamente, quase todos podiam produzir filmes, em qualquer parte, por pouco dinheiro. Centenas de jovens, rapazes e raparigas, começaram a fazê-los». («Time», de 17 de Fevereiro de 1967).

Quando o jovem produtor «Underground» tem uma mensagem, agita as emoções com imagens, cor e som, ou interfere na sensação visual com uma simples imagem repetida que contém uma mensagem. Quer reeducar os espectadores, levando-os a ver, pensar e sentir, quer que o ver envolva toda a pessoa. Técnicas antigas, utilizadas de maneiras mais imaginativas e criadoras, impõem a sua mensagem a um mundo insensível. Os filmes «Underground» são complexos intensamente pessoais e, em virtude de não serem comerciais, o produtor está liberto de controlo externo. Possuem uma imaginação, vitalidade e originalidade que não eram manifestas nem no primeiro nem no segundo «avant-garde».

O filme «Underground» pode ter uma duração tão curta como de 14 segundos, ou tão longa como de 8 horas. Pode custar tão pouco como 25 dólares, ou exceder 14 000, mas é sempre menos dispendioso do que a produção de Hollywood. Alguns filmes acabados são imperfeitos, outros levados à perfeição; e, como em qualquer outra arte, alguns são bons e outros são maus.

A maioria dos produtores cinematográficos financia as suas produções, trabalhando em outras actividades, com o auxílio do trabalho das suas mulheres, ou com a generosidade de parentes e amigos. Foi só em tempos muito recentes que aos produtores de filmes «Underground» foi possível auxiliarem-se a si próprios com a distribuição dos seus filmes.

Os centros comerciais de distribuição não estavam ao dispor do «Underground» porque os teatros eram equipados para utilizarem apenas filmes de 35 mm e a distribuição por meio de outras saídas comerciais estabelecidas não era satisfatória.

Continua na pag. doze

Super-recorder C410

o gravador

GRUNDIG

de cassetes com microfone incorporado

a resposta adequada ao estilo de vida da juventude!

mais técnica, melhor serviço



XENAKIS:

"A LIBERDADE CONSTRUÍ-SE"

Yannis Xenakis, o célebre artista naturalizado francês, herói da resistência grega, onde perdeu um dos olhos, discípulo ilustre de Le Corbusier, com quem trabalhou durante doze anos, arquitecto da cidade cósmica do futuro, autor de algumas obras-primas da música contemporânea e de todos os tempos, introdutor do cálculo das probabilidades na composição musical, artista-criador que se faz assistir por computadores electrónicos (agora desde a fase da programação até à fase da conversão automática numa linguagem «cibernética» em sons), autor de obras de arte a um tempo com expressão musical e arquitectónica, pesquisador duma nova arte audio-visual (feita de som e de luz pura), filósofo, esteta, cientista, esteve uma semana em Lisboa. Convidou-o a Fundação Gulbenkian.

Inaugurou-se uma exposição Xenakis, projectaram-se dois filmes sobre Xenakis, ouviu-se o próprio Xenakis numa interessante conferência, e os programas dos concertos entretanto realizados na Fundação incluíram várias obras de Xenakis.

Tive pela primeira vez um contacto pessoal com o autor das «Nuits» em 1971, no Festival de Royan, durante a projecção do *Alexandre Nevsky* de Eisenstein-Prokofiev, a finalizar uma sessão interminável, mas alicante, onde tudo quanto a preencheu, das 19 horas às quatro da madrugada, foi concebido ou programado por Xenakis. Nessa ocasião, apenas tive oportunidade para uma breve troca de palavras, motivada de resto por uma simples e casual relação de vizinhança dos lugares que ocupávamos. A ideia duma entrevista, que logo então me surgiu, só a pude realizar agora. Infelizmente, uma avaria mecânica verificada no aparelho de gravação obrigou à reconstituição de grande parte do material e se, por um lado, Xenakis se dispôs da melhor vontade a recomençar tudo desde esse ponto, por outro lado o tempo que se gastou com isso obrigou à eliminação de algumas questões e à redução de outras.

Ocorreu-me que Xenakis escrevera algures que a música consistia em exprimir a inteligência através de meios sonoros e, mais tarde, corrigindo-se, que ela exprimia uma concepção do mundo através de meios sonoros. Saltou, pois, a primeira questão:

— Em seu entender, qual é a concepção do mundo que se exprime na sua música?

— Procurei mostrar em alguns dos meus escritos (fora da música em si) como e em que medida a visão do mundo pode ser transformada, criada,



ou recriada através do exercício da música, ou melhor, do pensamento e da criação musical. Apontei um exemplo: o problema do determinismo e do indeterminismo.

— Esses escritos datam de há quase vinte anos. Surgiu depois um movimento que se auto-intitulava «música aleatória», mas que era extremamente superficial, antes de mais pelo próprio termo que o designava: quando se fala em aleatório, se é no sentido matemático, ou seja, da casualidade, fala-se duma construção realizada com muito esforço pelos físicos, pelos matemáticos e pelos filósofos, através dos tempos, e que exige uma disciplina muito rigorosa (de resto, pouco se conhece ainda a esse respeito, ainda há muitas ambiguidades por esclarecer, como já notou Poincaré). Mas quando os músicos se reclamam do aleatório, não compreendem na realidade de que é que se trata. Transpõem uma terminologia moderna para atitudes que já existiam muito anteriormente. É o caso da improvisação: em vez de lhe chamarem im-

provisação quiseram modernizar o vocabulário, chamando-lhe aleatório, mas não lhe alteraram o conteúdo. Eu diria que é um abuso da palavra, um «abuso de confiança».

Mas nós podemos utilizar o verdadeiro indeterminismo, que, no domínio artístico e no domínio universal, se manifesta através duma dissimetria cada vez maior. Isto é, à medida que as relações se tornam cada vez menos inteligíveis, ou menos claras, ou mais complexas, produz-se um fenómeno novo: o nosso estado de pensamento e de percepção fica completamente abalado, pois deixa de ser possível explicar os acontecimentos segundo uma casualidade fixa que existia antes e que podíamos perceber. Então, temos de nos agarrar a alguma coisa e, para isso, procuramos ver a forma global, a forma geral, e tentar perceber a partir daí as características do que nela se contém. Tentamos impor de cima uma nova simetria de nível mais geral.

— Penso que a sua posição também é de crítica a outra tendência da música contemporânea que se opõe à cor-

rente dita aleatória: o determinismo serial. Na medida em que o determinismo serial não pode resolver o problema dos efeitos de massa, não é verdade?

— Sim, foi por essa crítica que comecei.

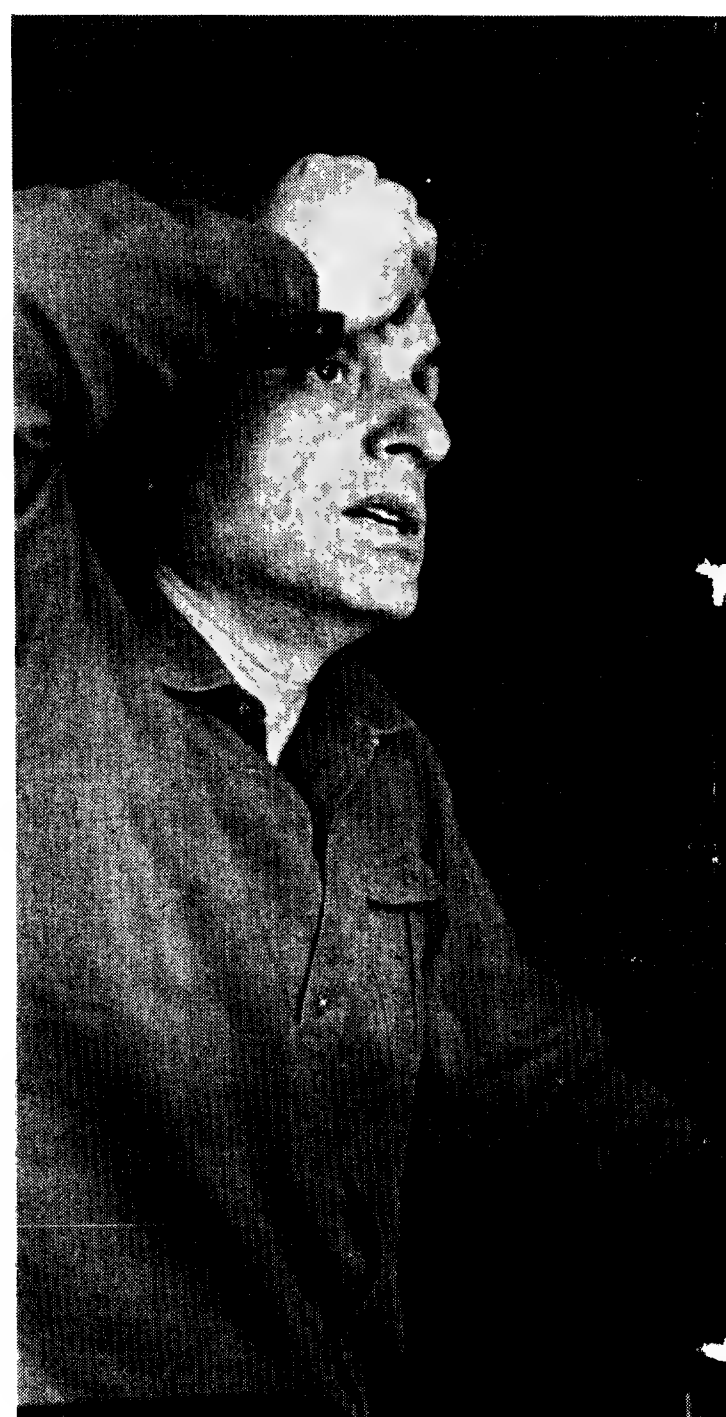
— Essa crítica também é válida para a música aleatória?

— Não, no quadro aleatório é o inverso que se verifica. O que há aí são os equívocos a que me referi (usurpação de terminologia e de realidades, artificialmente aplicadas a uma espécie de improvisação). Se os músicos querem procurar a liberdade, então digamos que só encontrarão construindo-a. A liberdade não é uma coisa automática. A liberdade constrói-se, com muitas lutas, muitas dificuldades e muito tempo.

— Podemos dizer talvez, generalizando, que a concepção do mundo contida na sua música se resume precisamente nesse princípio: a liberdade constrói-se.

— Se assim o quer, sim, generalizando. Mas estava a referir-me a um caso particular. A liberdade, para começar, é algo de muito relativo. É algo de muito relativo no ponto de partida em que estivermos. Para ser verdadeiramente livre é preciso negar, destruir. Não se trata duma destruição cega, mas duma destruição parcial, porque nós provimos do passado, e o passado existe sempre no presente e no futuro. Existe não completamente como ele era, mas diferente e transformado, e nisso é que consiste a libertação. Para a alcançar é preciso um trabalho terrível, é preciso talento (embora todos os homens tenham talento, muitas vezes deixam-no pelo caminho...). Um dos aspectos do mundo é esta espécie de luta, de estratégia contínua da liberdade. Poderia afirmar-se precipitadamente que isto se confunde com uma espécie de expansão, de imperialismo do «átomo», como o que se observa muitas vezes na natureza com as plantas, por exemplo: uma só planta poderia cobrir a terra inteira com a sua descendência. E o mesmo sucede com as espécies animais. Claro que o problema existe: mas, para mim, consiste na contradição entre o indivíduo, a sua liberdade, e a liberdade do mundo. Temos de viver e ser objecto destas contradições, sem dúvida alguma.

— Na sua conferência (na Fundação Gulbenkian) disse que havia aspectos da música do passado puramente transitórios. Disse, nomeadamente, que na música de João Sebastião Bach a «expressão» desaparecia com o decurso dos séculos, substituindo tão somente as regras, a construção. E impossível então que



nós, através da música de Bach, tenhamos acesso hoje à sua concepção do mundo?

— Não é impossível. Ela pode resultar do estudo ou da audição da música de Bach. Mas o que obtemos desta música, quando a escutamos hoje, já não é de modo algum o que os seus contemporâneos dela deviam retirar ou entender. É forçoso que assim seja, pois não estamos na posse de tradições que desaparecem muito rapidamente. Em contrapartida, a substância «(noyau)» desta música são «relações», isto é, algo de muito mais abstracto. Esta «etapa» mais abstracta da música do passado é o que nos resta. Tal como

acontece nas arquitecturas ou nas outras formas de arte.

— Mas o artista, quando compõe, pretende ir além dessas relações, fazer qualquer coisa que as ultrapasse...

É verdade, mas trata-se de outra fase, de outra etapa. Numa primeira etapa, a que chamo transitória, o que ressalta são as qualificações do momento: música alegre, música triste, música bonita (a moda)... Quando ouvimos uma obra musical, hoje, ouvimo-la «poluída» («entachée»), sobrecarregada de qualificações, de «clichés», devido a tais ou tais circunstâncias.

Numa segunda etapa, mais distante, o que conta são as

Entrevista conduzida por MARIO VIEIRA DE CARVALHO

DADE
-SE"



tâncias do momento, com todas as inibições que nos rodeiam. Dentro desta amálgama de reacções há aquelas que dizem respeito às relações, às proporções, duma maneira geral e abstracta, à definição dos elementos: tal a parte menos transitória de todas as sensações que um objecto nos pode fornecer. Elas são de tal modo independentes das circunstâncias, do meio cultural, social, etc., que constituem a própria essência das obras do passado que ainda nos interessam hoje. Numa pintura japonesa do século X, não podemos ser tocados por tudo quanto de sensível existe lá dentro, mas somos capazes de a «amar» devido a essas relações, ainda que não tenhamos clara consciência delas. Como na arte egípcia: o seu hermetismo não nos impede de sentir a sua beleza — não de tudo, mas de muita coisa — e quando falo em beleza penso de facto nas tais relações (na forma das curvas, nas proporções, nas cores, nos caracteres dos tipos) a vários níveis.

Ora, o que pertence já ao domínio da estética é o juízo que se pode exercer sobre estas relações ou proporções. É um problema de apreciação, consciente ou não (o facto de ser ou não consciente não tem importância, antes pelo contrário: a parte menos consciente, de resto a mais complexa, é talvez também a mais interessante).

Resumindo, há a considerar: um primeiro nível («couche»), onde prevalece o imediato (dependendo enormemente do meio em que se viveu e onde se vive ainda, dos nossos hábitos...); um segundo nível, constituído por algo de mais permanente e profundo (as construções, as arquitecturas, as estruturas); um terceiro nível, que consiste no julgamento, no juízo de valor sobre tudo o resto, sobre os dois «níveis» anteriores (este o domínio mais profundamente estético, porque é ao fim e ao cabo o filtro que decide se uma obra é ou não válida).

Portanto, qual seria a sua resposta à questão fundamental da estética, tal como foi colocada (e deixada em aberto) por K.M., quando escreveu que, nesse domínio, a dificuldade não consiste em reconhe-

cer a génese social da arte, mas antes em explicar porque é que a arte grega (o exemplo é dele), nascida em condições sociais, políticas e históricas determinadas podia valer ainda no século XIX e pode valer ainda hoje... em condições completamente diferentes? Qual seria a sua resposta a esta questão a que K. M. nunca respondeu?

K. M. pôs o problema muito lucidamente, pois sentia que era impossível para ele, dentro do seu sistema, dar uma resposta válida. Por isso deixou ficar um ponto de interrogação.

De facto, eu penso que o seu sistema está ligado a uma concepção mecanicista, determinista e causal do universo, característica do século XIX. Ele viveu em pleno reino do maquinismo triunfante — mas de um maquinismo clássico —, justamente antes da introdução dum conceito novo, do ponto de vista epistemológico, nos elementos naturais, nos elementos do mundo. Refiro-me à noção de acaso que surge na teoria cinética dos gases no fim do século XIX e na genética, com a lei de Mendel. Esta nova noção só adquiriu plena repercussão mais tarde, no século XX.

A meu ver, a resposta à questão só pode ser a seguinte: em geral, as ideias (e não só a arte) são tão fortes como as pedras, o granito, os sinais que subsistem incisos na rocha para além de todas as destruições sofridas pelo homem ou pela natureza. A prova é que nós temos ainda línguas multissílabas antigas que subsistem apesar da fragilidade do som, que passaram através das sociedades, que passaram através dos impérios, que passaram através da inanição de civilizações inteiras. Foi isso mesmo o que aconteceu na Grécia. O grego é uma língua que tem perdurado através de catástrofes formidáveis. Perguntamo-nos porque? Também as tradições artísticas, que chamamos folclóricas, passam por vicissitudes terríveis da evolução dos povos, sem desaparecerem. Porque são do mesmo domínio: são estruturas mentais, categorias que se retomam e não são ultrapassadas, que constituem a parte firme, o núcleo («noyau») firme

do nosso psiquismo, da nossa própria existência.

A arte é como um rio que atravessa as épocas e os povos inteiros. Uma ideia artística pode fazer o seu caminho independentemente das raças, das culturas e das civilizações porque são cadeias («chaînes»), arquitecturas, estruturas que a formam.

Conhece a resposta àquela questão, tentada, por exemplo, por Lukács? Muito grosseiramente, poderia resumir a assim: a arte realmente grande subsiste fora dos condicionamentos espaciais e temporais em que se gerou, porque nela o artista consegue apreender e amplificar a todos os níveis os elementos novos da sua época, tudo aquilo que se projecta no futuro ou se movimenta para o futuro... A arte seria a autoconsciência da evolução da humanidade.

Não conhecia realmente a resposta de Lukács. Direi que é um pouco romântico pensar que o artista ou o cientista (eu generalizo) é uma espécie de antena capaz de receber as ondas da sua época e de concretizar ou reagir a todo esse apelo, a todos esses sinais do seu tempo. Penso que não é tão simples como isso. Há o tempo em que o artista vive, que conta muito, mas há também uma distância entre o artista (ou o pensador em geral) e o seu tempo. É essa distância que lhe permite criar qualquer coisa de novo, de diferente. Se estivesse «colado» ao seu tempo não o conseguiria. É preciso estar distante: ou muito mais longe, ou muito mais atrasado (também por esta última via é possível encontrar direcções novas e diferentes).

E, no entanto, a arte é muito importante para a nossa vida quotidiana. Obras como o «Fidelio», de Beethoven, ou as suas «Nuits» (cito-as por uma certa semelhança da temática) podem ter mais força que um artigo de jornal ou um panfleto. Põem-nos em contacto com uma verdade rara e imediata (para usar a sua própria expressão, que li algures).

Há dois aspectos a considerar. Quando eu digo «verdade imediata» não é com o sentido de realidade quotidiana, quer ela seja política ou ideológica. Tenho em vista os estados profundos ou dos movimentos psíquicos que são consequência dessas percepções, dessa compreensão imediata. É uma espécie de revelação. Mas de quê? Eis o problema. É impossível explicar por imagens. Digamos que, na base desta revelação está uma maneira de ser ou um comportamento.

Se isto funcionar como suporte de ideias políticas ou metafísicas, passamos para um plano diferente. É uma utilização que se faz desse suporte puramente artístico. Quando, por exemplo, aparece uma música ligada a um texto, a música é independente do texto, o valor dessa música é independente do valor desse texto. Como na ópera, onde há melodias que são mais ou menos válidas independentemente do conteúdo do entrecho. Há coisas na música de Wagner que são independentes — felizmente, de resto — das ideias que os textos das suas óperas exprimem, ideias que se inscrevem numa linha de pensamento que conduziu ao caso extremo do hitlerismo. O que resta de Wagner — e resta muito menos do que se pensa em geral — é o lado artístico profundo, das relações musicais.

Crê numa evolução progressiva da civilização humana?

Não. Como é que se explica, por exemplo, que num momento de tal modo surpreen-

dente de expansão do espírito do homem e de grandes descobertas científicas e artísticas, como foi a época helenística (a partir da fundação de Alexandria e até à criação de Constantinopla), civilização que foi uma fonte de irradiação («carrefour») só comparável à da nossa época — como é que se explica, dizia eu, que uma tal civilização tenha sido sufocada pelo verdadeiro flagelo místico e obscurantista que é o cristianismo? Não é possível explicar este fenómeno através duma causalidade mecanicista, económica ou outra qualquer. A meu ver, não há uma explicação válida para esta transformação. Tudo se passa como se o homem, de súbito, tivesse ficado fatigado de tanta riqueza de possibilidades e quisesse retirar-se para uma espécie de ascese numa cave obscura a fim de se dedicar à reflexão e tentar «incubar» qualquer coisa de novo. Como se tivesse regressado ao casulo para preparar uma nova metamorfose. A miséria, a pobreza e, duma maneira geral, a causalidade socio-económica é aqui completamente absurda como explicação, dado que a transformação não se deu num sentido revolucionário, mas no inverso. Por analogia, poderíamos dizer que a época moderna se assemelha de tal modo à helenística que é muito possível que o movimento da história aja num sentido de reacção global, que altere por completo o sentido da progressão da civilização do século XX, cada vez mais planetária.

Pode haver efectivamente mutações brutais que é praticamente impossível compreender e prever. Decerto que estamos a assistir a uma dessas mutações sem o saber. Não a vemos ainda, mas ela desen-

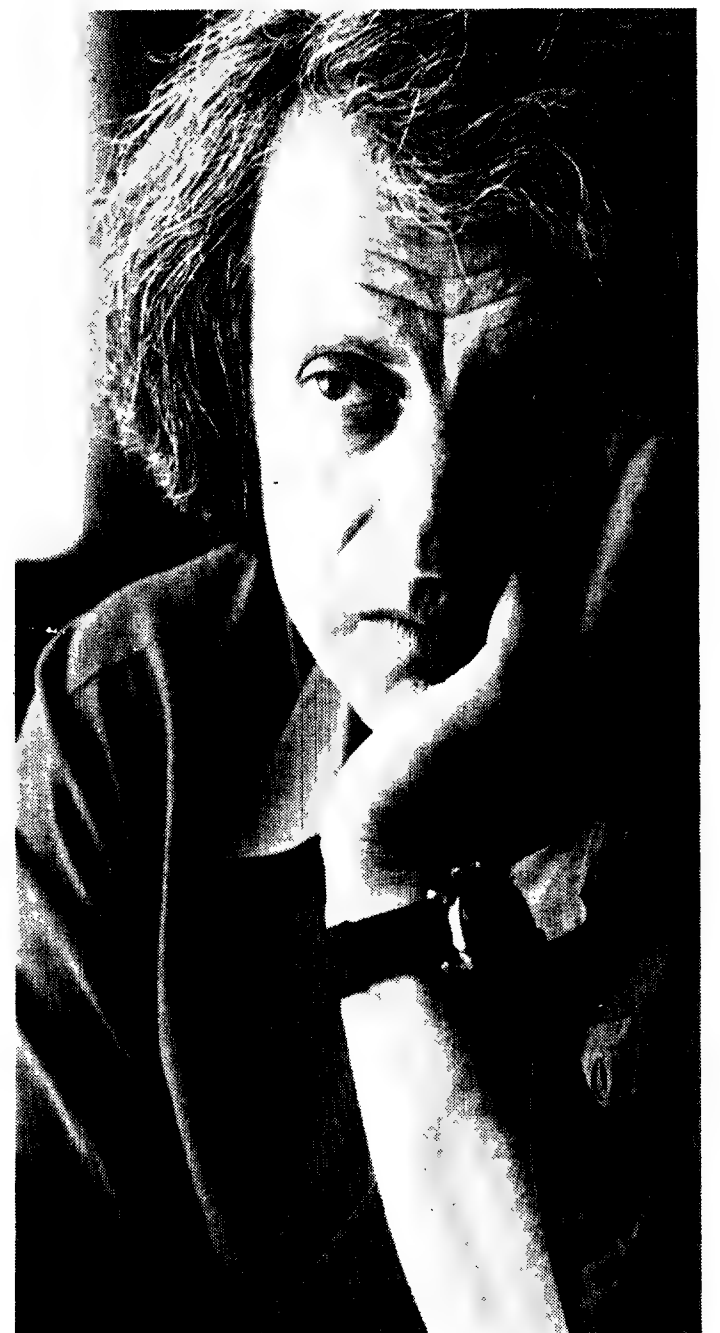
volver-se-á nas gerações futuras. Seria irrisório pensar que se vai continuar sempre assim. Todos os indicadores apontam nesse sentido: a história do homem em geral, das civilizações e do próprio indivíduo. Na verdade, também as relações individuais com alguém se tornam cada vez mais fecundas e interessantes até atingirem certo ponto — a maturidade — e a partir daí começam a dissolver-se até se dar uma substituição.

Acha que essa mutação hipotética poderia, no entanto, conduzir a uma etapa mais avançada? Quando fala, por exemplo, do próximo desaparecimento da família, considera-o um passo em frente ou um retrocesso?

O lado bom do desaparecimento da família seria restituir-nos a riqueza da solidão. As pessoas são ensinadas, educadas, criam inibições e tudo isso é dirigido contra a solidão. O homem não é capaz de se suportar sozinho. Não sabe viver só: só no dia-a-dia, só no seu trabalho, só no seu pensamento. Fazer à sua volta o vazio completo. Não quero dizer que ele devesse viver constantemente assim. Mas é natural que pudesse viver assim. Penso que temos necessidade disso e que o devemos utilizar.

A justificação biológica da família está em vias de desaparecer porque as crianças são, cada vez mais, entregues aos cuidados da própria sociedade e logo desde uma idade muito baixa. Por outro lado, a mulher está a tornar-se independente do homem, economicamente, mentalmente, politicamente e de todos os pontos de vista. Não subsistem pois razões que justifiquem o «casamento» eterno, com vocação para du-

Continua na pag. dez



Reportagem fotográfica de ALICE GENTIL

relações, as proporções, comuns a todos os dados artísticos.

Indo mais longe ainda (3ª etapa), existe o que está por detrás desta «metafísica» (destas relações, destas proporções) e que é ainda mais difícil de alcançar, de compreender...

Na sua conferência, fez uma distinção entre o ponto de vista das relações (da construção musical) e o ponto de vista estético. Como se concilia essa distinção com a que acaba de fazer?

Quando ouvimos ou contemplamos qualquer obra de arte vivemos todo um mundo de reacções e de circuns-



A PINTORA EDITH HULTZSCH NO PALÁCIO FOZ

A convite do Governo português, encontra-se em Lisboa a pintora alemã Edith Hultzsch. Edith Hultzsch nasceu em Berlim e vive em Düsseldorf onde é professora de desenho na Escola Profissional de Arte. As suas obras já foram expostas em muitas cidades da Europa e da América do Sul. Nos últimos anos fez viagens de estudo ao Sul da França, Espanha e Portugal, dedicando-se a motivos destas regiões, como touros, touradas e cavalos, obras que em parte poderão ser admiradas na exposição de Lisboa.

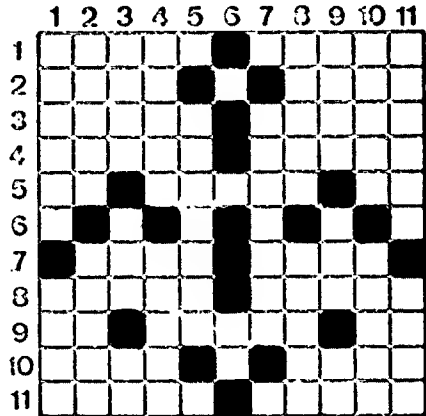


PROVERBOS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 10 470

HORIZONTAIS:

- 1 Leito de viagem. Unem por casamento.
- 2 Líquido composto de hidrogénio e oxigénio. Conjunção. Castiguei com punição.
- 3 Fátiga. Vara comprida de madeira, com uma extremidade chata, para impelir, na água, pequenas embarcações (ps.).
- 4 Avivar o lume. A flor, o escol, o que há de melhor na sociedade.
- 5 Oferece. Grande sábio. Viração.
- 7 Jovem. Erguei.
- 8 Disfarçar (fig.). Fundador do Islamismo.
- 9 Caminhar. Inventar. Distar.
- 10 Prender. Artigo definido. Derrote.
- 11 Carimbem. Ser humano.



VERTICAIS:

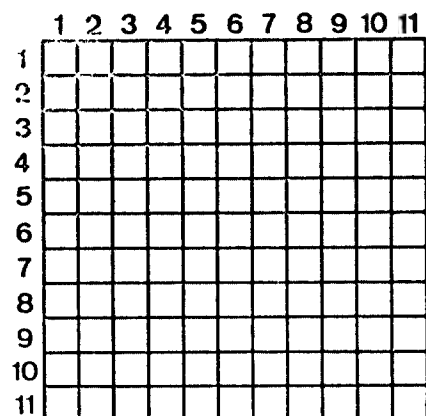
- 1 Apanhado na caça. Remas para trás.
- 2 Patrona da ilha de Malta. Nome de planeta.
- 3 Lago da Suíça. Rata. O mal.
- 4 Níveis. Pessoa perversa, bárbara, ignorante ou sôfrega.
- 5 Aquela que discursa em público.
- 6 Apelido francês.
- 7 Torne a animar.
- 8 Chamada. Pau com gancho para apanhar fruta.
- 9 Fiz desaparecer. Sadi o. Antes do meio-dia.
- 10 Esclarece com comentários. Falsifique.
- 11 Desgraçado. Tempo do ver-boser.

Resoluiu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6 627

HORIZONTAIS:

- 1 Circular. Serra de Portugal.
- 2 Limpar metais. Deseja ardentemente.
- 3 Nota musical. Batráquio. Pronome reflexo. O mais.
- 4 Transfiro para outro dia. Nome de mulher.
- 5 Ruído. Nome de jogo. O mesmo que ion.
- 6 Capturar.
- 7 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Magnete natural. Prendo.
- 8 Serra de Portugal. Colocará.
- 9 Rádio (sq.). Em partes iguais. Alternativa. Campeão.
- 10 Guarnecidos de asas. Profetizei.
- 11 Espalmai a massa do pão. Encolerizas.



VERTICAIS:

- 1 Pompas. Palmeiras da Amazônia.
- 2 Encolizado. Poente.
- 3 Nota musical. Magnetizo um corpo. Actínio (sq.).
- 4 Ilha do pequeno Belt. Fronteira.
- 5 Cólera. Acreditei. Empunhei.
- 6 Oscila.
- 7 Fluido aeriforme. Sufixo que designa abundância. Capa sem mangas.
- 8 Escritor português autor de «O Saltimbanco». Espécie de mandioca.
- 9 Nota musical. Espécie de andorinha. Erbio (sq.).
- 10 Prendera com eles. Peia.
- 11 Grande sala. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 469

HORIZONTAIS

- 1 Acuas. Lavam.
- 2 Marte. Amali.
- 3 ABRE. O. OLHO.
- 4 Deã. Aba. Sol.
- 5 Arses. Acaso.
- 6 Isara.
- 7 At. Sado. Aca.
- 8 QUE. Mo. Oral.
- 9 Urre. Sari.
- 10 Ecar. Aos. Na.
- 11 Mascas. Aperi.

VERTICAIS

- 1 Amada. Aquém.
- 2 Caber. Turca.
- 3 Urras. Eras.
- 4 Alé. Els. Cré.
- 5 Se. ASSAM.
- 6 Ob. Adoras.
- 7 La. Aaro.
- 8 Amo. Ca. Ossa.
- 9 Valsa. Ara.
- 10 Alhos. CARNE.
- 11 Miolo. Aliar.

PROVERBIO: Abre o olho que assam carne.

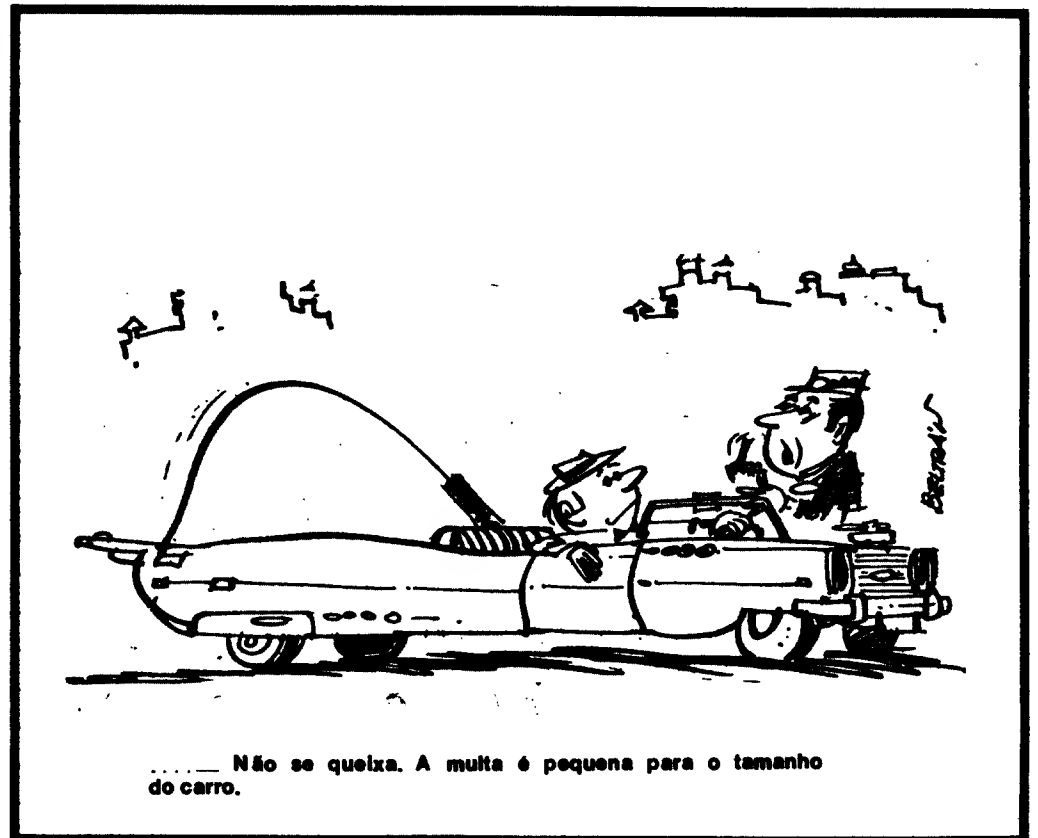
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 626

HORIZONTAIS

- 1 Abadé. Malta.
- 2 Taça. Baro.
- 3 Ura. Aia. Sôr.
- 4 Rã. Alaga. Va.
- 5 Atina. Iscas.
- 6 Aa. Os.
- 7 Mataram.
- 8 Os. Casas. Be.
- 9 Ra. Ar. Ma. Ar.
- 10 Drama. Piora.
- 11 Airas. Assis.

VERTICAIS

- 1 Atura. Morda.
- 2 Barata. Sari.
- 3 Aca. Iam. Ar.
- 4 Da. An. Acama.
- 5 Afã. Taras.
- 6 Fia. Mas.
- 7 Agi. Rampa.
- 8 Ab. As. Asais.
- 9 Lãs. Com. Os.
- 10 Trovas. Bari.
- 11 Auras. Beras.



PRESER diz Quem é Quem

O nome de quem dirige
cada um dos sectores
de uma empresa.

Quem produz?

Que empresa? Que actividade? Que negócio?
Onde? Quando? Como?
Quem contactar?

— As fichas Preser respondem!

Quem compra?

Quem precisa de comprar? O que se compra?
Quem chefia o aprovisionamento? Quem decide?

— As fichas Preser respondem!

Quem vende?

Quais as empresas? O que têm para vender?
Quem desempenha cargos ligados às vendas?

— As fichas Preser respondem!

As empresas. A sua actividade.
O pacto social e suas alterações.
O capital e suas actualizações. Quem compra.
Quem vende. As assinaturas que obrigam a empresa.
Data da fundação. Registo. Notário.
Filiais, dependências ou delegações. A administração.
Os sócios. Os gerentes. Os «quadros».
Fichas Preser: todas as informações
não confidenciais dos sectores ligados à economia.
Todas estas informações têm a confirmação
das empresas a que se referem.
O contrário é referenciado na ficha.
Fichas facilmente manuseáveis sempre actualizadas.
Todas as informações que precisa.
Os negócios e quem os promove.
Os contratos e quem os assina.
As negociações e quem as realiza.
Poupando tempo e dinheiro: dirigindo-se à pessoa
exacta na função competente.

PRESER
uma ponte entre empresas

APARTADO - 3005 - TELEF. - 674191/2/3 - Lisboa

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES ÁTICA

POESIAS — 9.ª edição
Fernando Pessoa
Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor
Colecção Obras Completas de Fernando Pessoa

EDIÇÕES COSMOS

DISTO E DAQUILO
Fernando Lopes-Graça
Obras Literárias de Fernando Lopes-Graça — n.º 13

EDITORIA ARCADIA

MATURA IDADE
David Mourão-Ferreira
Colecção Licorne — n.º 1

EDITORES ASSOCIADOS

RUM
Blaise Cendrars
Tradução de Eduardo Valente da Fonseca
Colecção Livros Unibolso — n.º 12

A FLOR OCULTA
Pearl Buck
Tradução de Stella Altenbernd e Gilberto Miranda
Colecção Livros Unibolso — n.º 13

EDITORIAL ESTAMPA

LITERATURA E SOCIEDADE
Sanguinetti, Barthes e outros
Tradução de Pedro da Silveira
Colecção Praxis — n.º 15

A ORIGEM DA PRIMEIRA INTERNACIONAL EM LISBOA
Carlos da Fonseca
Colecção Polémica — n.º 6

OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER
H. P. Lovecraft
Tradução de Jorge Silva Melo
Colecção Livro B — n.º 17

O CAPITÃO CAP
Alphonse Allais
Tradução de Franco de Sousa
Colecção Livro B — n.º 18

PRINCÍPIOS DE PSICOLOGIA GERAL — Vol. IV
S. L. Rubinstein
Tradução de Manuel Gomes
Colecção Biblioteca Estampa — n.º 5

A MATÉRIA COMO CATEGORIA FILOSÓFICA
F.T. Arjipsev
Tradução de Miguel Costa
Colecção Biblioteca Básica de Cultura — n.º 5

EDITORIAL FUTURA

A BAGAGEM DO VIAJANTE
José Saramago
Colecção Autores Portugueses — n.º 6

SERÁ POSSÍVEL A ABUNDÂNCIA?
Pierre Kende
Tradução de Maria Emília Moura
Colecção Futuramundi — n.º 4

PLÁTANO EDITORA

EM BUSCA DO TEATRO PERDIDO — Vol. 1
Carlos Porto
Colecção Movimento — n.º 1

A AVENTURA CRIOLA — 2.ª edição
Manuel Ferreira
Prefácio de Baltasar Lopes
Colecção Temas Portugueses — n.º 2

PROBLEMAS SEXUAIS
Paolo Monteleone
Tradução de Anamour
Colecção Biblioteca de Educação Sexual — n.º 5

O AMOR ENTRE OS ÁRABES
Annie Gaudy
Tradução de Anamour

PAX E ESTA MARAVILHA DE MUNDO!
Jorge de Oliveira e Norberto Nunes

PRELO EDITORA

A NOVELA E O LEITOR PORTUGUÊS
José Tengarrinha
Ensaio introdutório de Luís de Sousa Rebelo
Colecção Literatura e Sociedade — n.º 1

A EMPRESA CÉLULA BASE DA ACTIVIDADE ECONÓMICA
— 2.ª edição
Oskar Lange e Henri Claude
Seleção e introdução de Sérgio Ribeiro
Colecção Biblioteca de Economia — n.º 1

PLÁTANO EDITORA

— A Plátano Editora lança uma nova colecção que é também, em Portugal, uma colecção nova. Com efeito, «Movimento» destina-se a integrar obras exclusivamente dedicadas às artes do espectáculo: Teatro, Cinema, Música, Bailado, TV, Rádio. A colecção abre com uma obra de Carlos Porto — crítico de teatro do «Diário de Lisboa» e colaborador de outras publicações, como «Seara Nova», «O Comércio do Porto», «Eva» — **EM QUE ESTÃO REUNIDOS ALGUNS DOS SEUS PRINCIPAIS TEXTOS CRÍTICOS: Dado o carácter polémico assumido pela actividade crítica de Carlos Porto, a leitura dos dois volumes de que se compõe «Em Busca do Teatro Perdido» constitui uma viagem viva por algum teatro português dos últimos quinze anos. Este primeiro volume contém nomeadamente: «A Memória do Teatro» (Introdução); Teatro Experimental do Porto; Teatro Experimental de Cascais; Casa da Comédia; Teatro Universitário. De salientar ainda o aspecto gráfico do volume, valorizado com desenhos do grande artista francês do século XIX Granville. O segundo volume de «Em Busca do Teatro Perdido» será posto à venda dentro em breve.**

Volumes a publicar ainda este ano na colecção «Movimento»: «Justificação Estética do Cinema», de F. Gonçalves Lavrador; «Para um Teatro Poético», de Gerzy Grotowski.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

— Foi recentemente distribuído o primeiro volume das «Obras» de Afonso Costa, abrangendo os discursos parlamentares entre 1900 e 1910. Para além de todas as paixões que a personalidade política e humana de Afonso Costa possa determinar, para além do cho-

— Na colecção «Temas Portugueses» foi publicada a segunda edição do livro de Manuel Ferreira «A Aventura Criola», ampliado agora com mais e importante material. Este estudo participa ao mesmo tempo da história e do ensaio crítico. Diz Baltasar Lopes no prefácio: «Para o conhecimento de Cabo Verde vem Manuel Ferreira munido de uma condição indispensável: a ausência total de preconceitos. De sublinhar ainda o imponente aparelho bibliográfico que ocupa cerca de 100 páginas e é um factor altamente valorativo da obra.

— Surgiu o segundo volume com as aventuras de Pax, personagem de Banda Desenhada concebida e realizada por artistas portugueses. Pax e os seus amigos descascam as misérias e as injustiças de um mundo que não aceitam tal como está. Depois de «Eis Pax», primeiro volume da colecção, «Pax e esta maravilha de Mundo» confirma e amplia as possibilidades dos criadores nacionais de BD.

— «O Amor entre os Árabes», de Annie Gaudy, é um relato mais sentimental do que científico em que a autora se revolta contra costumes ancestrais que repugnam à sua maneira de ser.

— Com a regularidade habitual, foi lançado o 5º volume da Biblioteca de Educação Sexual. Nesta nova obra de Paolo Monteleone — «Problemas Sexuais» — são focados aspectos fundamentais da matéria.

Noticiário editorial

compilado, prefaciado e anotado pelo historiador A. H. de Oliveira Marques, deve ser, pois, estudado sob o ângulo de uma valorização histórica, independentemente da opinião crítica que cada pessoa dele possa ter. Justifica-se, deste modo, a importância do seu estudo e a publicação da sua obra, como em volumes sucessivos se procurará demonstrar.

— A genética é um dos mais apaixonantes ramos da investigação científica, eis o que o leitor, mesmo não informado antes, imediatamente concluirá da leitura do livro de Janine Beisson que precisamente tem esse título «A Genética». Verificando a identidade em todos os organismos vivos, desde os vírus ao homem, do código genético e dos mecanismos pelos quais a célula decifra e utiliza este código, a genética demonstrou espectacularmente a unidade do mundo vivo. Em menos de cinquenta anos, esta ciência atingiu o essencial dos seus primeiros objectivos teóricos. Mas, longe de diminuir, a sua vitalidade e o seu interesse aumentaram: novos campos se lhe abriram, como, por exemplo, o estudo dos caracteres hereditários que não são



Afonso Costa

determinados pelos genes cromossómicos.

— «O Cidadão Bonaparte», de Claude Manceron, é mais um título da Colecção Europa-América Juvenil: neste livro se explica quem foi Napoleão, «um juvenzinho escuro, triste e sombrio» que, transcendendo a Córsega e mesmo a França, foi levado a sonhar com o Império do Mundo...

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE



Nuno Júdice

— Acaba de ser lançado na colecção «Cadernos de Poesia», de cujo desaparecimento ou sobrevivência tanto se tem falado ultimamente, um novo livro de Nuno Júdice, intitulado «Crítica Doméstica dos Paralelepípedos».

XENAKIS

Continuação da pagina sete

brar toda a vida, de duas pessoas que ao princípio se ligam por razões sexuais, sensuais, etc., e em seguida fazem filhos e têm de os educar (a isto sobrepõe-se toda uma série de mitos: o mito do amor aos filhos, da família, do lar, etc.)...

— Quando diz que o artista, quando compõe, se transforma a si próprio, transforma a natureza e transforma a sociedade, em que transformação está a pensar, em que sentido funciona essa transformação?

— Na prática, é muito difícil dizer que isto se transforma naquilo. Mas há vários domínios de transformação: a visão das coisas, as relações. Quando a pintura trouxe uma maneira nova de ver as árvores, a paisagem, começamos a ver sob outro prisma os objectos, a natureza. O cubismo é uma nova maneira de aproximação das coisas.

Pela minha parte, quando fui obrigado a entrar nos problemas do tempo musical, interroguei-me sobre a questão de saber por que fazia tais ou tais operações concernentes ao tempo, à duração, etc. Acabei por pôr o problema: como nasceu a noção de tempo? Verifiquei então em estudos de psicologia que a noção de tempo se forma até aos doze anos e a partir daí já não se altera mais. Toda a concepção do universo, que é altamente baseada sobre o tempo, assenta numa estrutura mental que é

dada como completa na idade dos doze anos. Portanto, se se mudasse essa estrutura mental, toda a visão do universo mudaria completamente. Como mudar uma estrutura mental? Não é impensável encontrar a solução. Em minha opinião terá de ser com a ajuda das artes, e não com as ciências. O artista pode utilizar o arsenal da maquinaria, a experimentação, todos os meios de que a ciência dispõe, mas é muito mais livre, porque pode aplicar coisas que não conhece. Tem a faculdade de dizer: «Sim, eu prefiro isto. É assim, embora não possa demonstrá-lo nem numa maneira dedutiva nem pela experimentação. Se vocês gostam, se têm a revelação, podem compreender o que quero dizer. Eu não compreendo exactamente o que quero dizer, mas o certo é que o fiz.»

— Esta atitude é muito mais geral do que aquela que se pode ter no quadro dum pensamento dedutivo e experimental. O artista está pois, em melhor posição para resolver o problema fundamental da destruição ou renovação das categorias mentais. Através da arte (sem ser necessário primeiro ir às estrelas de outras galáxias) pode o homem vir a encontrar-se mentalmente no mesmo ponto em que se encontraria se fosse senhor duma tecnologia muito mais avançada.

— Pelos meios e pelo método que utiliza na composição musical acha que é lícito afir-

mar que representa aí uma tendência científica (embora neste sentido específico que acaba de enunciar), por oposição à tendência mística e metafísica para que um Stockhausen parece inclinar-se?

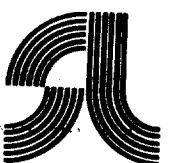
— O misticismo hinduísta é uma moda que desaparecerá em breve (talvez infelizmente) e que nasceu sobretudo nos Estados Unidos pelas dúvidas que surgiram entre os jovens quando foram chamados a combater num país, num continente e em contacto com uma civilização inteiramente desconhecida. A questão foi primeiro colocada num plano político e num plano cultural. Depois tentaram penetrar e adoptar as ideias, os costumes, a maneira de viver e o comportamento dos países que anteriormente desprezavam (e que talvez no fundo continuem a desprezar). Isto produziu uma transformação que os levou a conhecer a Ásia em geral e a procurar a verdade metafísica, do destino do homem, dessas civilizações. Claro que os ensinamentos do budismo, do taoísmo, do induísmo podem ser vistos d'outra maneira: aplicando-lhes o utensílio mais poderoso de que o homem dispõe — a inteligência. Este poder perpétuo de «remise en question», de crítica e, portanto, de destruição e de substituição criadora é o apanágio fundamental do homem ao longo da história, cujo exercício se tem renovado recentemente cada

vez mais, depois de o ter perdido com o cristianismo, ao longo de séculos.

Quanto ao lado metafísico ou místico é uma questão de moda, tão efémera como a droga, que também tende a desaparecer.

— E não fiz mais perguntas a Xenakis, para efeito de publicação. Entretanto, ao despedir-me, ainda veio a propósito falar da questão do «acaso» e do «determinismo» na música contemporânea. Aceitou a tese segundo a qual um dos seus papéis históricos, como compositor, consistiu (ou consiste) em resolver a contradição entre essas duas tendências (1). Quando, no princípio da entrevista se falou desta questão, não se traçou porção colocá-la em termos adequados.

(1) Artigo publicado neste suplemento em 18/1/73.



AS VOLTAS QUE O TEATRO DÁ O TEATRO E AS FRONTEIRAS

O crítico Fernando Midões faz, na revista «Rádio & Televisão», a propósito do espectáculo com que abriu o I Ciclo de Teatro Espanhol, considerações cuja pertinência é de assinalar: *O Teatro, como o Homem, é sempre ele e a sua circunstância. Por isso, é difícil — ia a escrever: é impossível — criticar, no sentido mais ou menos habitual desta função, um espectáculo que, nascido algures, aí se cumpre e que se apresenta, através de duas ou três sessões, num lugar diferente daquele outro onde (e para onde) foi construído.*

A primeira vista, o raciocínio do meu camarada está perfeitamente correcto. Todavia, e sem qualquer espírito polémico (lagarto, lagarto), suponho que o problema poderá ser focado por outro(s) ângulo(s). É certo que um espectáculo pode ser feito com o objectivo de servir (e é condicionado por) determinado espaço humano e social, cujas características históricas, políticas, sociais, económicas, educacionais, estão relativamente definidas *a priori*. Peguemos neste caso específico: «Misericórdia», o espectáculo comentado por Fernando Midões. Trata-se de um texto e de um espectáculo que contém determinados valores cuja leitura fora do respectivo contexto ou não é possível ou acaba por ser ilusória. Porém, a meu ver, não são apenas esses valores, intimamente relacionados com as constantes culturais e históricas espanholas, que definem e justificam o espectáculo. Nem serão, até, o que nele há de mais importante. Creio que na análise das relações espectáculo-público se deverá ir mais longe e ter em conta as perspectivas em que determinado espectáculo é concebido e produzido.

A meu ver, um espectáculo pode ser feito para um público (pré-determinado); com um público ou para/com um público; contra um público. Penso que os espectáculos que se filiam na corrente do teatro de crueldade ou na do teatro de absurdo são especialmente feitos contra um ou mais públicos. Penso que um espectáculo como o dos Boneceiros (A Comédia Moscheta) ou os espectáculos do Atlético de Campolide são feitos para um público e com um público, pois ao mesmo tempo que procuram um novo público (popular) têm em conta a capacidade de leitura desse público. E, ainda ao mesmo tempo, esses espectáculos têm em conta a presença de um público já existente, minoritário, que os apoia e os segue, por razões que neste momento não interessa analisar.

Por seu turno, um espectáculo como «Misericórdia» — é talvez um dos seus pontos fracos — dirige-se a um público, é feito para um público específico. Ora, eu não creio que entre o público madrileno do Maria Guerrero e o público lisboeta do Monumental haja diferenças substanciais que justifiquem o teoricamente correcto ponto de vista de Fernando Midões. Parece-me que haverá maiores e mais fundamentais diferenças entre o público do Monumental e o público teatral da Baixa da Banheira ou de uma aldeia alentejana do que entre os dois públicos burgueses das capitais em questão. Isto, em termos gerais, sem referir certos tópicos igualmente importantes como seja o da problemática social levantada pela peça, susceptível de interessar a públicos dos mais diversos lugares; ou o da utilização de sinais cujo código não pode circunscrever-se a um determinado *habitat* até porque actualmente os códigos tendem a universalizar-se.

Há ainda uma outra afirmação de Fernando Midões que me parece digna de discussão: *Quase tão difícil — ou impossível — como o crítico pretender alcançar uma análise correcta, com substância, de espectáculos a que assiste, no corre-corre de breves idas ao estrangeiro.*

Embora Fernando Midões reconheça, logo a seguir, que o crítico pode, mercê da carga de informação de que se tenha munido, ultrapassar essa dificuldade, a afirmação mantém-se. É claro que neste campo só posso dar o meu testemunho pessoal: peço licença para o fazer. Das centenas de críticas que até hoje escrevi, só meia dúzia poderão, talvez, ultrapassar a sua circunstância, e dessa meia dúzia, só uma seria capaz de defender com certo orgulho. Trata-se exactamente de uma crítica feita a uma peça americana que vi em Madrid na interpretação de dois actores espanhóis. Ainda em reforço ao que disse anteriormente: alguns portugueses que assistiram ao espectáculo — visto precisamente no *corre-corre de uma breve ida ao estrangeiro* — não puderam esconder o formidável, inesquecível impacto que o espectáculo lhes provocou, como se tivesse sido feito para eles, de tal modo respondia a problemas, dúvidas que são de muitos de nós, e o fazia com uma força, um poder que ultrapassava quaisquer possíveis barreiras.

FÁBULA COM ENDEREÇO

Em tempos que já lá vão, como é normal nas fábulas que se prezam, havia um senhor importante que escrevia crónicas; e havia outro senhor muito menos importante que manuscritava outras crónicas a que na altura se chamava crítica de teatro porque nesse

tempo ainda havia teatro. Não explica a fábula porque um senhor era assim importante e o outro nem por isso, e também esse facto é indiferente ao desenrolar da história. Acontece que o senhor importante que escrevia crónicas com as quais fazia, cu queria fazer moral (e aqui diz-se à boca pequena que algumas delas eram, sim senhores, de se lhes tirar o chapéu e se calhar por isso é que o senhor era importante) e o senhor que fazia crónicas teatrais viviam em esferas diferentes, embora este último senhor tivesse razões (visíveis, diz a fábula, embora ninguém tivesse visto nada) para pensar que a sua actividade não era de todo mal vista pelo primeiro senhor. Aconteceu um dia — há sempre um dia em que as coisas acontecem, é o todo, diz a fábula — ter sido o senhor crítico obrigado a referir-se a um trabalho do senhor cronista que deixou essa condição de senhor cronista para passar à condição de senhor criticado pelo outro. Foi grave, foi excessivamente grave porque o crítico tinha a mania de não ter em consideração as pessoas importantes mesmo que lhe merecessem uma certa consideração (o que convenhamos não deixava de ser uma prova de mau gosto).

O senhor cronista — lógico! — pegou na caneta e amandou um par de coices (salvo seja) ao senhor crítico que lhe respondeu mais ou menos à letra. E pronto, dir-se-ia não haver mais problemas. Mas a verdade, diz a fábula, é que as coisas não ficaram por aí, pois o senhor cronista-criticado tinha uma memória de elefante. E esperou a sua oportunidade (a fábula não diz se a oportunidade era boa).

O senhor crítico teatral, um bocadinho triste por ser lido apenas pelos amigos, pelos amigos dos amigos, pelos da profissão criticada, pelos leitores interessados e mais ou menos reverentes, invejoso dos críticos da bola que contam os leitores com muitos zeros à direita, entusiasmado com um espectáculo a que assistira (e também aqui a fábula não nos diz se o crítico tinha razão até porque, pelos vistos, a coisa era discutível), desejoso de que muitos outros compartilhassem desse entusiasmo, escreveu para o seu jornal um texto em que procurava apanhar a atenção dos tais leitores da bola e adjacências (para o que não adiantaria usar vinagre). Teve o cuidado de explicar que não se tratava de uma crítica. (Estas palavras que aqui ficam e que destino muito especialmente aos leitores que não costumam parar neste sítio, não pretendem ser uma abordagem do espectáculo do Teatro Gil Vicente de Cascais), que a crítica viria depois. (Aos leitores que queiram acompanhar-me numa análise mais lenta e mastigada desta produção de Carlos Avilez e Glicinia Quartim tomo a liberdade de chamar a atenção para a cri-

tica, etc.). Laboriosamente, diz a fábula, o crítico fez a sua crítica ao espectáculo (a fábula especifica qual o seu título mas confesso que se trata de uma autêntica charada ou linguagem de código: «As Criadas»), para a qual escreveu várias páginas, «muitas e farfalhudas», como diria um outro cronista que escrevia na mesma época. Essa crítica foi publicada dias depois no mesmo jornal. Como a fábula explica, e a gente até acredita, essa é que era a crítica ao espectáculo, e não o outro texto que, bem visto, era apenas um texto publicitário (de borla) que punha as pessoas perante a necessidade de ver um espectáculo que só podia ser visto um pouco longe, como determinados contextos põem as mesmas pessoas a ver e a aplaudir os golos do Eusébio.

Todavia, o senhor cronista importante não o entendeu assim. E fácil imaginá-lo a esfregar as mãos de contente: apanhei-te. E vai daí escreveu no jornal em que então publicava, uma das suas crónicas furibundas em que saía com esta beleza: *O que não é duvidoso é que haja, entre toda esta gente, um único indivíduo que seja mais primitivo do que a mais primitiva crítica de teatro. Ou seja: a que vai em itálico.*

A abrir. (Tratava-se, como se entendeu de um pequeno trecho da tal prosa que o crítico escrevera em louvor de «As Criadas» de Genet/Victor Garcia). Não contente com isto, arquivou essa prosa num livro que depois publicou. Para que constasse.

Todas as fábulas têm uma moral: também esta a tem. Ao leitor compete descobri-la, aceitando-a ou recusando-a.

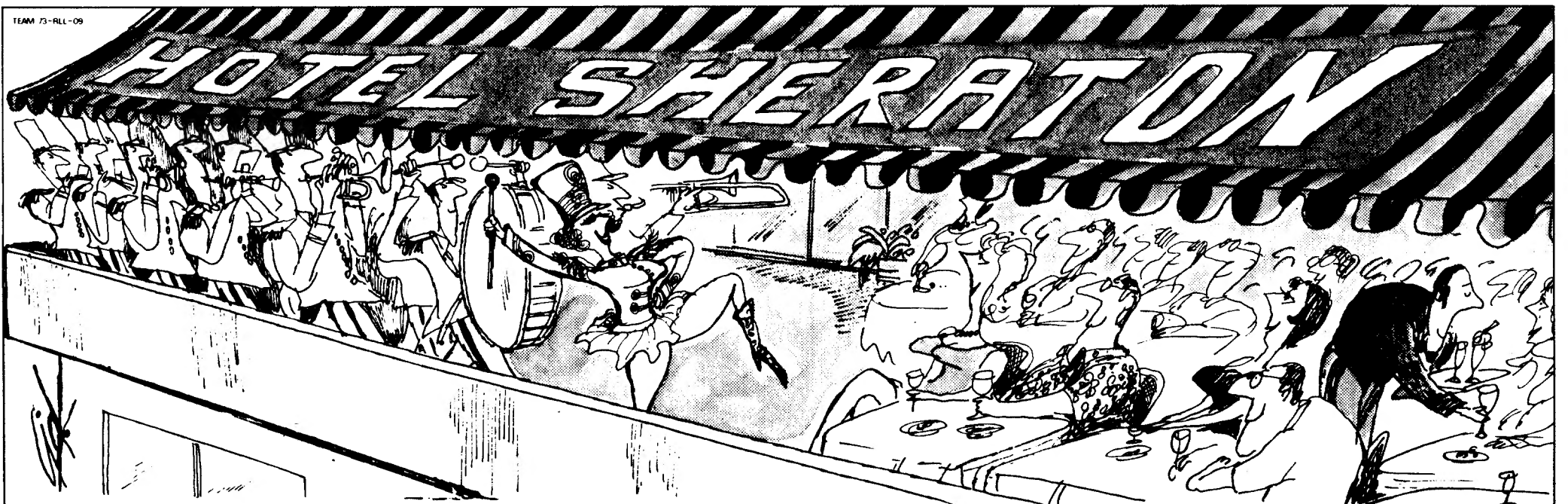
P. S. — Como talvez se tenha entendido, este textozinho é desdedicado a Artur Portela Filho, autor da crónica «Mais bela do que a mais bela encenação de Vítor Garcia».

OS FRANCESES E A CULTURA

Este Suplemento já se referiu às reacções provocadas por algumas propostas formuladas pelo novo ministro da Cultura do Governo francês, o escritor Maurice Druon. Posteriormente, um outro grupo, de intelectuais e artistas bastante menos numeroso e qualificado, iniciou uma contra-ofensiva atacando aquilo a que chama os *grupos de pressão para os quais a arte não passa de um meio, e a subversão, um fim*. Alguns nomes relativamente conhecidos e inevitáveis: Jacques de Lacretelle, Thierry Maulnier, Pierre de Boisdeffre; outros talvez surpreendentes para aqueles que vão em cantigas mais ou menos «planetárias»: Louis Pauwels, Jacques Bergier; actores (lista muito pobre): Simone Valère, Jean Dessailly e, forçosamente, Alain Delon, amigo da ordem e dos «gangsters».

Guy Dumur comenta: *Quase todos aqueles que acabamos de citar sempre se mantiveram próximos do poder e quase todos beneficiaram, sob uma ou outra forma, das possibilidades morais ou materiais que esse poder oferece aos seus defensores.*

CARLOS PORTO



Para inaugurar o nosso terraço do "Panorama" pensámos contratar uma banda mas não descobrimos nenhuma suficientemente grande...

para a vastidão do terraço que transformámos na mais agradável esplanada-restaurant.

Venha almoçar debaixo do Toldo e teremos todo o gosto em servir-lhe, além da fabulosa cozinha Sheraton, ar puro e fresca da "altitude" e vista deslumbrante de Lisboa.

Reservas: Lisboa - 56 3911



Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telef. 563911-41-51

UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITS

ELEITO PELOS PROFISSIONAIS DE TURISMO "O MELHOR DO ANO"

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

ACULTURAÇÕES ?

Isto de quem trabalha com horários mais ou menos normais ir ver exposições, está a tornar-se cada vez mais difícil, não só pela dispersão dos locais (o que tem, ou pode vir a ter, a sua conveniência), mas também pelo facto de as galerias comerciais fecharem ao domingo e agora também ao sábado, cumprindo assim o horário das lojas que sobretudo são.

Duas recentemente consegui ver (uma na S.N.B.A.) o que não levanta os problemas acima indicados, e muito me interessaram, por aparentemente se colocarem dentro de uma idêntica atitude de aculturação. Uma é a do lisboeta Artur Rosa, procurando uma ponte, tão pouco conseguida por portugueses, que ligue a sua produção a uma «arte tecnológica» (temos de dar nomes às coisas, não é verdade?), feita de rigor matemático e transparência formal na «preocupação explicitamente manifestada de incluir na própria obra a explicação da sua lei de construção» (E.M. de Melo e Castro, «Artur Rosa — Rigor Invenção», excelente abordagem recentemente publicada, in «Colóquio/Artes», n.º 11). A outra exposição a que me referia é a de Inácio Matsinhe, que vem de Moçambique, donde é natural, e usa uma técnica de origem europeia, óleo sobre tela, para, através de uma série de pinturas de cavalete, evocar uma história que difícil, senão impossível nos será decifrar, se dela não nos der as chaves. Pontes entre mundos diferentes pela história e pela técnica, ambas as exposições e ambos os homens (artistas) que nelas trabalharam testemunham de uma idêntica consciência de graves mudanças na civilização material dos seus povos respectivos, embora em contextos totalmente diferentes, como é bom de ver. Vejamo-las.

ARTUR ROSA

— Pintura e escultura na Galeria Judite Dacruz

Vale a pena referir aqui, brevemente, o seu curriculum. Nasceu em 1926. De 1947 a 1949 é profissional de desenho industrial no Brasil; de 1949 a 1957 tira em Lisboa o curso de Arquitectura; em 1951 começa a dedicar-se à escultura; de 1954 a 1963 trabalhou exclusivamente em arquitectura; em 1964, em Paris, trava conhecimento com a arte óptica e cinética; foi professor do IADE em 1971/2, e é actualmente professor no AR-CCO. Esta é a sua segunda exposição individual (a primeira foi em 1967, na Buchholz) e a obra mais significativa, inteiramente

realizada, é o painel para o edifício da Fundação Gulbenkian.

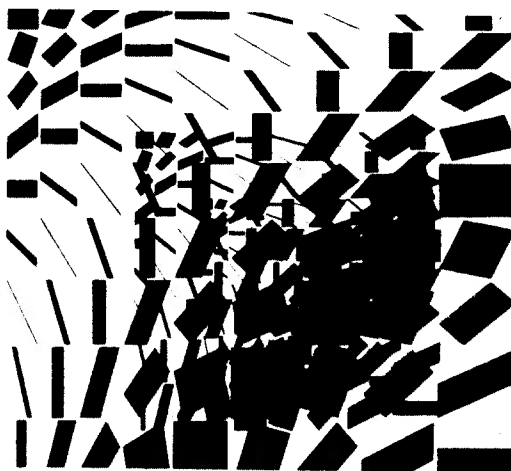
A presente exposição mostra desenhos, serigrafias, pinturas, uma tapeçaria e esculturas, ou melhor, maquetas de esculturas para espaços urbanos, como o seu título genérico claramente indica. O pequeno catálogo que a acompanha lembra excelentemente o conjunto da sua obra com fotografias de exposições e de trabalhos anteriores, situando assim a exposição numa continuidade de trabalho(s) que a tornam mais legível em termos de investigação espacial que é, o que

a presente exposição, tal como está, parece esconder. Com efeito, o predomínio da serigrafia, o aparecimento, para mim surpreendente, de uma tapeçaria, a diminuta escala das maquetas, que não são designadas expressamente como tal, propõem uma imediata leitura ao nível da decoração e do «gadget» de «boutique» de luxo, o que não é certamente o que Artur Rosa pretende.

No entanto, todas as peças apresentadas, especialmente alguns desenhos, apontam para uma leitura mais correcta, tornando-se nelas evidente o que Melo e Castro chamou «transformação espacial da forma» que cria «uma tridimensionalidade potencial resultando de um volume virtual que transforma conceptualmente a forma plana em sólido», num jogo visual-mental em que a visão e a inteligência se vão mutuamente corrigindo na busca de novos ritmos de leitura, e em

que um desenho como, por exemplo, «Da Recta ao Triângulo», nos obriga a uma atenção ao mesmo tempo sistemática e livre e nos ensina, pela sua própria evidência, que ver é sempre descobrir...

Por outro lado, as maquetas, lidas como tal, apontam para uma intervenção no espaço da cidade (e são, ao mesmo tempo, concentração e pulverização de espaços). Interessante será verificar quantas e quais se irão realizando, e se surgirá alguma encomenda definida, já que o caso da Gulbenkian constitui, por enquanto, excepção, para que Artur Rosa se não veja obrigado a dar forma a uma vocação de decorador que, felizmente, não creio que tenha (e que é justamente desmentida pelo seu trabalho maior na Gulbenkian), mas para a qual será insistentemente empurrado pela inércia do ambiente que o cerca e da encomenda que o caracteriza.



ARTUR ROSA

INÁCIO MATSINHE

— Pintura e desenho na S.N.B.A.

«As dezanove horas e trinta e cinco minutos do dia dezoito de Fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, nasceu no chamaculo (Xilunguine Ka-Mpfumo), Inácio Matsinhe, de cabelo carapinhado e lábios grossos.

«Fez o curso de Artes Decorativas da Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque, de

Lourenço Marques.

«Participou em várias exposições colectivas e individuais, em Lourenço Marques, 1964, sua estreia artística; depois em Inhambane, 1965, onde se ligou ao «G upo Sete», que se desmembrou mais tarde; foi seu activo impulsor. O curriculum continua com uma lista de exposições até à do

Porto (Janeiro de 1973, coincindo «o público não visita exposição»).

«Que dizer? E como? Que instrumentos tenho para ler esta pintura de um homem que de pintura até deve ter recebido uma formação tradicional (europeia)?

Uma leitura formal falaria de indecisões e irregularidades, falaria das influências e do Malangatana que está na moda cá em Lisboa, calando talvez aquilo que realmete eles têm de comum.

De certo modo, Matsinhe, expondo em Lisboa, expondo-se, assume o risco destas leituras, como assume o risco de pintar um quadro para os que não podem entender do modo como ele gostaria melhor. Por isso mesmo, é o próprio Matsinhe quem, no catálogo, nos dá, ou tenta dar, algumas chaves que são temas, e intenções:

A temática dos meus trabalhos baseia-se, fundamentalmente, nos conflitos psicológicos e sociais resultantes do choque entre as tradições herdadas dos nossos antepassados e a integração de uma nova cultura.

Assim de entre os problemas resultantes de tal entrecruzo há um que se destaca e me inquieta, a todo o instante, — o Mudhiwa, que constitui para mim uma espécie de raiva existencial, seja para a grande parte do Povo Moçambicano (sobretudo para as gerações mais velhas) um fascínio, a tal ponto irresistível que acaba por se tornar uma necessidade constante.

Para os jovens o Mudhiwa poderá trazer sacrifício e abnegação totais — penso, irá a juventude prosseguir a tarefa iniciada pelos nossos antepassados, com o Mudhiwa, ou recusará totalmente essas crenças?

Quanto a mim, e por isso é que nos meus óleos e desenhos se verifica o predomínio desse tema, farei tudo para que os jovens, pelo menos, não aceitem tais crenças.

Em tudo há que evoluir, para se alcançar a felicidade pessoal e, depois colectiva.

Não se trata, porém, de recusar, no todo, tradições e costumes, mas a verdade é que se impõe superar valores que não contribuem para uma dignifi-

cação humana.

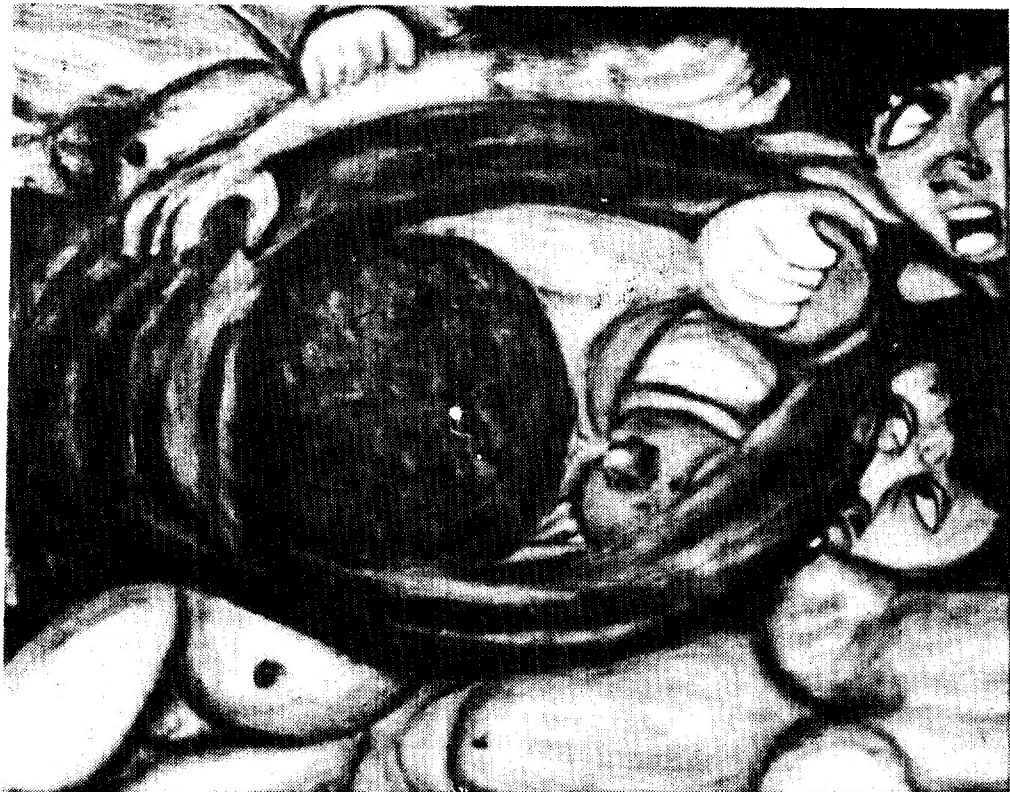
Mas quem a poderá promover? creio que será esta uma tarefa para os jovens principalmente daqueles que, conseguindo transmitir valores, da sociologia moçambicana, isso, sim, é que contribuirá para a comunidade. E satisfaz-me tudo quanto eu puder fazer para que os jovens recusem tais crenças, embora como há pouco afirmel, sinto que os meus trabalhos não me satisfazem inteiramente. Sinto que têm falhas, na pesquisa? na expressão? sei, contudo, que procurei ser honesto, os meus trabalhos representam o melhor que eu soube e pude. Mas não desisti de continuar a dedicar-me ao tema do Mudhiwa assim como a outras tradições e crenças dos Povos de Moçambique, que precisam de evoluir e trabalhar para poderem ascender aos mais altos graus da felicidade hoje já ao alcance de todos os homens.

Quem entender este texto, até nas suas contradições, entenderá também, analogicamente, a pintura que Matsinhe tem para nos propor em Lisboa... mas para nos propor a quem? Para quem pinta afinal Inácio Matsinhe? Para os que poderiam ler a sua pintura? Para hipotéticos compradores lisboetas à busca de um certo exotismo decorativo? E que sentido tem a pintura de cavalete num ambiente cultural africano?

Este é um desafio para toda uma geração. Conheço alguns artistas moçambicanos que se situam entre o artifício que já não produz arte de aeroporto e um pintor conhecido e adulado como Malangatana. Embora de culturas e tradições diferentes, o que neles me atrai é o ponto de encontro que há entre todos eles, o desafio que aceitaram e a aposta que consigo próprios fizeram, testemunho que são de uma cultura que tenta contruir-se a cavalo em tradições diferentes, numa imaginação que tem tanto de colectivo como de individual.

Só a história inventora, recuperadora, produtora, também de valores no-lo dirá. Porém, e por agora, este retrato de Moçambique pelos seus parece-me ser uma etapa necessária um (re) conhecimento de si própria que através da pintura se faz.

Entretanto, nesta faixa ocidental da Europa, de outro modo nos iremos retratando, uma «sociedade» portuguesa que descobriu a «necessidade da arte», coleciona e acumula, transformando a cultura num símbolo do «standing» económico, esquecendo que a encomenda é, tantas vezes, estelizante, e tão poucas, verdadeiramente criadora. Mas de onde virá essa encomenda criadora?



INÁCIO MATSINHE

O cinema "underground" nos Estados Unidos

Continuação da página cinco

Havia igualmente problemas legais de censura e licenças, em virtude do conteúdo controverso dos filmes. Os produtores «Underground» mostravam os seus filmes em casa, a amigos, ou por vezes, em teatros alugados. Mais tarde os seus filmes foram exibidos por museus ou universidades e os artistas organizaram exposições e festivais. Em 1962, foi fundada, na cidade de Nova Iorque, a Cooperativa dos Produtores cinematográficos; para a distribuição de filmes «Underground», em San Francisco, Bruce Baillie organizou a «Canyon Cinema Cooperative», para o mesmo fim. Em virtude do interesse pela produção cinematográfica criado pelo «Underground Avant-Garde», um determinado número de universidades incluíram cursos de produção de filmes nos seus programas.

Embora o «Underground Avant-Garde»

surgisse só em 1961, um quarto «avant-garde» pode já estar a formar-se: o «Expanded Cinema», que se servirá de imagens criadas por computador, «videotape» e projecção múltipla e combinará as técnicas de filme e fita gravada com actuação ao vivo e sistemas de amplificação. A utilização de equipamento de televisão acrescenta novas possibilidades de atracção e criação de um quarto movimento «avant-garde» interessado no desenvolvimento das artes de ambiente da «multimedia». A revista «Time» (de 17 de Fevereiro de 1967), quanto a este movimento, comentou: «... é algo a que se chama «expanded cinema»; uma espécie de circo de «avant-garde» no qual o cinema, teatro, música gravada, escultura cinética e pintura luminosa se fundem numa singular experiência arrebatadora».